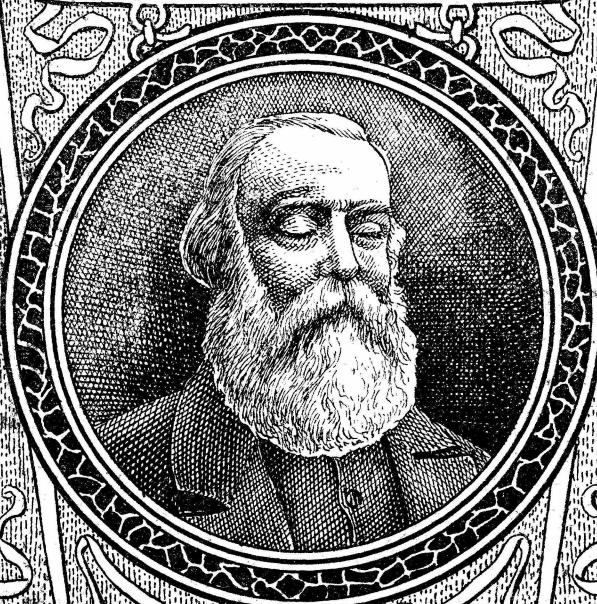


OBRAS COMPLETAS
DE
A. F. DE CASTILHO

— 21 —

O OUTOMNO



LIVRARIA BARATEIRA
LISBOA
34-RUA do DUQUE-36. Tel. T. 1264

OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 21.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º v.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º v.)
- VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS — Apreclações mo-
raes, litterarias, e artisticas.
- IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
- X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
- XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
- XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
- XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
- XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)
- XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)
- XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.º vol.)
- XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.º vol.)
- XVIII — EXCAVAÇÕES POETICAS (3.º vol.)
- XIX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (1.º v.)
- XX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (2.º v.)
- XXI — O OUTONO 1.º vol.)

NO PRÉLO :

XXII — O OUTONO (2.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XXI

O OUTONO

VOLUME 1



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA

|| TYPOGRAPHIA

Rua Augusta, 93 || 45, Rua Ivens, 47

1905

..... Pergat ad inum.

HORAT. — *Art. Poet.*

ADVERTENCIA DOS EDITORES

A Castilho sollicitavam os seus amigos, publicasse nova collecção de versos, desde que em 1844 sahiram á luz as *Excavações poeticas*. Absorvido n'outros trabalhos, resistia o poeta a essas amigaveis instancias. Em 1862, finalmente, consentiu em que excavassem por elle nos seus papeis, e coordenassem um volume. E' este. Pediu licença a el-Rei o senhor D. Luiz, e dedicou lh'o.

¿A pessoa encarregada das buscas exageraria o encargo, juntando entre algumas peças monumentaes algumas bagatellas? talvez; mas é preciso notar uma coisa: a critica affectuosa não conhece limites; aos seus olhos tudo parece digno de ser salvo do esquecimento; e diz ella de si para consigo: conserve-se tudo, e o Publico joeirá.

Eis ahi a explicação de se toparem n'este volume peças fugitivas, feitas a correr, por motivos occasionaes, muitos d'elles futeis. O merito das mais notaveis compensa á farta o peso leve das taes *bagatellas*.

A SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA

O SENHOR DOM LUIZ

SENHOR :

Ainda el-Rei D. Pedro V, que Deus haja, governava este Reino, e para annos largos nol-o promettia a sua florente e virtuosa mocidade, quando eu sollicitei e obtive do senhor Infante D. Luiz a licença de offerecer a Sua Alteza a presente collecção de poesias.

Era um publico testemunho que eu desejava prestar de desinteressado e agradecido affecto ao Infante herdeiro dos espiritos do de Sagres, pelo summo favor com que na sua viagem a Africa Sua Alteza se dignára de me honrar na pessoa de meu filho, simples aspirante de Marinha sob o seu commando.

Sua Alteza, apreciando n'aquelle mancebo, quasi creança ainda então, o seu enthusiasmo pelo bello, a sua paixão pelo mar e pela Poesia, e o entranhado affecto com que lhe recitava de cór os mais sublimes poemas de Hugo e Lamartine, de Byron e de Manzoni, concedia-lhe generoso largas horas da

sua intimidade artistica; allumiava-o com as observações da sua critica; repartia com elle os frutos do seu saber, e tacitamente m'o confirmava no culto civilizador das boas artes.

Não é a vaidade que em mim fala; é a gratidão. Não é a um herdeiro do meu nome, é a Sua Alteza que eu exalto com estas verdades, já aliás registadas para a immortalidade por um dos nossos mais eloquentes historiadores, Rebello da Silva, na biographia de Vossa Majestade Fidelissima.

*

Prouve depois á Providencia levantar ao throno aquelle Infante de optimos auspicios: formado pelos estudos, pelas viagens, pelos trabalhos, pelas dores, e pela Poesia.

Hesitei á porta do Paço com a minha humilde offerenda nas mãos, incerto se ousaria apresentar ao Monarcha, absôrto nos interesses de todo um Reino, um ramalhete que só fôra destinado a um Principe esclarecido, e com horas vagas para se entreter com amenidades de poetas; mas decidi-me: pago ao Rei o que ao Infante promettêra.

Ainda bem que a alma e coração que lá me namoravam no esconderijo volante de um navio, reapparecem aqui egualmente convidativos sob as abobadas do palacio. O homem que honrava a farda, avulta ainda com todos os seus dotes atravez da purpura.

*

Senhor: A affeição que Vossa Majestade Fidelissima consagra ás Letras e ás Artes, é

quanto a mim, um ditoso auspicio para o seu reinado.

Depois que a philosophia começou a sahir da infancia, entrou-se logo a perceber que o bello e o bom, o verdadeiro e o util, eram emanções do mesmo Principio Eterno, e elementos, sob apparencia de antagonistas, mutua e simultaneamente conspirativos para a felicidade da Humanidade.

As fabulas dos grandes poetas a amansarem feras, edificarem cidades, reunirem povos, erguerem templos, crearem leis, costumes, artes, e civilisação, tudo pelo influxo prestigioso de suas lyras, se não continham historia, encerravam sem duvida prophecia. A idade dos Orpheus não passou; está para vir, e de seculo para seculo se avizinha. Já n'esta ante-manha se está pressentindo o que quer que seja do seu clarão, da sua fragrança, e do seu calor. E' um dia que ha-de vir crescendo harmonioso e doirado sobre as pedras dos nossos tumulos, fazendo depois florir os ciprestes de nossos filhos, e frutificar, e cada vez a mais, os dos nossos netos.

A Poesia, na sua accepção ampla e verdadeira, é o antever de muito longe, o ousar denodado, o cravar olhos no sol do ideal sem trepidar, e ver no homem, tão claramente como o corpo que pede pão e vestido, um espirito que exige luz, um coração que só de amores se alimenta. Isto é a Poesia; e esta Poesia é a que está predestinada a ser Politica.

Entre os que só olham para a terra e para a seara, para a machina, para a estrada e

para o vapor, muitos rirão d'esta fé; mas não rirá por certo Vossa Majestade, que lê e medita Hugo; Vossa Majestade, comprazo-me de o acreditar, dá graças lá por dentro á Providencia de o ter mandado ao mundo n'esta éra, em que, pelo apuro das intelligencias, se estão preparando taes destinos; e ambiciona mais que tudo fazer do sceptro vara de propheta, que, dando nas rochas aridas, as desentranhe em fontes copiosas.

Com estas persuasões minhas ácerca das ambições generosas de Vossa Majestade, ainda mais me confirmei na esperança de que alguns d'estes meus versos haviam de ser por Vossa Majestade recebidos com boa sombra; e logo que o fossem, algum proveito poderia advir por elles á nossa terra.

*

Senhor: Em quanto o primeiro dos nossos poetas lyricos e dramaticos está, deposta a lyra, provando nas salas do Governo que o engenho é para tudo, e que o reino da Poesia prática realmente se approxima, consagro eu, religioso e devoto, os remanescentes do meu estro, se porventura o tive alguma vez, á mais urgente de todas as tarefas sociaes para a presente idade d'este Paiz.

Este livro vai cheio de versos, que a philosophia, a caridade e o amor á Patria me inspiraram. E' portanto, moralmente considerado, um açafate de frutos do meu outono, como a *Primavera* fôra um ramalhete das boninas da minha adolescencia. Não são

frutos de enlevar olhos por formosos e raros; mas, como incluíam substancia que talvez nutra, e sua virtude medicinal, e conttenham algumas sementes proveitosas, já não serão por Vossa Majestade desdenhados.

*

Senhor: Tenho eu para mim que a Política n'esta idade alta, d'onde se avista para o occaso e para o nascente, já se não póde esquivar, sob algum pretexto, de trabalhar seriamente para as gerações futuras, começando pela infancia actual. Estas creanças, alegria, musica, vaga esperança e cuidado sollicito das famílias, estes débeis innocentes, estes cidadãosinhos ainda sem direitos formulados, estes esbóços de homens e mulheres ainda sem encargos, estes espiritos que um arrebol de rasão apenas illumina, vão ser dentro em breves annos a Nação toda. Encherão e dominarão a cidade. Nós dormiremos no cemiterio. Dos bens e males que elles fizerem, grande parte ha-de ser lançada á nossa conta, como á conta d'elles se carregará grande parte do mal e do bem que lá ao diante vier a surdir nos seus herdeiros.

Preparemos pois para tamanhas responsabilidades estas creanças; allumiemos-lhes o espirito, que será ensinarmos-lhes a amarem-se e a bemfazerem-se em si e nos seus, conhecidos e desconhecidos, proximos e remotos.

Sejâmos como o seareiro providente: não semeemos só para haver alimento na nossa meza; semeemos muito principalmente para as sementeiras ulteriores.

Todas as variadissimas instrucções de que se ha-de compôr o dote que devemos á nossa descendencia, teem a primeira raiz na instrucção elementar. A escola primaria deve ser tão franca e tão obrigativa a todos, como a pia baptismal. O instituidor primario obrigam-n-o os sagrados cânones da philosophia moderna a ser para os espiritos infantis um perfeito cura de almas, accessivel a todos, grave sem carranca, familiar e alegre sem mate no respeito, claro e amavel na doutrinação, prégando pelo exemplo a bemquerença mutua; um varão de conselho autorisado, que as familias respeitem como um vice-pae de todas ellas; um individuo de eleição, que saiba, possa e queira cultivar simultaneamente na população pueril o entendimento, o coração, e o corpo: o corpo para a vida, para a saude, para a longevidade; o coração para as virtudes e para a harmonia; o entendimento para a sciencia e para a verdade; o entendimento, quanto cabe em entes limitados, para aguia; o coração, para pomba; o corpo, companheiro inseparavel de ambos, para athleta, que se atreva com as durezas e trabalhos que o aguardam inevitaveis ao longo da vida.

A tudo isto ha de attender com perfeita fé e caridade o instituidor, e forcejar pelo conseguir até onde lh'o permittam as suas forças, os seus recursos, e os designios da Providencia, que é, ninguem já hoje o duvida, a progressista dos progressistas, e a mãe sempre sollicita do genero humano.

Demos embora, ou nas más horas, aos egoistas, aos de curto alcance, aos apathicos,

aos que só aspiram ao presente, que a regeneração cabal do futuro pela instrução universal do Povo em flôr e em germen, poderá não passar de utopia; é já tão nobre e tão santo o crêr n'ella, que todos os sacrificios lhe são devidos, e para ella convem se enderecem todos os esforços. O de que porém se não pôde duvidar no actual adiantamento da philosophia, é que, se, postos sinceramente os meios para bem crear e educar, se não chegar ainda á perfeição, muito e muitissimo se ha-de conseguir; e tanto basta para que o tental-o nos fique sendo logo obrigação.

¿Mas onde estão realmente os sacrificios que espantem e intimidem a quem tenha alma e discurso, entranhas e hombridade, quando se trata da reconstrucção, ou, por falar com mais acerto, da fundação, da verdadeira escola elementar? Em nos levantando um pouco acima dos preconceitos, com que nos afizeram desde os primeiros dias, em nos começando a envergonhar de repetirmos que no ensino das primeiras letras não cabe novidade, nem philosophia, em nos convencendo devéras de que, onde tudo no mundo cresce e se desenvolve, não é verosimil nem concedível, que os institutos elementares sejam os unicos fatalmente condemnados a nunca sahirem do seu estado embrionario, selvagem e anachronico, desde logo nos sentiremos naturalissimamente predispostos a crêr, que se deve olhar para estes viveiros do porvir, como para coisa immensa e a mais momentosa, em que ha muito que se pôde e se deve fazer; e que

esse *muito* para os resultados de afortunacão, segundo as ideias que se devem ter da Providencia e do progresso, não póde ser tão difficiloso como se figura a quem prefere ao investigar e discorrer, o dormir á sombra mortifera das preocupacões hereditarias.

Cada idade do genero humano aproxima-lhe novas luzes, e lhe traz novos encargos. Outros seculos virão revelando e pedindo mais, e sempre mais, no assumpto que tratamos. Sem nunca se chegar á perfeição absoluta, ir-se-ha sempre tendendo e caminhando para ella.

Cada era trabalhe no seu andaimo; o andar que ella edifica ficará para fundamento do que para cima se lhe ha-de levantar; os lanços que já lá ficam para baixo lh'o affiançam. Esta nova Babel, é Deus mesmo quem nol-a inspira.

*

¿A que se reduz a nossa tarefa de hoje? Medito n'isto ha muitos annos; consultei os factos; allumiei-me da experiencia; consolidei convicção; dil-a-hei aqui a Vossa Majestade, que póde mais, e muitissimo.

Factos averiguados:

Os analphabetos invejam a instrucção para si, porque, mesmo na sua ignorancia, já reconhecem que ella é uma força. Se a não procuram, se offerecida a não acceitam, é porque os intimida a demora, a difficuldade, e o tédio do aprender.

Não só os analphabetos, mas ainda muitos dos que sabem lêr, esquivam seus filhos

á escola, pela certeza experimental de que ali se lhes consumiriam enfadonha e miseravelmente annos e annos, com pouco e ruim fruto para a intelligencia, com muito e notorio estrago para a innocencia e para os costumes, sem nenhum lucro perceptivel proximo nem remoto; sendo de mais a mais esses annos de supplicio dos seus queridos innocentes, lucros cessantes na economia domestica, para a qual esses pequenos entes podem já contribuir com mil serviços valiosos.

Os paes, que possuem coração, e as mães, que não possuem quasi outra coisa, confrangem-se com a lembrança de que os tenros penhores de todas as suas affeições hão-de ir ser de dia a dia suppliciados pelo phantastico delicto de não entenderem o que lhes não é intelligivel, de não amarem o que lhes é por mil modos odioso e repugnante.

Os miseraveis innocentes vêem na escola um carcere e um desterro; no mestre um juiz apaixonado e um algoz; no ensino um cahos; fogem dos bancos escolares sempre que podem; distrahem-se, até por instincto de vida, de uma applicação, a que nem a intelligencia, nem a phantasia, nem o carinho, os affeição; tomam odio prematuro aos livros, que os despojam das suas mais suaves horas, sem nada lhes darem, nem prometterem; regam-lhes as enigmaticas paginas com as lagrimas em que se desfazem os seus brios interiores aperreados, muitas vezes destruidos á nascença, por uma escravidão ignobil, insensata, e inutil; na primeira hora em que o podem, dilaceram-n-as com

o mesmo asco e horror, com que pisam e destroem no campo um reptil hediondo e peçonhento. Appello para as reminiscencias de quantos em pequenos cursaram aquelles ridiculos e mentirosos seminarios de instrucção e educação. ; Ainda mal, ou ainda bem, que Vossa Majestade o não sabe por si proprio! Vossa Majestade recebeu o primeiro ensino de Sua Mãe, como todos o devêramos receber, como todos o receberão sem falta, quando, realisada a utopia de hoje, as escolas publicas, já então bonissimas, se fecharem por supérfluas, havendo em cada casa a instituidora natural habilitada para o ser, a mulher que deu a vida e o leite, e a quem tocará ministrar completa toda a primeira amamentação da alma.

Estes são os factos; ; mas as causas d'estes factos deploraveis quaes serão? Estudei-as, e tambem as reconheci; quero aproveitar o lanço de as expôr a Vossa Majestade; talvez se me não depare outro, e o caso é de consciencia.

*

Muito zombeteiro estulto, muito praguento sem alma, ha-de fechar o livro n'este passo; mas como Vossa Majestade o leia, e ha-de lel-o, pouco importam aquelles desdens. Não sei se me escutará numero grande ou pequeno de Portuguezes; sei que me vai escutar Vossa Majestade, e pesar na balança recta do seu juizo as rasões que lhe offereço, acolhendo-as, ou rejeitando-as, segundo lhes reconhecer, ou não, verdade.

*

Que é uma creança? E' um ente novo, cuja indole se vai preparar. Póde preparar-se bem, ou mal. Preparada devidamente, o afortunará a elle, e por elle aos mais com quem o aguardam relações activas e passivas de todo o genero.

Este ente novo, recommendavel pela fraqueza, sympathico pelas graças, interessante pela innocencia, é cristallino e transparente por todos os lados. Vê-se-lhe por dentro, mergulhado em luz, tudo que por lá viceja e floresce; não recata, não dissimula, não finge; nada d'isso lhe ensinaram ainda. Ninguém passa, que o não olhe; ninguém o vê, que o não conheça a fundo e a intimo; e ninguém de coração o chega a conhecer, que o não adore como a um objecto puro, santo, melindroso, que está sem voz intimando todo o favor que merece, que está indicando sem sciencia todos os carinhosos soccorros de que necessita.

Que alto encargo não é pois o de quem ha-de jardinar estas flores humanas!

Ha no menino um corpo medrançoso, mas fragil; importa coadjuvar a Natureza a desenvolvê-lo. Ha um coração, terra de paraizo, em que só se devem semear os bons affectos. Ha um espirito ávido, soffrego, insaciavel de conhecer o mundo, que o desatina com tantas novidades e mysterios. Aquelle corpo tem as forças em embrião; aquelle coração possui em germen os instinctos sociaes; aquelle espirito foi fadado com uma logica simples e recta, que pede instinctiva-

mente a cada causa os seus effectos, a cada effecto as suas causas.

Reconhecidos estes dados fundamentaes, está achado o epilogo da primeira creação; é mistér seguil-o, sob pena de se incorrer em sacrilegio e impiedade; em deshumanidade e absurdo; em infanticidio e homicidio.

*

Nada d'isto se poudo enxergar em seculos pouco reflexivos; mas é já muito grande vergonha não o comprehender hoje em dia.

Nos paizes mais bem medrados pela cultura em entendimento e em amor, teem sido bem apparecidos, e escutados seriamente, os alvitristas da educação pueril, humana e christan, luminosa e liberal. Os trabalhos praticos dos Pestalozzis, Lemares, Jacotots, e Frœbels, são crêdores de universal agradecimento; e algum dia alcançarão toda a honra que lhes é devida.

Defenda-me Deus da fatuidade de querer medir-me com o mínimo dos homens d'essa pôlpa, na vastidão e profundez das ideias; mas como cada homem, devendo justiça aos outros, a deve também a si, e lhe cabe reivindicar-a, se lh'a denegam, direi, sem modestia nem orgulho, que o *Methodo portuguez*, segundo o traz comprovado a experiencia, é, não menos que as obras d'esses grandes engenhos, um beneficio, não para se agradecer (não foi feito para isso) mas para se acceitar e aproveitar-se, sem nenhuma duvida.



O *Methodo portuguez*, Senhor, por vezes o tenho repetido, abona mais a boa vontade que o talento do seu autor. Não brotou, qual ao presente se acha, completo, adulto, e armado, do cerebro de um homem. Comparando-o nas successivas edições que d'elle se teem vindo filiando, sem custo se averigua, que o autor metteu para a obra mais cabedal de zelo, paciencia, e observação, que de engenho creador; que teve por collaboradoras as proprias creanças, com quem e para quem trabalhava; que foram as difficuldades mesmas, não previstas a principio, e surtidas depois inesperadamente, e em cardumes, as que a pouco e pouco suggeriram os expedientes que as haviam de destruir. A escola, em que tanto tem lidado, não foi para elle por muito tempo senão uma quinta experimental, em que baldou muita semente, errou muito calculo de estações e de meteóros, quebrou e enjeitou muito instrumento, de que se havia applaudido em quanto o ideava; mas como em todo aquelle grangeio andou sempre sincero e consciencioso, mais sollicito de realidades de abundancia que de vanglorias miseraveis, o correr do tempo fez o seu officio: afugentou as illusões, assentou as verdades, sanccionou os processos prestadios, e veio a converter a quinta experimental, que foi, na quinta modelo, que hoje é.

Defendendo portanto o *Methodo portuguez*, creado com tanto amor, e tão escrupulosa probidade, nenhum homem de juizo são, e honesto, dirá que advogo uma gloria

minha, mas sim uma herança patria, em que eu suei, callejei, e envelheci, no meio dos cantares e das alegrias dos meus imberbes e innumeraveis cooperarios.

Toda esta cultura, desde a primeira arroteação até á actual prosperidade, tem sido singelamente executada á vista de toda a gente; toda a gente, quer o-confesse quer não, sabe portanto(e se o não sabe é porque acintê o não quer saber) que a nova escola, estudada na propria indole dos rapazi-nhos, edificada e aperfeiçoada com elles, satisfaz, ou a todas, ou, inquestionavelmente, ás principaes indicações da philosophia ho-dierna em taes materias.

*

Voltemos ao que ha pouco assentáramos como bases. Muito de industria repisamos, e havemos de repisar, n'estas materias ainda não vulgares.

¿Que pede o espirito dos meninos? no-ções claras, legitimamente deduzidas, desde o mais simples até ao mais complexo; um processo de passo a passo, sem lacunas nem saltos, desde o natural conhecido e familiar, unico ponto de partida racional, até ás sum-midades do artificial, para onde é o itinera-rio. Muito bem; ¿que faz então o *Methodo portuguez*? faz o mesmo que fez de certo o inventor da escrita e leitura; porque, não cessemos de o repetir, ensinar uma arte qual-quer, é creal-a para quem ainda a não pos-sue; e a mais segura carta de guia que para tal fim se póde seguir, é a historia mesma,

documentada ou conjectural, d'essa primitiva criação.

Não havia ainda escrita nem leitura. Um genio, esquecido hoje pela ingratidão dos seculos, mas como que inspirado pelo Ceo, sonhou um dia no quanto seria util fixar-se, se fosse possivel, em vestigios perduraveis, a linguagem dos sons, reflexo instantaneo das ideias e affectos. O pensamento havia sido, por um don divino, convertido em fala; importava forcejar em que a fala se convertesse, por outro don quasi tão divino como o primeiro, em signaes fixos, rigorosos, tão claros, tão intelligiveis, como ella, mas que podessem chegar a distancias de logar e tempo, a que as fugazes ondulações sonoras do ar não abrangiam.

Achado isso, se jamais se podesse desencantar, ficava o homem supérstite a si mesmo, immortal na convivencia dos seus semelhantes. Perpetuar-se hia a lembrança dos tempos, dos successos, dos descobrimentos, dos inventos. Nenhuma conquista momentosa do espirito ficaria mais em contingencias de esquecimento. Cada idade, dotada *in integrum* com o melhor das noções das idades precedentes, edificaria sobre bases mais altas, mais amplas, e mais sólidas, a sua tarefa de progresso.

Era sublime o sonho d'aquelle Prometheu. A Divindade que lh'o inspirára, não o desamparou no temerario commettimento.

*

Para chegar á resolução do problema que se propozera, começou racionalmente por

averiguar, para a reconhecer, a mechanica da linguagem falada, que era para elle o unico ponto possivel de partida.

¿Se inventasse um signal, um traço, uma figura, um caracter, gravado ou pintado, correspondente a cada palavra, a cada um dos membros distinctos, de que a phrase pronunciada se compunha?... Estendeu a consideração pelo innumeravel dos vocábulos, e esmoreceu. ¿Como crear tantos signaes?... ¿Como distribuil-os, sem perturbação, pelos vocábulos?... ¿Com que fio encaminhar a memoria para os reconhecer a cada um, e a todos, e de relance, em tão abstruso labyrinth?...

O genio, quando verdadeiro, não recúa diante da difficuldade insuperavel: pára, concentra as forças, e reconsidera. Reconsiderou, e disse: Sejam embora innumeraveis para mim as palavras, de cujas diversas combinações resulta a multidão, ainda mais espantosa, dos periodos; talvez que, assim como logrei estremal-as no periodo, possa estremar n'ellas membros componentes, e que esses, os quaes eu já entrevejo se reproduzem identicos em muitas palavras diversas, não sejam em tão avultada quantia, que um exforço da vontade e da memoria os não possa dominar. Assignaladas que sejam as parcellas constitutivas das dicções, assignaladas ficarão as dicções, que são a somma d'essas parcellas.

Recitou pausadamente as palavras; converteu-se por este exame attento, de que a extensão d'ellas era desigual; que umas se proferiam n'um tempo indivisivel, outras em

dois, outras em tres, outras em mais. Eram as syllabas que se lhe revelavam. Com effeito, syllabas perfeitamente identicas occorriam na formação de termos diversissimos. Mas, por infortunio, a multiplicidade das syllabas aterrava ainda a memoria; teve de parar de novo, e de novo reflectir.

A decomposição do discurso em palavras conduzia-o á decomposição das palavras em syllabas; a decomposição das palavras em syllabas não podia deixar de o conduzir agora á tentativa de decompôr as mesmas syllabas em elementos.

A phenix ideal, que por duas vezes lhe fugira, já não podia mais esquivar-se-lhe; estava colhida no intimo do seu ninho; a multidão das syllabas, de cujas combinações resultava a multidão muito mais avultada das palavras, como as combinações das palavras originavam as combinações infinitas dos periodos, a multidão das syllabas, repetimos, era effectiva e decididamente resultado de pouquissimos elementos sónicos, primordiaes, bem distinctos, e sem esforço reconheceis.

D'estes elementos os principaes, e os menos, eram vozes simples; os secundarios, em pouco maior quantia, eram inflexões modificadoras d'essas mesmas vozes.

Creou para cada voz um signal visivel, a que se chamou vogal; para cada inflexão de voz, outro, que recebeu o nome de consoante.

No seu curto alphabeto ficaram para sempre fixados os equivalentes visuaes de todos quantos sons tinham até ali enxameado con-

fusos e fugazes no commercio dos espiritos.

Taes foram (postas de parte as incompletas, vagas e confusas escrituras symbolicas, geroglificas, etc.), taes indubitavelmente foram os primórdios da arte de escrever, filha legitima da arte de falar, mãe e socia da arte da leitura.

*

Gloria-se o *Methodo portuguez* de haver sido o primeiro que attentou n'este facto importantissimo, para extrahir d'elle consequencias praticas da maior vantagem.

O mestre e os alumnos, ao exemplo d'aquelle inventor, começam trabalhando n'um objecto que todos elles possuem em commum, que todos elles apprehenderam sem esforço, e que todos amam por isso mesmo; este objecto é a Lingua do seu Paiz. Os vocabulos, pausadamente proferidos, dão lhes logo as syllabas; as syllabas, pronunciadas e ouvidas com attenção, patenteiam a um e um os elementos constitutivos.

D'este facil exercicio nascem ainda dois proveitos, que se lhe não pediam: acclara-se e apura-se a pronuncia; corrigem-se mil barbarismos de dicção.

Contrahido em poucos dias, e folgando, o habito de analysar a palavra até aos seus elementos sónicos, sem esforço se entra no correlativo processo de recompôr dos elementos sónicos a palavra inteira e viva.

A esta synthese chamou-se leitura auricular, como escrita auricular se chamára áquella analyse.

Ahi chegado, aquelle homem creador in-

ventára as letras, dando por nome a cada uma o proprio som que ella era destinada a representar.

O mestre, que achou as letras já inventadas, não tem mais que apresental-as a seus alumnos, mnemonisando-lhes as fórmulas para que se aprendam á primeira vista, se fixem para sempre na memoria, e se não possam de fórmula alguma permutar ou confundir.

Um singelo artificio satisfiz a tudo isto: cada letra, que d'antes não era mais que uma combinação fortuita de traços, sem razão de ser, e sem péga para a phantasia, appareceu como sombra exacta de uma certa figura conhecida. Essa figura tinha uma historia, em que entrava, como parte essencial, o som, que se pretendia, por que assim o digâmos, tornar visivel. Conhecida a historia, era impossivel encarar a figura sem mentalmente se lhe ouvir o som. Apresentada a sua sombra, a letra, a reproducção do mesmo som era instantanea e infallivel.

O alphabeto foi aprendido repentinamente; não admira: se elle se havia feito folgasão e pueril na indole, rigorosamente motivado em todas suas partes, e expurgado absolutamente das ligas de valores heterogêneos, das falsificações absurdas, de que no antigo systema se acompanhava o nome de cada letra, com grave escandalo da logica e difficultação subsequente no ensino!

Sabido o alphabeto, achar-se hiam a subitas, com espanto e alegria, na estrada real da leitura ocular, os que a tempo se haviam adextrado na leitura auricular, se, por desgraça, as crueis semrasões das alcunhadas

orthographias sábias, irreconciliaveis inimigas da instrucção popular, não tivessem adulterado a formosissima simplicidade primitiva do invento.

Cada som na infancia, isto é na perfeição, da arte, foi necessariamente representado por um só character, e cada character era restricto a um som unico; assim, o ler e o escrever, eram instantaneos e segurissimos.

*

Muitas causas diversas vieram destruindo de Lingua em Lingua, e de era em era, aquella simplicidade tão discreta e proveitosa, até ao ponto de que hoje em dia qualquer palavra escrita offerece muitas vezes ao principiante tantas questões prévias para ser decifrada, quantas as letras de que a mesma palavra se compõe; e pouco menor numero de questões, cada palavra falada que se pretende escrever. Uma só letra póde corresponder a dois, tres, quatro, cinco, seis, e sete elementos sónicos, como um elemento sónico póde ser traduzido em caractéres diversissimos; d'aqui, enormes, quasi insuperaveis, embaraços para a escrita e para a leitura. Nem para uma, nem para outra d'estas desgraças, tinha remedio a escola velha, nem jámais o procurára; o *Methodo portuguez* buscou-o, e, se o não descobriu radical, porque o estrago produzido pela pseudo-orthographia era incuravel, descobriu palliativos que o minoraram.

A's difficuldades da leitura, resultantes da multiplicidade dos valores de cada letra,

acudiu com as possíveis regras que determinassem qual d'entre os valores possíveis convinha a cada letra em cada hypóthese. Essas regras, para nunca perder de vista o agrado, a attracção, a seducção para o saber, metrificou-as, rimou-as, deu-as a cantar.

*

Pelo que pertence ás questões e questunculadas da orthographia (extranha sciencia que não tem em todo Portugal dois sabios perfeitamente concordes!) o *Methodo portuguez* nada ousou directamente.

Espiritos confusos, ou de má fé, pregoaram, calumniosa e despejadamente, que o novo ensino era incompativel com isso que elles appellidavam orthographia; quando a pura verdade, sabida e provada, era esta: que o *Methodo portuguez*, a poder de analysar com os seus alumnos cada uma das palavras que se haviam de ler, e cada uma das palavras que se haviam de escrever, lhes ía gravando cada vez mais fundo na memoria alguma coisa, e muito, d'isso que em geral se condecora com o titulo pomposo e falso de orthographia.

Ninguém das escolas velhas sahiu jámais que a soubesse; nas escolas methodicas encontram-se creancinhas que parecem têl a adivinhado, e, graças ao diuturno martellar da analyse, poderiam empyricamente corrigir a muitos mestres primarios do antigo regimen.

O autor do *Methodo portuguez* desejava, e deseja ainda, para as escolas elementares,

e para a universalisação da leitura, uma escrita extremamente simples, exacta e rigorosa; mas o *Methodo portuguez* ensinou a ler o que estava escrito á moda do tempo, e ensinou mesmo a escrever em conformidade com essa leitura.

*

A pontuação, de que nunca se fizera o devido caso nos institutos da puericia, foi tida em grande conta nas escolas methodicas. Mnemonisou-se e explicou-se o tom e a pausa de cada um d'esses signaes, de que resulta sentido, alma, vida, e a graça propria a cada periodo; a creança, que pela curteza da sua idade não pôde ainda comprehender senão minima parte do que lê, lê-o todavia agora por tal modo, que parece entendel-o a fundo, e o faz gosar de seus ouvintes.

*

Omittindo o mais que se innovou com boa mão para o ensino prompto da calligraphia popular, não luxuosa, mas sufficiente, clara, e exacta, e para a leitura, igualmente mnemonisada, dos numeros, tanto arábigos como romanos, pequenos beneficios esses que a ingratidão pôde pagar á sua moda, mas já não logrará escurecer, repito que, em relação ao espirito da infancia, nenhum *methodo*, senão o *portuguez*, poz ainda até hoje por obra n'este Reino (e não quero falar nos outros, para não parecer jactancioso) o que o bom senso e a humanidade estavam indicando e exigindo.

Tornou se o estudo, de abstruso que sempre fôra, eminentemente claro; de arido e importuno, ameno e convidativo; de desconnexo e desordenado, deduzido; de diffuso e somnolento, conciso e animado.

A logica nativa dos animos novéis, a ancia instinctiva de descortinar as causas, os effeitos e os préstimos, propensões naturaes, irresistiveis, da primeira idade, tudo foi devida e religiosamente observado, servido, satisfeito.

A allegação é esta; as provas estão nas escolas regeneradas; mórmente se se compararem com as suas incriveis antagonistas.

*

Pelo que pertence ao physico, e á saude dos alumnos, ponto foi esse a que não attendeu menos o autor do *Methodo portuguez*, sincero amigo do futuro.

E' a actividade corporal uma lei imposta pela Natureza aos annos crescentes. Contrariar esta lei sem demonstrada necessidade, é affrontar sacrilegamente a Natureza, e empecer aos seus olhos o recto e normal desenvolvimento do individuo. A creança, como tantos outros animaes no começo da vida, necessita de grandissima agitação; dir-se-hia, que um mestre invisivel de gymnastica a está continuamente impellindo para o uso, até ás vezes turbulento, das extremidades superiores e inferiores, do tronco, dos pulmões e da voz. As pessoas adultas, sobretudo as já decadentes, esquecidas de terem ellas mesmas sentido outr'ora em si aquella fatalidade

irrequieta e irresistivel, forcejam por cohibir esses effeitos espontaneos de uma energia latente, em que já não podem tomar quinhão, e, abusando egoisticamente da força e da autoridade, condemnam as pobres avesinhas de Deus á immobildade, ao silencio, á escuridão, e a todas as funestas consequencias phisicas, intellectuaes, e moraes, que de taes causas se originam; infligem a almas viçosas um envelhecimento prematuro, um infanticidio parcial, que outra coisa não é o choverem gêlo e trevas sobre tão mimosos rebentos e botões de primavera.

Quererá isto dizer que recusamos á idade madura, protectora natural da idade incipiente, o direito, e a obrigação de inspecção a desenvoltura pueril, e de lhe cohibir os excessos temerarios e perigosos? De nenhuma sorte; o que unicamente pretendemos, é que as repressões só comecem, onde os abusos principiam; e que para dentro da área que elles cercam e ameaçam de longe, reine para nossos filhos o seu quinhão legitimo de liberdade. Os direitos das creanças não são menos respeitaveis, que os dos homens; são talvez ainda mais attendiveis, por isso mesmo que lhes fallecem a força e a arte para os fazerem valer.

Entre-se n'uma escola velha. Sente-se logo o que quer que seja de repugnancia, de terror, de reprobção instinctiva, de execração involuntaria, vendo n'aquelle espaço estreito, mal arejado, nem sempre bem allumiado, desgracioso, fétido, um bando de innocentes condemnados á immobildade, ao silencio, ao pasmo estúpido, sobre bancos

duros e sem encôsto, como os das galés, com as pernas pendentes, os olhos automaticamente fitos sobre o indecifrável e odioso enigma de uma pagina; isto em face de um mestre antipathico, tão captivo, tão desgraçado como elles, seu tirannizado e seu tiranno alternativamente, e a cujos lados avultam os braços millannarios do ensino desnatural, os instrumentos de dor e de vergonha, os impotentes auxiliares da inipotencia d'elle: a vara, a férula, as orelhas asininas.

¿Que fazem com effeito ali todos aquellos pobres amores, tão candidos, tão inoffensivos, tão reconheciveis imagens ainda de suas ternas mães, recém-arrancados de seus seios e de seus abraços, ainda cheirosos á suavidade do leite, ainda tépidos dos beijos, e tão saudosos da primeira e naturalissima escola em que aprenderam a fala, o andar, e, de envôlta com as noções rudimentaes do mundo e da vida, o Padre Nosso, e a Saudação angelica tão apropriada ás suas vozes virginaes e femininas?

As ameaças e os castigos chovem inutilmente sobre os miseros acorrentados. A indole nativa é n'elles mais forte que o terror que lh'a procura sopear; a desinquietação reina em todas as fileiras; surdem por toda a parte o contrabando dos risos, das conversações á socapa, os toques disfarçados dos pés, as provocações das mãos, o commercio furtivo dos olhares, os suspiros do cansaço, as contorsões da impaciencia, as lagrimas involuntarias que sulcam muitas faces, a laceração raivosa das folhas, e a cada mi-

nuto os pedidos, nem sempre outorgados, de uma licença para sahir.

¿Que significa tudo isto, espectadores homens e humanos? Tudo isto são protestos da Natureza contra uma pressão absurda, inutil, contraproducente; quando não, aguardae a hora do levantar da escola: é uma debandada, um frenesi, uma furia; saltam fugindo uns por cima dos outros; a rua, ou a praça, são campo estreito para as suas carreiras, para as suas lutas, para os seus tripúdios, para as suas guerras; é o delirio e o excesso da liberdade que se reconquistou; os livros aborrecidos tornaram-se projecteis; as vozes represadas, rebentam em celeuma; a arvore, a vidraça, o animal descuidoso, o passageiro indifferente, são outros tantos alvos ás pedradas; os mais pacatos vingam-se em arremedar, entre as risadas dos circumstantes, a carranca, as posturas e os movimentos, do preceptor.

Breve: de indoles bondosas, soffredoras, femininas, fez-se pela irritação uma especie de ferocidade, que forma a contraposição mais singular com a debilidade das forças, com o macio das vozes, com o gracioso e attractivo dos semblantes.

*

O *Methodo portuguez* não se contentou de ser logico, preciso, e luminoso: reconheceu como dever o aproveitar para os trabalhos que tinha de perfazer as tão provadas qualidades essenciaes e inauferiveis da puericia, procurando unicamente dirigil-as com

acerto e amor para os seus fins, fins grandes e grandissimos, sob as mais tenues apparencias. Em logar de ter as creanças sentadas duas ou tres horas consecutivas, contra a vontade de Deus e d'ellas, fel-as marchar tambem, todas as vezes que a lição não requeria indispensavelmente olhos fitos sobre os livros, ou sobre o quadro da leitura commum.

Para estas marchas, não tumultuarias, mas concertadas, ás quaes o gosto dos meninos se accommoda ás mil maravilhas, era essencial toda a exacção do rithmo. As mãos palmeando, e os pés accentuando as passadas, como no exercicio de marcha dos recrutas, ao mesmo tempo que marcam o rithmo, lá vão robustecendo as extremidades.

*

E' o canto outro exercicio rithmico excellente, que o methodo amigo da civilisação se não envergonha de ter aproveitado para amenisação das suas regras metrificadas e rimadas, e para os canticos religiosos, por onde abre e cerra a abençoada tarefa escolar de cada dia. Se é util aos meninos o cantarem, não é preciso perguntal-o aos naturalistas e aos medicos: reconhece-se na tendencia que em toda a parte se nota na primeira idade para a cantoria; tendencia que está por si mesma pedindo se aproveite, e se encaminhe para o desenvolvimento do gosto musico, companheiro, amigo e fautor da civilisação, da sociabilidade e dos costumes.

A escola velha, os seus parciaes apaixon-

nados, os espiritos ignorantes, e os animos rudes, improbaram e escarneceram sobretudo estas prelições musicas na primeira educação, estas palmas, e este rithmo; fizeram mesmo d'essa pobre zombaria o seu melhor argumento contra o ensino philosophico, humano, e evidentemente fecundissimo. O autor do *Methodo* já não tem a indecente humildade de lhes responder.

As vantagens da harmonia são evidentes. Cantam as salas e os theatros; cantam as officinas e as fabricas; os exercitos marcham, pelejam e triumpham, ao som de seus instrumentos; a Religião mistura com os incensos as melodias nas suas festas; ¿por que rasão a escola, que é um ninho, só a escola seria excluida d'esta communhão universal da musica?!

*

Mas o rithmo tem por si para as nossas escolas outra rasão de maior momento ainda, se é possível. Sem o rithmo rigoroso, pontualissimo, não se obteria jámais a simultaneidade do ensino; e a simultaneidade do ensino é o primeiro artigo de fé no credo sacrosanto da instrucção popular e universal. O mestre deve estar constantemente presente a todos os alumnos; os alumnos todos constantemente presentes ao seu instituidor. Os ouvidos de cem discipulos devem formar um só ouvido; as suas cem vozes, uma só voz; os seus cem pensamentos, um só pensamento; todos os seus olhares, uma só vista.

Os ensinos mutuos, as turmas, as decu-

rias, as lições individuaes, são a anarchia, o tumulto, o enxame dos zangãos; são immoralidade; são desbarate do tempo e das forças, aniquilação da vontade, esterilisação do futuro, negação do ensino, escandalo da razão, tragi-comedia disparatada, para o logar da mais séria e necessaria coisa d'este mundo.

Ora: a simultaneidade, que desterra e proscreeve das escolas todas estas anachronicas miserias, a simultaneidade, que instrue deveras, e em grande, tem no rithmo a primeira e impreterivel condição de sua existencia. Logo, o rithmo, como tudo quanto para elle concorre, as palmas, o canto, as marchas, é um progresso, que, depois de mostrado e sentido, já se não pôde sem escandalo rejeitar.

Satisfez pois o *Methodo portuguez*, quanto n'elle cabia, ás justas exigencias do espirito, e ás exigencias, não menos attendiveis, dos corpos, n'aquelle periodo da vida em que elles estão pedindo por todos os modos o desenvolver-se.

*

Os affectos, que formam, a par com a Religião, a mais segura base para a Moral, eram furiosamente sacrificados pela escola anti-methodica. A rigoridade, indispensavel n'um ensino que tinha de se impôr á força, por não saber ser claro e aprazivel, desapareceu totalmente como supérflua dos nossos institutos. E' uma educação liberal; uma educação digna de homens. A razão é consultada em tudo; tudo tem o seu *porquê*

perfeitamente intelligivel; a memoria é auxiliada; larga-se com mão attenta quanta rédea é necessaria ao movimento physico; a phantasia, que se apraz da variedade, é satisfeita; antegosta-se um pouquinho das artes, da musica, da pintura; não ha veto para o rir decente e commedido; sente-se no mestre um amigo e um pae; na applicação, um recreio regular e variado; nos palpaveis progressos quotidianos, uma satisfação para o amor proprio; as letras são de hora a hora mais familiares; os livros não são inimigos; já se não ha-de entrar para o mundo odiando os; o mestre ufana-se com o producto das suas diligencias, e já ama aos seus ouvintes, como cooperadores do seu bom nome, da sua gloria, das satisfações da sua consciencia, e dos seus sonhos regalados; a carranca d'elle desapareceu, desde que o desobrigaram de verdugo; o seu pequeno povo paga-lhe o amor na mesma moeda.

Por este lado, acceitos francamente os beneficios que o *Methodo portuguez* affiança, e effectivamente dá, onde gente accintosa e myope o não repelle, pouco resta para fazer; e o tempo, que sabe e póde mais que todos nós, ha-de trazel-o; e Vossa Magestade, em Deus o espero, sem duvida o ajudará.

*

O *Methodo* é claro, accessivel a todos os entendimentos, mnemonico, artistico; o *Methodo* é caridoso, efficaç, rapidissimo; resta que aos mestres, que dignamente o profes-

sarem, se retribua o zêlo, melhorando-lhes a fortuna; que os paes, mal cuidadosos da cultura intellectual de seus filhos, se obriguem, séria e inexoravelmente, a mandal-os á escola; que n'ella haja praso rigoroso para a matricula e para os exames; e que enfim estes seminarios, já desbarbarisados por dentro, se tornem até no exterior convidativos: não majestosos, como os templos, os tribunaes ou os palacios, mas de uma simplicidade amavel e ridente como canteiro em jardim, que, sem grandes dispendios de architecturas, attrai por mero condão de suas graças as abelhas, as borboletas, os olhos, e os sorrisos.

*

Senhor: Quando os exforços de nós todos, coadjuvados pelos de Vossa Majestade, houverem coberto d'estes bellos institutos a superficie do territorio portuguez, e a sabedoria dos legisladores tiver completado a obra, facilitando e provocando com altos premios o apparecimento, a diffusão profusissima, de bons livros populares, para todo o genero de iniciações e culturas, livros claros, formosos, sympathicos, baratissimos, gratuitos até para os pobres, gratuitos como os cantos das aves, a luz do sol, e o ar balsamico da primavera, por modo que o saber ler não seja, como até agora, uma prenda inutil, e até perigosa, então haverá raiado o arrebol da verdadeira Politica, a ante manhan de uma civilisação real, inexpugnavel, e de si, e por si mesma, recrescente.

*

Traçára eu limitar-me n'uma respeitosa pagina de dedicatoria, je eis-me já tão alongado pelo mar immenso das considerações utilitarias, das supplicas, e dos votos!

¿Apagarei agora, como descabido, o que deixo escrito? Á fé que não. E' preciso que, á mingua de qualquer outro amparo, a verdade encontre ao menos um asylo d'onde sempre antigamente a proscreviam: ao pé do Throno.

Um Principe liberal, moço, e instruido, não póde recusar-se a escutal-a, e de tão melhor grado soccorrel-a, quanto mais a reconhece desvalida.

*

¿Ah! ¿se terá chegado finalmente o dia! ¿Se a este, já cansado, já millessimo pregão de mendicidade publica, os balcões doirados do palacio se abrissem, e a mão dadivosa de uma vice-providencia deixasse cahir, como esmola sequer para os descendentes, o pagamento de instrucção que aos ascendentes se negára!...

Senhor: Muitos titulos gloriosos tem a Historia liberalisado aos Monarchas d'este Reino; mas o mais invejavel, e todavia o mais accessivel, está ainda por colher. *Pae da Escola Popular* epilogará em si o *Conquistador*, o *Povoador*, o *Lavrador*, o *Justiceiro*, o de *Boa Memoria*, o *Perfeito*, o *Feliz*, o *Piedoso*, o *Desejado*, o *Grande*, o *Restaurador*, o *Victorioso*, o *Pacifico*, o *Magnani-*

mo, o Reformador, o Libertador, o Virtuoso, e o Illustrado.

A este Rei do presente e do futuro, já n'esta hora^a antevisto em Vossa Majestade, é que se gloria de haver offerecido os frutos do seu outono

De Vossa Majestade Fidelissima

Lisboa, 17 de Março
de 1863.

o mais reverente e devoto subdito,

Antonio Feliciano de Castilho.

ADVERTENCIA

Em 1844 collegiu o autor n'um volume, sob o titulo de *Excavações poeticas*, poesias suas avulsas, umas então recentes e de todo ineditas, outras desenterradas do cemiterio literario, chamado *imprensa periodica*.

O *Outono* é segunda miscellanea do mesmo genero. Não lhe peçam unidade, chronologia, ou deducção de qualquer genero. E' a segunda sallinha de um museu pobre, particular, e sem classificação; não é mais nada.

As *Excavações* foram acolhidas com favor; o *Outono* ousa portanto contar com elle.

N'este, como n'aquelle repositorio, ha pelo menos a recommendal o, e á mingua de outro qualquer merecimento, a maxima variedade de assumptos, fórmás, e estylos, de modo que, se ninguem se contentar de tudo, ninguem pelo menos deixará de topar aqui ou acolá em que pôr olhos.

*

Das quarenta composições poeticas encerradas no volume (das prosas intercalares não ha por que falemos) umas são originaes, outras traducções, outras imitações; mas todas

portuguezas de nascença, ou por naturalisação.

São originaes vinte e oito; a saber: *Novo Anjo*,—*No transito do senhor Rei D. Pedro V*,—*A Sua Majestade el-Rei o Senhor D. Fernando II*,—*A Sua Majestade el-Rei o senhor D. Luiz*,—*Vaticinio*,—*Deprecação*,—*Agradecimento*,—*A madame Fortunata Tedesco*,—*Lettreiro posto por baixo de um retrato de madame Fortunata Tedesco*,—*A cantora Ersilia Agostini*,—*A prima-dona Margarida Bernardi*,—*Despedida da prima-dona Margarida Bernardi*,—*Despedida de Neri-Baraldi*,—*Despedida á prima-dona Marietta Gazzaniga Malaspina*,—*Felicitação da companhia lyrica ao compositor portuguez Migone*,—*Os porteiros do Real Theatro de S. Carlos*,—*Monologo para ser recitado pela actriz Emilia das Neves e Sousa*,—*A Senhora da Nazareth*,—*Lenda dos Bailarins*,—*A constancia aldean*,—*O rapaz dos burros*,—*Arte de ser feliz*,—*Versos para a abertura do asylo de Vianna do Castello*,—*Cantiga de Giraldo Sem Pavor*,—*A tomada de Coimbra*,—*Versos no pavilhão do Terreiro do Paço*,—*Inscripções no arco triumphal da rua direita do Sacramento*,—*O Almanack de Lembranças*.

*

São traducções oito; a saber: *Adriana Lecouvreur*,—*Moreto*,—*O rapto de Europa*,—*A primavera no mar*,—*Traducçãozinha dedicada ao meu visinho da esquina, que faz criticas*,—*A invenção da azenha*,—*A invenção do cálamo*,—*Versos cantados na comedia «O Cavalheiro S. Jorge»*.

*

São imitações quatro; a saber: *O Natal do pobresinho*, — *A invenção dos jardins*, — *As metamorphoses do macaco*, — *O amor*.

Fundem as composições originaes 2866 versos; as traduzidas 1326 versos; as imitadas 456 versos.

Procedeu-se á fastidiosa estatística supra, para se acudir com ella a quem porventura quizesse reprehender ao autor haver pouca originalidade no volume.

A resposta mais cabal seria porém outra, bem susceptível de largo desenvolvimento e demonstração.

*

Em resumo, visto para mais não haver tempo, nem valer a pena, eil-a aqui:

Abstrahindo da questão mesquinha de amor proprio, doença realmente de que o autor não padece muito, entende elle que, em relação ao Publico e á Arte, as boas traducções e as boas imitações não teem menos valia que os bons originaes, e casos haverá em que lhes excedam.

Trazer para a familiaridade e fecundativo commercio intellectual dos nossos conterraneos, producções estimaveis de outros paizes, e de outras eras, conservar-lhes, ou restituir-lhes, depois de transplantadas, a sua graça originaria, e talvez não raro melhorada, se não é para se agradecer, não é tambem para se arguir.

Se o autor houvesse por systema anteposto sempre a honrinha de sacar da sua

propria substancia o fundo e a fórma de todos os seus poemas, não teria levado os seus caros leitores a ouvirem a *Invenção da azenha e a do cálamo*, cantadas por dois tão antigos poetas gregos, que até o nome se lhes apagou; não teria apresentado o *Rapto de Europa*, de Moscho, um dos mais bellos e vividos quadros da musa hellenica; não teriamos visitado com Virgilio aquella curiosa choupana de Símilo na antiga Napoles; não fariamos ideia da inspiração e sensibilidade do genio dinamarquez, tão seductor no *Natal do Pobresinho*, e na *Primavera no mar*.

Outra ponderação, e mais nada; é ainda em defesa das imitações e traducções: não será porventura bom serviço ás Letras nacionaes o provar por obras, possuirmos tão vasta, formosa e bem registada Lingua, que podemos trasladar para ella, sem quebra nem enfraquecimento, tudo quanto ressôa entre gabos e applausos nos mais bem dotados idiomas peregrinos?

*

Como os outros sentem, não sei eu; o que sei, é que todo me delicio quando vejo e provo quão sem custo a propria lyrica luxuosa dos Italianos, com as suas rimas symmetricas e abundantes, com as suas pausas fixas, com os seus esdruxulos, póde tornar-se portugueza. A *Adriana Lecouvreur*, com ser aliás um pobre drama, tem este valor muito real.

Como é já notorio que eu possuo em summo grau a virtude da obstinação quando

se trata do que me parece bom, encerra o tomo nada menos de 1532 versos alexandrinos. Já se vê que teimo na diligencia. E' porque contra este majestoso e elegante metro, nada ainda se ponderou que visse de argumento. Ao alexandrino compete, como hexametro que é, a palma em nossa Lingua, e espero que a ha-de conseguir. Dizem que é francez; tambem o Conde D. Henrique o era, mas governou cá, e creou dynastia. O hexametro, porém, é mais e melhor que francez: é grego e romano; é de Homero e Virgilio, nada menos.

Harmonia, creio que ninguem ainda excojitou negar-lh'a, e ahi é que bate o ponto essencial. «Ha alexandrinos errados e mal feitos»; ;boa duvida! em todos os metros acontece o mesmo; mas não são esses os que se recommendam: são os de Lobato Pires, os de Pinheiro Chagas, os de Mendes Leal, os de Thomaz Ribeiro, os de Pinto Ribeiro, emfim os de quem faz versos reconheciveis sem maiuscula. A pena será, se continuarem a resistir a taes exemplos os que melhor podiam dal-o; e ponho em primeira linha o meu donoso e melodiosissimo poeta Bulhão Pato, com quem mexeriqueirinhos de soalheiro teem procurado inimizar-me, não sei por quê, nem para quê. As reprehensões que lhe dou por não poetar muito mais, e sempre, são explosões da correspondida amisade que lhe consagro; e bem o sabe elle, que nunca nos encontramos sem que eu lh'as reitere.

Não ha mais advertencias previas que fazer.

*

Quanto ao titulo do livro, na precedente carta-dedicatoria a el-Rei fica dada sufficiente explicação.

D'aqui até ao dia das criticas illustradas, justas e decentes, nada mais.

NOVO ANJO

ELEGIA

No sentidissimo fallecimento de Sua Alteza Imperial a Princeza
DONA AMELIA DE BRAGANÇA

¡Troa a bradar por Ella, heroica artilharia!
¡Volteae no alarido, ó sinos da oração!
¡Chora-te, ulula, infancia! ¡Harpas da poesia,
dae aos eccos sem medo a lugubre canção!

Como a estatua da dor ao tumulto abraçada,
a pobre Mãe não sente o que em redor lhe vai;
essa urna é seu mundo; o universo lhe é nada:
harpas, infancia, bronze, afoitos pranteae.

Quanta dor exprimis, não se compara ao luto,
que os dias ennoitece á misera Rachel,
arvore sem raiz, e cujo extremo fruto
cahiu, jaz a seus pés, immaturo, e já fel.

Qual outr'ora... e qual hoje, achou se a mulher forte.
Vede-a viva e de pé nos abysmos da dor.
¡Quantas vezes no peito a fulminou a morte!
¡e respira, apegada á Cruz do Salvador!

¡Orphan!... ¡e de que Paes! ¡Viuva!... ¡e de que Esposol
vira tudo que amou sumir-se-lhe no pó.

Só lhe restava um anjo em seu ermo espinhoso;
a luz que lhe ella dera, elle lh'a dava só.

Outro anjo, o da morte, o do ineffavel premio,
lh'o andava a namorar d'entre as palmas dos Ceos;
entendiam-se os dois; a mãe no avaro gremio
sumia o seu, convulsa, olhando os mausoléos.

—«Foge, ó mãe,—lhe murmura a vencida Sciencia—
«nos ermos do Oceano um Eden ¹ te sorri;
«com a arvore da vida a mão da Providencia
«lá, onde ha salvo a mil, a salvará por tí.»—

¡Creu, vò, chega, implora; ás auras da saude,
no semblante sem côr vê rosas refflorir!
¡Oh no mar verde ninho! ¡oh ceo de alma virtude!
¡graças, graças a vós! ¡clareia-se o porvir!

Já benções mescla o Povo ás orações e aos votos;
filha e mãe, sem terror já ousam de se olhar;
da infancia e da indigencia aos tugurios devotos
por suas proprias mãos já vão seus dons levar.

¡Mas o celeste amante... é firme em seus amores;
espera, e não desiste. ¡A fronte virginal
reflorida se creu... e eram do Empyrio as flores!
¡Desce o pallido veo da boda perennal!

¡A hora bate! ¡os Ceos de par em par se abriram!
¡entre igneos cherubins alma esplendente vail
¡á terra, ao firmamento, os seus olhares giram!
¡sai d'um seio de mãe, voa aos braços d'um pae!

¹ A ilha da Madeira.

; Joven Alma feliz! nos jubilos eternos,
das virgens no alvo còro, entre o cantar sem fim,
de uma santa no luto escuta os ais maternos;
tua foi; baixa a vèl-a, ingenuo seraphim.

Na ante-manhan, lá quando o somno os olhos lassos
lhe houver alfim cerrado, exhaustos de chorar,
risonha lhe apparece; amima-a nos teus braços;
embala-a, como outr'ora usava a te embalar.

Foi-te mãe; sê-lh'o agora. Envolve-a de caricias.
; Cantava-te ella amor? Canta-lhe amor tambem;
d'ambas lhe canta a gloria. Envolve-a nas delicias
do que é teu, do que a espera, incomparavel bem.

Dize-lhe:—«Aqui na terra, é tudo fugitivo;
«remorsos o passado; o futuro fallaz;
«o presente afflicção. Quem morre, nasce. Eu vivo;
«vivo; impero; sou tua; ; e tu me chorarás?!

«Ora; espera; descansa. O anjo da guarda tua
«serei eu d'ora ávante; eu, quem te inflore a cruz;
«eu, o teu Cyreneo pela amargosa rua;
«eu, quem te eleve a fronte; eu, quem te esperte a luz;

«eu, que os maguados pés te afaste dos abrolhos;
«e onde um tumulto vês, te descubra um altar.
«Se uma lagrima ainda, ó mãe, turbar teus olhos,
«dize: O meu anjo bom não me quer ver chorar.»—

Lisboa
Fevereiro de 1852

II

NO TRANSITO

DO

SENHOR REI DOM PEDRO V

I

Ad sidera palmas

No monumento público
lidaste o dia inteiro,
desd'alva até ao véspero,
joven, Real obreiro.

Limpa o suor da púrpura
ao funebre lençol;
vae receber a fêria;
descansa; é posto o sol.

Aos do porvir artífices
dêste não visto exemplo:
juntaste um lanço amplissimo
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana aspérrima;
prostrou-te; mas valor!
Chegaste ao dia sétimo,
ao dia do Senhor.

Sobe aos eternos jubilos,
ao throno verdadeiro;
no rosto melancolico
abre o sorrir primeiro.

Olha do Empyrio os porticos
aureos com mil tropheos.
Ouve! . . . — «Bem vindo ó Principe,
«bem vindo aos patrios Çeos!» —

*

Quatro Reaes Espiritos,
d'anhos sem conto á frente,
ao som d'argenteas citharas,
aos pés do Omnipotente,

alçam em côro um cantico
de hosanna triumphal,
ao que lhes junta glorias
á gloria perennal.

¿Quem são? O Avô philósopho,
Imperador soldado;
a Mãe virtuosa, o idôlo
de um Reino libertado;

a Esposa, flor ephémera;
o idolatrado Irmão.
Tirando a c'rôa cívica
por sua augusta mão,

*

—«Vem, Neto meu magnânimo,
—diz o Guerreiro invi'to;—
«eu não passei de Romulo,
«tu foste Numa e Tito;

«recebe-a pois; pertence-te;
«lá, duas abdiquei;
«em ti abdicó a última;
«sinto-me em dobro Rei.»—

*

Então a Mãe, entre ósculos
cingindo o caro Filho,
alça na dextra auréola
de sempiterno brilho,

e impõe-lh'a. — «Quando o tumulto
«me reclamou—lhe diz—
«tremi por nossa Patria
«em mãos tão juvenis:

«;Se escorregar no solio!...
«;Se esquece a liberdade!...
«;Se o rodearem perfidos!...
«;Se o cega a majestade!...

«;Se da lisonja ao hálito
«o vicio o adormentar!...
«;Se enfim lhe fôr patibulo
«o que eu lhe deixo altar!...

«;Que transe, ó Deus, que angustias
«ao coração materno!
«Salvae-m'o Vós. E pallida
«me adormeci no Eterno.

«Não foi baldada a supplica:
«o Eterno me escutou:
«foste, inda imberbe, maximo,
«como nas cans o Avô.

«Mas toda a c'roa (je invejam-n-as!)
«tem fatal peso; e a sorte
«multiplicou-o ao cêntuplo
«na que eu te dei por morte:

«tressuas sangue... ampáral-a...
«trepidas... cai-te aos pés...
«baqueias; nobre victima,
«surge; immortal já és!

«A c'roa d'astros fulgidos
«que á tua fronte imponho,
«não prostra, não faz miseros,
«não passa, não é sonho;

«estrellam-n-a carbúnculos;
«foi co'os martyrios teus
«que os fabricou tão vívidos
«a propria mão de um Deus.»

*

—«Vem, adorado Conjuge,—
a terna Esposa exclama—
«cá se restauram vínculos
«que a morte não destrama:

«és meu, sou tua; o thálamo,
«que lá sumiste em dó,
«ornam-n-o aqui balsâmicas
«rosas de Jericó;

«tolda-o docél cerúleo
«de estrellas fulgurante;
«é no aposento lâmpada
«lua jamais cambiante.

«Côro de virgens candidas
«nos fada amor sem fim.
«Um paraizo incôgnito
«nos serve de jardim,

«onde entre as francas arvores
«da VIDA e da SCIENCIA,
«nos rulha a pomba mystica
«ternuras e innocencia.

«Cá, saciarás a indómita
«cubiça do saber;
«cá, vida de relâmpago
«se abre em perpétuo ser;

perpétuo ser! (ó extasi!)
je ante o Senhor unidos!
«Olha esta c'rôa, dádiva
«da terra entre gemidos;

«cingi-a na hora funebre,
«em que tão só parti;
«saudades são; no Empyrio
«inda as guardei por ti.

«Flores que nutre a ausencia,
«a posse vos desterra;
«ereis do chão das lagrimas,
«volvei de novo á terra.» —

*

O Irmão, alma virgínea,
coroadado de cecens,
lhe mostra ovante o innúmero
dos ineffaveis bens.

«Ao valle das miserias
«que peso te prendia,
—lhe diz—«que espero ha seculos
«ver-te no eterno dia?

«Eras o primogénito;
«e eu precedi-te; eu sou
«quem ao fugir do ergástulo
«os teus grilhões quebrou.

«Abraça-me, e agradece-m'o.
«Olha e compara: o mundo,
«antro da insciencia e dúvida;
«d'erros mar vasto e fundo;

«brenha de feras rábidas;
«vergel sobre vulcões;
«reino em que a morte é déspota;
«urna das gerações;

«confuso abysmo em vórtice,
«fallaz, horrendo, immundo,
«sem luz mais que um crepúsculo...
«é isso, é isso o mundo!

«Cá, tudo é fausto e sólido;
«cad'hora é de annos mil;
«de idade a idade, medra-nos
«sempre mais verde abril;

«respira-se nos zephyros
«amor, prazer, bondade;
«bebemos a sciencia
«na propria Divindade;

«em salas de oiro e pórfyro,
«com tectos de oiro e azul,
«poisa-se em thronos lácteos
«de alto marfim corul;

«e á luz de mil sóes trémulos
«em lustres diamantinos,
«se lêem nas sacras paginas
«mysterios e destinos;

«contempla-se o pretérito;
«devassa-se o porvir;
«e ao Trino, ao Uno, ao Optimo,
«faz-se o louvor florir.

«Depois, festins e néctares,
«no mundo nem sonhados;
«passeios e tripúdios
«por feiticeiros prados,

«d'onde, furtiva e tácita,
«vem cada ante-manhan
«flores colher punícias
«a aurora alva e louçan.

«Collinas, desde o píncaro
«vestem-se até ás faldas
«co'as selvas mais umbríferas
«de vivas esmeraldas.

«N'esses recessos plácidos,
«alígeros Orpheus,
«os seraphins ternissimos
«cantam em côro a Deus;

«e ao seu concento mágico
«respondem, resonantes,
«canoros e prismáticos
«Niagáras de brilhantes.

«Ouves ao longe Pindaros
«nas lyras a exaltar
«da crença os heroes martyres,
«e sobre o circo o altar;

«ouves em gruta flórida,
«matriz de sacra fonte,
«cantar novas delicias
«piedoso Anacreonte,

«ou Saphos, que abrazando-se
«em não indigno amor,
«votam ás virgens sábias
«as cordas do *Sinor*.

«Cad'arte, lá no infimo
«orbe terreno, escuro,
«almeja algum revérbero
«de um ideal futuro;

«todas aqui de súbito
«o encontram já sem veos!
«A Poesia, a Musica,
«veem triumphar nos Ceos.

«¡Que digo! Outra prophética
«ancia do instinto humano,
«foi sempre achar o archétypo,
«ver do universo o arcano,

«as causas dos phenómenos,
«as leis de cada ser,
«e ao grão complexo harmónico
«seu Génesis tecer.

«Só quem o lodo esqualido
«despiu na sepultura,
«e alado rei, como aguia,
«sobe á suprema altura,

«póde acalmar taes ancias.
«Livres em Deus, só nós
«vemos o immenso, o mínimo,
«o intimo. Veloz

«um nosso adejo os términos
«alcança do universo.
«N'este espantoso dédalo,
«todo entre si diverso,

«como n'um bosque os passaros
«de ramo em ramo vão,
«de sol em sol libérrimos
«girâmos na amplidão;

«lustrâmos as myriadas
«de seus feudaes planetas;
«o conto, o nome, as indoles
«sabemos dos cometas.

«Em cada opaco ou lúcido
«mundo, que roda, e vai
«na imprescriptivel órbita
«ao nuto de Adonai,

«achâmos (joh prodigio!)
«que luz, calor, grandezas,
«variâ, variando-se,
«milhões de naturezas;

«mas todas vivas, prôvidas,
«formosas de assombrar;
«todas co'o mesmo anhérito
«de sciencia e de adorar;

«todas em voz unísona
«enchendo a immensidade
«co'o psalmo solemnissimo
«de Gloria á Divindade.

«Servo fugido ao cárcere,
«gosa o dominio teu;
«dá graças á innocencia
«que em ti resplandeceu,

«e foi, entre os heróicos
«teus dons fascinadores,
«como um argenteo lyrio
«em vaso de mil flores.

«Cingindo a fronte régia,
«como eu, d'estas cecens,
«Alma gentil sem mácula,
«entra aos ignotos bens.» —

*

Disse.—Entre os Quatro Espiritos
o triste, alfim ditoso,
toma o diadema cívico,
toma o de virtuoso,

aceita o de alma ingénua;
o das saudades... ¡ai!
voltou á terra fúnebre;
teem-n-o os Irmãos e o Pae.

II

Solatia victis

Sob o ceo festival, geme e negreja a terra;
a dor que ennoita o Paço, a todo o Povo aterra;
pende os braços a industria; estão sem voz as leis;
chora o bronze do templo; ulula o da batalha,
é que a vista carnal só vê fria mortalha
onde brilhava ha pouco a purpura dos Reis.

Se ella ousasse do pó subir ao firmamento,
;como ao clarão da fé e á luz do entendimento
em gala a multidão calcára o luto aos pés!
O feretro do Heroe não vai de nós banil-o;
vai lançar-se á corrente indomita de um Nilo,
que do nadante berço extrahirá Moysés.

Cobri-o de festões e benções á porfia;
junquem flores e loiro a amargurada via
que desce do aureo Throno ao Pantheon Real.
Se o crepe nos insombra e nos alaga o pranto,
não é por Elle já: nosso mortal quebranto;
provém d'esta viuvez que obumbra Portugal.

Não se deplora o justo em paz adormecido;
a entrada do moimento, onde vai ser descido,
rescende a Paraizo, é portico de luz.
Se alguém diante d'ella ousasse pôr cyprestes,
em loiros os trocará o anjo, que tão prestes
fez radioso tropheo de uma espinhosa cruz.

Por vós só, que inda estais co'o infortunio em luta,
 continuae o chôro e o dó que vos enluta,
 multidões que lhe heis dado o derradeiro adeus;
 cada um no seu lar sente um vasio horrendo,
 como quando, alta noite, a morte andou correndo
 de poisada em poisada o Egypto á voz de Deus.

Chora o poeta, o sabio, o artifice, o guerreiro,
 o religioso, o enfermo, o pobre; um Reino inteiro;
 cada qual sente murcha uma esperanza em flor;
 mas sobre tudo chora a escola, o ninho obscuro
 onde se nutre e empenna a aguia do futuro,
 e que a sente morrer faltando-lhe o calor.

¿Quem, entretão geral, tão misera orphandade,
 se atreve a mendigar, em nome da saudade,
 um frio monumento, um bronze inerte e vão?
 ¿Temem deslembre um pae? ¿Que pedra iguala
 a Historia?

¿Um colosso caduco é symbolo da gloria?
 ¿Se a pyramide assombra, os Pharaós quem são?

Recuae, refugi, vaidosos monumentos,
 d'ante o serio varão d'austéros pensamentos,
 em quem o bom Trajano amára um grão rival;
 e que ao publico bem pospondo illusões fatuas,
 faria amoedar o oiro de mil estatuas,
 por ver mais uma estrada, abrir mais um canal.

Se é mistér um padrão a quem não teme o olvido,
 alcae-lh'o ao menos tal, que em benções envolvido,
 lhe atraía lá de cima um paternal sorrir;
 seja um templo de amor: a escola. No recinto
 se entõe, e no frontão se doire: A PEDRO QUINTO
 O POVO PORTUGUEZ CO'OS OLHOS NO PORVIR.

Lisboa, Novembro de 1861.

III

A SUA MAJESTADE

EL REI O SENHOR DOM FERNANDO II

Pois que artista e poeta ao mesmo fogo interno
devem seu resplendor, e Deus os fez irmãos,
ao Rei Artista em choro o vate em dó fraterno,
sem ousar consolal-o, oscula, aperta as mãos.

Poisa-lhe mudo ao lado, e junta pranto a pranto;
mas quando vem de longe um ecco animador,
dirá: — «Prestae-lhe ouvido: enviam-vos um canto,
lá d'entre o cyprestal, crença, esperança, amor» —

Lisboa
Novembro de 1861

IV

A SUA MAJESTADE

EL-REI O SENHOR DOM LUIZ

Se é peso enorme um sceptro ao braço mais robusto,
¿que será, quando cai da mão de um Divo Augusto
em dextra fraternal¿que a dor desfalleceu !
¿que será, quando vem de frutos avergado,
promessas verdejando, em prantos alagado,
como esse que hoje é vosso, e que era ind'hontem seu !

Haveis de o sustentar (bem sei) que a heroicidade
é já madura em vós, quando alvorece a idade;
haveis de ser Rei grande, após um grande Rei.
;Mas que esforço e que estudo exige ess'alta empreza !
¡Quanto é mister vencer a propria natureza,
e antes de impôl-a aos mais, saber impôr-se a lei !

Nós, podemos chorar; nós, povos; nós, a turba;
mas a dor, que enfraquece, e o animo perturba,
é-vos defeza a vós, bem que orphanado irmão;
no alteroso baixel, guarnição, equipagem,
passageiros, ¡que monta ! os fados da viagem
cifram-se no velar do homem do timão.

Responsavel, commum no tumido elemento,
velae pois. Võe embora a vista ao firmamento;
de lá vos clama exfôrço um Regio Inspirador.
¡Esfôrço! ¡PEDRO E-ÁVANTE em mais feliz reinado!
Recebeis todo um Povo oppresso e consternado;
trocae-lhe o luto em gloria, em jubilos a dor.

Lisboa
Novembro de 1861

V

VATICINIO

I

¡Meia noite! ¡o campo, mudo!
¡ermo horrivel a cidade!
só na etherea immensidade
se vêem lumes a scismar .

Tu me abraça, eu te saúdo,
noite cara a amor e aos cantos.
Prophetisa, mãe de encantos,
pois sou teu, vem-me inspirar.

¿Que me importa o sol e o dia,
que só mostra o que é presente,
e em seu vórtice fervente
desatina as multidões ?

Co'as estrellas, co'a poesia,
co'a mudez meditabunda,
só tu, noite alma e fecunda,
o ignorado á mente expões.

Se invocas o futuro,
se evocas o passado,
no teu sacrario obscuro
brilham clarões do Fado.

¿Ao Homem que hoje é symbolo
de um Povo, o Povo meu,
qual foi, qual é o horoscopo,
que amor emfim teceu ?

Noite, ineffavel mágica,
faze-m'o ver e amar;
do seu destino a Arbitra
lá vem rasgando o mar.

O ouvido, attento, sôffrego,
n'esta mudez geral,
já Lhe pressente o anhérito
do seio virginal.

De instante a instante acerca-se;
breve entre nós será.
¿ E' don funesto, ou próspero,
o que desponta lá ?

Fala, immortal fatídica;
revela o teu poder;
abre-me os teus oraculos;
sei teus mysterios ler.

II

¿Que ouvi no Estreito de Hercules ?
¿Que ouvi na Herminia Serra ?
¿Sons de festivos canticos !
¿Eccos d'extranha guerra !

No monte baluarte lusitano,
ao bater da encantada meia-noite,
ressurgiu Viriato, o ferreo açoite
do invencivel 'té 'li feroz Romano.

Com elle os seus valentes pegureiros
saltaram em tropel das sepulturas;
phantasmas com surrões por armaduras,
com maças espectraes inda guerreiros.

De olhos longos no pincaro mais alto,
para o Mediterraneo, eil-os absôrtos.
Vem lá frota d'Italia. ¡Ai, mortos! ¡mortos!
¿ como hão de rebater-lhe o fero assalto?

III

A's columnas herculeas no emtanto,
acostadas, co'as plantas nas vagas,
as sereias, de gloria presagas,
com diademas de myrtos em flor,
mandam benções nas azas do canto
ao baixel que das costas de Italia,
como a concha da bella Acidalia,
traz as Graças, cortejo do Amor.

Côro das sereias

Vaga melodia,
cytharas e frautas,
pela undosa via
soam para os nautas
na mudez sombria.

Sós, n'um mar de prata,
sob a lua cheia,
musica tão grata
n'alma lhes retrata
a nativa aldeia.

Cuidam vir sonhando
musicas nas aguas;
somos nós cantando,
nós que as suas maguas
vimos dissipando.

Côro dos espectros no Monte Hermínio

Ouvi... oiçamos estes sons remotos,
que, não sei d'onde, cá nos manda o mar.
E a armada avança; ;que será! ;que votos,
hoste sem vida, nos convem formar?

As sereias

Armada doirada, toldada de flores,
de Lysia e d'Ausonia tremúla bandeiras;
co'as vélas tufadas, co'as rodas ligeiras
avança em triumpho com benções d'amores.
;Triumpho! ;triumpho! ;triumpho á tão linda
Sereia de Italia! ;bem-vinda! ;bem-vinda!

Os espectros

Já não são pois do horrendo Capitolio
fulmíneas aguias, capitães traidores.
E' deusa amante. Marciaes pastores;
a laurea serra lhe daria um solio.

As sereias

Mande-se, irmãos, n'um sonho este cantar nocturno
á Donzella feliz; á majestosa Flor,
que do mais regio tronco em terrrs de Saturno,
furtou por sua mão, e a traz soberbo, o Amor.

Vem para a Lusitania, a Italia do Occidente,
patria de antigo povo em largo mundo rei;
berço de homens Tritões, que ao nosso mar fremente,
a Marte, a Adamastor, deram co'o jugo a lei.

Os espectros

¡Ai que terra de gloria a nossa terra!
Morta a lacial Bellona que a affrontava,
eis Lysia irman da Italia, em vez de escrava.
Brotae, palmeiras, pela Herminia serra.

As sereias

Nós, musas marinhas nas grutas de escumas,
outr'ora ás Sibyllas de Tibur e Cumas
ouvimos cantar,
que um dia viria Maria aos dois povos
tecer fados novos,
e aos lustres herdados mais lustres juntar.

Os espectros

¡Ouvi! ¡ouvi... que nome auspicioso!
¡symbolo de resgate e liberdade!
¡Maria! ¡Oh! quatro vezes venturoso
quem logra a vida em tão propicia idade!

As sereias

O' Tronco Brigantino,
que o próspero destino
cobriu de aureos tropheos,
sublime te alevanta;
amor te enxerta a Planta
mais cara a terra e Ceos.

Chove-te um Deus seus mimos.
Frutos vais dar opimos
ao Luso Portugal;
co'a Regia descendencia
firmar a independencia
do teu paiz natal.

Os espectros

Sim, terras do terrivel Endovélico,
seculos dois por nós independentes;
paz e amor, liberdade e exorço bellico
vos dêem reis de Viriato descendentes.

As serelas

Lemos do Fado o livro aberto
á luz do facho de hymeneu:
Victor Manuel, Carlos Alberto,
Dom Pedro Quarto, o neto seu,
turba de heroes e de heroínas
do mais esplendido fulgor,
á sombra placida das Quinas
vão renascer, graças a Amor.

Qual d'entre as ondas surge um astro,
lá vem a urna de alabastro,
virginea, mystica, vivente,
em cujo seio o Omnipotente
de destinos tão seus os germes quiz depôr.

Os espectros

Dormimos oito seculos sepultos,
sonhando sempre gloria aos netos nossos.
;Quem nos hoje animára os frios ossos,
que a Mulher tal podessemos dar cultos!

IV

Esvahiou-se a visão. Calou-se o mar e a serra.
O tacito baixel que o grão futuro encerra,
á luz da Mãe de Amor, nos astros immortal,
vinha rasgando ufano o liquido crystal.

V

E a Princeza dormia. A azul immensidade
bafjava-lhe paz. Co'as flores da saudade
respirava, sonhando, as rosas do prazer.
;Ah! d'essa alma virginea as commoções dizer...
só o anjo que a protege acaso poderia.
Triste e risonha, a bella, a candida Maria,
vê traz si, a fugir-lhe, a patria, o berço, o pae
e a infantil liberdade. A Italia já lá vai,
sepulta, e para sempre. Em terra alem, distante,
que a prôa inda não vê, vê Ella a cada instante,
a aguardal a insoffrido, os olhos sempre ao mar,
um Rei Joven e Heroe, que lhe ensinou a amar,
que a tornará feliz, e que o vai ser por Ella.

VI

O solo que demanda é outra Hesperia bella:
ar, sol, torrão, varões, renome... é tudo equal.
Vai ter de novo a Italia entrando em Portugal.
Bosques de frutos d'oiro, alegres laranjeiras,
por quem dariam tudo as terras estrangeiras,
nem vós, nem vós faltais a dar aqui a amor
sombras e inspirações, e á noiva a argentea flor.
Por isso a tão saudosa ingenua virgem ri,
como a nublada aurora ás portas de rubi
do mundo que a festeja; indecisa um momento
entre os ceos que alem deixa, e um novo firmamento.

Dorme, dorme, ó Ditosa; a amor e á gloria vais.
Embale-te aura amiga; as horas festivaes
antecipem-te em sonho as proximas venturas;
e a santa Mãe, que em ti se mira das alturas,
co'as benções do Senhor te cubra. Acordarás
Soberana ámanhan. Virgem, repouisa em paz.
Despertam-te os canhões; lá vem festiva a terra;
;vans saudades... adeus! teu jubilo as desterra.
;E' Lisboa, é Lisboa, a inclita, a Real,
que por arcos de loiro, alegre e triumphal,
te saúda e te hospéda! A voz da gran Lisboa,
de ecco em ecco a medrar, co'o Nome teu rebôa
aos ultimos confins do ufano Reino teu.

Lá vem, lá chega o Rei que amor te submetteu;
abraça-o; já sois um; subi ao throno; impéra
sobre Elle e sobre nós; os fados nos prospéra;
aperta solio e povo em novos e aureos nós;
a Elle, inspiradora; exemplo a todos nós.
;Olha como a teus pes as Tágides formosas
te alastram em tapete as mais fragrantas rosas!
celebra-te a Poesia; o templo te bemdiz;
o pobre te abençoa; ao pobre, hoje feliz,
dos loiros teus á sombra ao longo da cidade
banqueteia em teu nome a terna caridade.

VII

Basta, Senhora; eu creio em teu Real condão.
Futura Mãe de Reis, já Mãe da multidão,
escuta o que hoje um vate obscuro, amigo, sério,
te exora fervoroso a bem de todo o imperio.

Vivas, salvas, festins, a noite envôlta em luz,
vão passar. A'manhã, de quanto hoje reluz,
tumultúa, pompeia, encanta, ço que nos resta?

um loiro aos pés calcado; os eccos de uma festa;
o aborrido cansaço; o escuro; a lida van.
Tal d'este hoje fastoso o misero ámanhan.

Melhor, melhor triumpho, immenso, duradoiro,
compete ao joven Par que ascende ao solio d'ouro:
Fundae a nova escola; a escola maternal;
cheia de luz e amor, como a alva matinal;
qual o meigo Jesus sem duvida a amaria.

Ao nome de Luiz, ao nome de Maria,
escritos no frontão de asylo tão feliz...
sim, de Maria ao nome, ao nome de Luiz,
¿quem não vê que a ignorancia estulta e desdenhosa
vai recuar confusa? a infancia carinhosa,
colhe, por vós chamada ás fontes dô saber,
os frutos da instrucção co'as flores do prazer.

Dos factos a evidencia em breve se irradia;
e com mais persuasão que a só philosophia,
attrai, venceu, domina. O ensino vão e algoz,
da cáthedra usurpada, em que a estulticia o poz,
e em que ha mil annos queima as patrias esperanças,
desapparece. Então, co'os hymnos das creanças,
paes, mães, um Reino todo, entrado a mais feliz,
abençoarão Maria, abençoarão Luiz.

Lisboa — 1862.

VI

DEPRECAÇÃO

EPISTOLA

A

SUA MAJESTADE A IMPERATRIZ DO BRAZIL

DONA THERESA

ADVERTENCIA

Achava-se o autor na côrte do Rio de Janeiro, em Abril de 1855, repartido entre as suas não mallogradas diligencias para a regeneração da escola primaria, e os ocios literarios da sua cara e sempre saudosa poesia, quando um pobre velho portuguez, Silva, na villa de Uruguaiana, provincia do Rio Grande do Sul, casado, com filhos, indigente, e por suas virtudes estimado de todos os visinhos, se viu inopinadamente precipitado pela fatalidade, que sempre o perseguira, no infimo abysmo do infortunio: condemnado por homicida, e sem culpa moral, a doze annos de trabalhos forçados.

Confirmada a sentença, restava-lhe, unico recurso, o indulto imperial; todos os visinhos de Uruguaiana o invocavam, como perfeita justiça, Um requerimento documentado subiu respeitoso.

mas urgente e instante, á presença do Soberano.

Por si mesma se defenderia a causa no juizo de tal Principe ; mas por que se não havia de coadjuvar por todos os meios possiveis? Pareceu que nenhum haveria mais efficaz, nem mais proprio, do que implorar por medianeira a Esposa mesma de Sua Majestade Imperial, Senhora de cujas virtudes e beneficencia vive cheia a memoria, a admiração, a voz agradecida de todo o Imperio. Afoitado pela fama de sua caridade, ousou o autor dirigir-lhe, como conterraneo do infeliz, alem de homem, esta supplica, á pressa escrita, segundo era apertado o tempo, e mais empénhada em expôr os factos com inteira pontualidade, do que em se ataviar de flores rhetoricas e poeticas. Estava o papel nas mãos a que era offerecido, no dia 3 de Abril, vespera do anniversario natalicio da finada Irman do Imperador, a Rainha Fidelissima senhora D. Maria II, e ante-vespera da quinta feira maior d'esse anno de 1855.

EPISTOLA

I

Era um velho, Senhora: obscuro, pobre, honrado; estrangeiro, e bemquisto; humilde, e venerado. Após o dia, exausto em grangear o pão, entre os filhos e a esposa as graças, a oração, por sua voz serena (¡austero patriarcha!) subiam cada noite aos pés do grão Monarcha; e dos Ceos cada dia, a paz, o exorço, o amar, como benções cahindo, arraiavam seu lar. Tépidio ninho á sombra, alegre de caricias,

d'entre tanta pobreza a respirar delícias.
Tudo ali era franco: a entrada, o rosto, as mãos;
como amigos aos bons, aos pobres como irmãos.
Aquillo, e um ceo por cima, era todo o seu mundo;
que lhe importava o mais?

D'este rumor profundo,
contradictorio, immenso, esp'ranças, decepções,
rara voz que bemdiz, côro de maldições,
enredos de ambição, clamores de attentados;
rumor que, desde o servo aos summos potentados,
aturde noite e dia, e faz descrer do amor
o individuo, a familia, as nações; d'este horror...
que trabalha, atormenta, empeora a humanidade,
e a leva a duvidar da própria Divindade...
nada chegava ali.

Se um sonho matinal,
bafejado por Deus ao leito Imperial,
vos tivesse uma vez ao animo tranquillo
revelado, Senhora, aquelle manso asylo...
apenas do universo alguns nomes de amor
ouvíreis ressoar nas preces, que ao SENHOR,
em re florindo a aurora, em refervendo o dia,
em desmaiando a tarde, o côro entretecia.
Era o nome do Heroe, nume do seu Brazil;
era o vosso; era o vosso, alma ingénua e gentil,
para consorte d'elle anjo em princeza occulto,
que onde entra a dor, chegais, venceil-a, haveis um culto;
eram, a par co'os dois, esses nomes de mel
á mente, ao peito, á voz: Leopoldina; Izabel;
da imperial estirpe esperançosas flores,
copia, grinalda vossa, e de um Imperio amores.
Estes nomes, e a prece, em tão puro lugar
harmonisavam bem; eram como no altar,
entre as nuvens do incenso alvas e transparentes,
a majestosa palma, e os ramos florescentes.

;Coisa doce de ver, suavissima de ouvir!
 ;deleitoso presente, a que ria o porvir!
 ;O porvir?! ;o porvir?! ;quem se fia em seu riso?
 Cai do Empyrio, o Archanjo; o homem, do Paraizo;
 cego raio impendia á fronte do ancião;
 terremoto imprevisto aguardava a mansão.
 Tal, no ameno Paiz, ondê ereis semi-dêa,¹
 impróvida folgava a genial Pompeia
 á hora em que o Vesuvio, em seus nocturnos véos
 envolvendo a cidade, o campo, o mar os ceos,
 e mirando-a feroz, a morte lhe arrojava;
 e co'a morte o sepulcro; e n'elle o olvido...: a lava.
 ;E fiar no futuro! ;e fiar no prazer!!

Mas o Archanjo, Senhora, a Deus equal quiz ser;
 equal quiz ser a Deus o pae da raça humana;
 e Pompeia, a formosa, a soberba, a romana,
 depois de já nascido o Sol da luz christan...
 por Jove, seu avô², teimava em ser pagan.

Porém, ;no velho meu... (no vosso velho) havia
 orgulho que punir? ;ou impia audacia?

II

Um dia
 uma esposa infeliz (Senhora, o mundo as tem)
 chorosa, desgrenhada, envôlta em sangue, vem...
 do consorte fugida á bruta feridade,
 do tecto bemfeitor invocar a piedade.
 ;Podiam recusar-lh'a? O primeiro seu ai
 seguiu-lhe um abrigo, e mãe, e irmãos, e pae;

¹ Napoles, patria de Sua Majestade.

² Por Hercules, filho de Jupiter, diziam que fôra edificada Pompeia.

respira ; emfim respira ; a benção d'estes ares
a deve proteger contra quaesquer azares ;
é parte da familia ; a meza, o somno, o orar,
tem já communs com ella ; o santo limiar
onde o SENHOR a trouxe, ha-de lhe ser barreira,
que suspenda no ingresso a fera carniceira . . .

Enganou-se: a mansão que inviolavel suppoz,
não tarda em ver entrar o furioso algoz,
ebrio, os olhos de fogo, o semblante convulso,
ameaçadora a voz . . . e pavoroso o pulso.
Treme a victima imbelles ; em joelhos está ;
invoca . . . não o amor (o amor extincto é já),
mas compaixão sequer . . . do pranto e das feridas ;
; compaixão da innocencia ! eleva as mãos unidas,
contra o furor crescente a supplicar mercê
ao Pae que tem nos Ceos . . . e ao pae que ante si vê.

Leis da hospitalidade, ao solo brasileiro
sacras sois, quaes na tenda ao arabe guerreiro,
ou como outr'ora a Loth, ao patriarcha hebreu ;
cumpriu-vos o ancião ; solemne o braço ergueu
entre o falcão e a pomba ; usurpador sublime,
guarda-a, repelle-o, folga ; está frustrado o crime.
É na casa de bem, de tanto amor capaz,
co'a enviada por Deus reamanhece a paz.

III

Mas o cruento drama era em meio.

Outro dia
que o velho solitario ao seu lavor pedia
o sustento do corpo, e co'a enxada na mão
regava de suor o parco seu torrão,
encanecido, curvo, e sob o sol gemendo . . .

rompe de uma emboscada, insano, armado, horrendo,
jo feroz! jo traidor!

Ó Brazil, o teu sol
não creára esse tigre: o monstro era hespanhol.
Do Cid, o Campeador, dos heroes das Castellás,
vingadores leaes dos fracos e das bellas...
falar ousava a lingua, altiva e marcial,
namorada e viçosa, o pérfido, o brutal,
que, depois de ferir, de afugentar a esposa,
ao velho que lh'a ha salvo assassinal-o ousa.
Sim; ousa assassinal-o. O vil punhal reluz
perto já; o indefezo... o avista; os braços nus
ergue súplice; em vão, que a morte não recua;
treme, não já por si; pela familia sua;
vê os filhos... em luto; a consorte... em viuvez;
a protegida... entregue. A taes visões, (talvez!)
mais que á ideia da morte, assombrado, em delirio,
já que enfim lhe é mister lutar contra o martyrio...
luta. O punhal... lhe acorda as forças juvenis;
a vista do seu sangue... o activa; as mãos senis
alçam, por cego instincto, a enxada, a boa enxada,
ja sua arma innocente! ja socia sua amada!
contra o ferro inimigo a brande, por broquel,
mais que para offensora; as iras do cruel
redobram; cresce o p'rigo; irrita-se a pendencia;
é já mortal batalha.

A'rbitra a Providencia
a decide.

N'um mar jazem de sangue os dois;
o velho, a agonisar; morto o forte.

Depois...
á Justiça dos Ceos, insondavel, terrivel,

segiu logo a da terra; a da terra; a fallivel;
a que esgrime sem ver; a que pregou na Cruz
ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a Jesus;
a que de povo a povo, a que de idade a idade,
faz o crime, virtude; a honra, iniquidade;
a que usa, n'um só dia, e no mesmo lugar,
de si para si mesma appellar, aggravar,
desdizer-se: e nem sempre, onde se crê mais firme,
de justiça(talvez) seu nome um Deus confirme.

A Justiça mortal viu sangue, e um vivo:—E' reo.—
Fita os olhos carnaes; aos d'alma, aperta o veo.
Não pergunta: ao passado, a consciencia do homem;
ao presente, se horror, se remorso, o consomem;
ao porvir, que será da familia infeliz,
da familia, innocente, em perdendo a raiz;
vê sangue; a côr do sangue, o reflexo do sangue,
a fascina; entre as mãos só acha o velho exangue;
não pune, se o não pune; e é preciso punir.
¿Que lhe importa o passado? ¿o presente? ¿o porvir?
condemna. Condemnou.

Senhora, acredite-o.

¿E a que pena? ¿a morrer?!; a morte é como o raio:
trôa, fere, passou. Ante o castigo seu
(¡miserrimo ancião!) ditoso o que morreu.

¡Doze annos! ¡preso! ¡mudo! ¡oppresso! ¡envilecido!
¡descoroado das cans! ¡infame no vestido!
¡um numero por nome! ¡o trabalho sem fim!
¡e impossivel a esp'rança! (olhos de seraphim,
perdoae, se vos baixo a este horror profundo).
Doze annos n'um jazigo; extincto, e moribundo;
viuvo, de mulher que traz por elle o dó;
pae de filhos sem pae; com familia, ¡e tão só!
(Olhos de seraphim, banhae-m'o em vossopranto!)

¿Doze annos? ¿e a velhice acaso espera tanto?

¿Doze annos?! ¿mas ignora a Justiça mortal
que um só dia em tal dor... por mil seculos val?

¿Doze annos?! ¿vezes doze os longos sões do estio,
sem elle entrar co'os seus no seu pomar sombrio!

¿Vezes doze do outono a abundancia, o prazer,
das arvores que poz, sem elle um fruto ver!

¿Vezes doze do inverno as noites espaçosas,
tão sociaes té'gora... agora tão saudosas!

¿Doze vezes, emfim, primavera a sorrir
a toda a Natureza... e sem deixar cahir...
a descuido sequer, na sua sepultura
uma florinha; um sol; um pio; uma verdura!!

¿Doze annos?!!! ¿mas sabeis o que doze annos são
no fundo de um abysmo, onde até a oração
se enregela talvez?!

¿Cento e quarenta e quatro
mezes a desfilar em lóbrego theatro!

¿Semanas... a exhaurir no calice da dor...
seiscentas vinte e seis sem dia do SENHOR!

¿Dias... a destillar... a gota e gota, lentos,
dias sem luz do Ceo... são: quatro mil, trezentos,
mais oitenta, mais tres! ¿Horas, horas eguaes,
na angustia, ás do estertor; no odio, ás infernaes...
horas, quaes Deus não quer, e que Satan faz suas,
são cento e cinco mil cento e noventa e duas!

¿Doze annos!? ¿doze?! ¿doze?!!!; a dextra de um juiz
lança doze de um rasgo; a voz depressa o diz;

são duas letras só. Mas á provecta idade
duas letras... conteem o inferno... e a eternidade.

IV

A Lei é cega e surda; afortunado o Rei
que suppre, ouvindo e vendo, o incompleto da Lei;
e a quem do Estado o jus, da humanidade amigo,
deixa dizer:—¡Perdão!—quando a Lei diz:—Castigo.—

¡Prerogativa excelsa! o raio attesta um Deus;
mas a clemencia o mostra, e nos torna mais seus.

Filha da bella Italia, Egéria em mundo novo,
unida a joven Numa, e estreia a joven povo;
Senhora; Imperatriz; deidade tutelar;
é grande este infortunio; é tremendo; é sem par;
merece-vos! Lutar co'a fortuna traidora,
desarmal-a, vencêl-a... é nobre; e vós, Senhora,
vós, que o podeis e usais, vós, Senhora, o fareis.

V

Quando, além de ámanhan, prostrado ao Rei dos Reis,
ante as aras em luto, o Chefe aos pobres lave,
enxugue, beije, os pés, e em sua mente grave
mais vivo resplandeça o preceito do amor...
(é dia de indulgencia; hora do Salvador)
presentae, co'o sorrir da terna caridade,
o infeliz, ao Consorte; o oppresso, á Majestade.

«—Hontem foi,—lhe dizei—o quarto sol de Abril;
«sacro na Lusitania, e sacro no Brazil;
«o sol, a que ha brotado a irman, que lá no Empyrio
«gosa, em sidereo throno, as palmas do martyrio;
«a que houve o berço, aqui; lá, o sepulcro seu;

«essa, cuja Odyssêa o largo mundo encheu,
 «e por quem todos nós assim vertemos pranto;
 «oh! jem memoria d'ella! je por seu nomé santol,
 «je por suffragio terno e derradeiro don!;
 «vós, que imperais tambem, vós que tambem sois bom,
 «resgatae, resgatae-lhe este homem, que era d'ella;
 «Por minha voz o implora essa alma augusta e bella.
 «Este homem, já punido, e morto já, talvez,
 «quiz entre nós viver... mas nasceu Portuguez;
 «jdae-lhe o seu Portuguez como um don natalicio!»—

Do nome de Maria ao influxo propicio,
 sem custo lhe obtereis, pelo vosso condão,
 innocente, a justiça; ou culpado, o perdão.

Do vosso Imperador um aceno é divino:
 o que n'elle podeis, pôde elle no destino.
 Manda e fez-se: a prisão se descerra per si;
 inda chora o casal, mas é chôro que rí;
 á choça outra vez fuma; ovante a vizinhança,
 cantando o vosso nome, em torno aos lares dansa;
 e os filhinhos... que ha pouco iriam... mundo além...
 párias... orphãos de pae... orphãos talvez de mãe...
 co'o brio murcho em flor... a fé e a espr'ança morta...
 arrancar á piedade o pão de porta em porta...
 em seu campinho agora, alegres colibris,
 volverão a entoar, por vós, que os redimis,
 jgraças, bençãos, na aurora, ao meio dia, á tarde!
 —«A nossa mãe, foi ella; a Mãe celeste a guarde;—
 —dirão (e a voz da infancia eccos no Empyrio dá);—
 «como ella nos ampara, o Ceo a amparará;
 «o que aos filhos do pobre emprestou de clemencia,
 «nos proprios filhos seus lh'o pague a Providencia.»

VI

Sim, Augusta; ella só, que por um mede mil,
cingirá digna c'rôa ao feito senhoril;
não já essa de roble, outr'ora imposta á coma
do cidadão salvando um cidadão de Roma,
mas de amores na terra, e na Patria, de sóes;
duplex c'rôa, invejanda aos maximos heroes.

VII

E depois... (bem sabeis) por mui christan que seja,
nunca de todo esquece uma alma bemfazeja
venturas que espalhou, benções que mereceu;
do fundo coração, mago thesoiro seu,
lagrimas que hão furtado as suas mãos amantes,
a estrellejam de luz mudadas em diamantes.

¿E que pode a humildade aos sonhos prohibir?
nas horas, em que os maus o inferno ouvem rugir...
a consciencia, ao bom, canta, como a sereia,
que enleva a praia muda, arrôba a lua cheia.
Sabem só elle e o Ceo mysterios que ella diz.

Feliz o velho! e vós... ¡mil vezes mais feliz!

VIII

Pedi-vos um perdão, Senhora; outro podia
não menos supplicar da insólita ousadia.
Em vós, deslumbra: prole, esposo, irmãos, avós; ..
mas de tanto esplendôr desassombrais-me vós:
dentro da Majestade, a mulher mãe contemplo;
trouxe ao Paço a oração, como a levára ao Templo.

VII

AGRADECIMENTO

—
EPISTOLA 2.^a

A

SUA MAJESTADE A IMPERATRIZ DO BRAZIL
DONA THERESA

¡Salvo! ¡livre! ¡reposto em seus campestres lares!
¡outra vez pae e esposo! O interessante reo,
lá do fundo do sul, como eu d'áquem dos mares,
graças e adorações vos rende olhando ao Ceo.

Era um ninho amoroso; um temporal o arranca,
o vasa, o precipita, o fulmina. . . Ao fragor,
fada propicia acode, o co'a varinha branca
restaura n'um relance o ninho, e dentro o amor.

Vós fostes (e só vós podéreis sêl-o) a fada
capaz de realizar igual transformação;
vós, de um genio que impéra esposa idolatrada,
vós, que tendes no sceptro a vara de condão.

¡Ah! ¡bem hajais, senhora! A velhice e a innocencia
por vós ambos a Deus alçam em côro a voz.
Premio haveis, que abranja a augusta descendencia:
felizes sereis n'ella; ella, feliz por vós.

¡Oh! dez vezés doirada, oh vezes mil bemdita,
a hora, em que aterrado ao cahir do ancião,
aos ais dos filhos seus, aos ais da esposa afflicta . . .
fui de rojo ante vós clamar: «¡Perdão! ¡perdão!»

«¡Perdão! ¡perdão!» vós mesma ao Throno repetistes,
chorando, unindo ao seio as filhinhas gentis;
e o imperial perdão baixou; e vós surgistes
maiores do que nunca, e eu, qual nunca, feliz.

Não; não foi minha lyra a autora do prodigio;
foi a harpa de um Anjo, Anjo bom entre os bons,
que habita dentro em vós, que vos dá seu prestigio,
e faz, quando falais, ouvir celestes sons.

¡Quem vos resistiria?! o Deus que á mór grandeza
destinára esse Imperio, esse mundo tão seu,
já de industria em seu throno a Pedro uniu Theresa;
á força que domina, a graça que a venceu.

Deu a mais alto Numa outra e melhor Egéria.
¡Que auspicio ao forte Imperio em seu berço infantil!
na antartica palmeira, a régia flor da Hespéria;
de Portici a sereia, o genio do Brazil.

¡Fadado par, ávante!. Enquanto assim se enlaça
a piedade á justiça, á virtude o poder,
o Throno abriga a turba; o Povo o solio abraça;
medra a paz, cresce o amor á sombra do prazer.

Como essa Natureza augusta e generosa,
que attrai de longe o mundo ás vossas regiões,
vós o attrahis tambem; e a industria milagrosa
em cidades converte os ermos dos sertões.

O selvagem recua... ou cede fascinado.
Larga o leão seu reino ás artes triumphaes.
Das serpentes o asylo, aos golpes do machado
cai, resurge, enche o mar de castellos navaes.

¡Metamorphose estranha!: a terra inda hontem ermo,
hoje ermo e já nação, ¡que Roma e eden será,
quando a gentes sem conto em seus confins sem termo
raiar de todo o sol que lhe alvorece já!.

A mente humanitaria em delicias se expande,
no progresso do mundo olhando um tal porvir.
Preparal-o reinando, é grato; é nobre; é grande;
é ver, já cá da vida, o sepulcro a florir;

é á posteridade impôr suave preto;
de um glorioso dia é ser a antemanhan
é, Maria e Moysés, guiar o Povo eleito
da escravidão do Egypto á pingue Canaan.

¡Ávante! ¡ávante! ¡ávante! Homem da humanidade
(primeiro Josaphat em que se julgam Reis)
eu, sem paga e sem nome obreiro da cidade
que ao futuro se erige, e a que vós servireis,

benções vos antecipo. ¡Ah!, se uma pobre lyra,
que a salvar uma choça ha pouco vos moveu,
póde, agora que afoita a gratidão a inspira,
em favor de um Imperio alçar o rogo seu,

escutae-me, ó Princeza: uma divida aos povos
jaz em aberto; immensa; antiga; universal.
E' tempo de ser paga; (urgem-n-o os fados novos)
paga; e o juro tambem, que dobra o capital.

Esta divida enorme, em favor de oppressores
desde a origem do mundo aggravada até nós,
hoje reivindicada em preces, em clamores,
ante os Ceos odiosa, ante a justiça atroz...

é a luz do saber; o sol do mundo interno;
é o baptismo d'alma, a que todos teem jus;
o chrisma, a eucharistia, o commungar fraterno;
o cumprimento emfim de um voto de Jesus.

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados,
como a fortuna os tem; como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados;
no saber soffre graus; não párias no saber.

E o Povo, quasi todo, é pária em toda a parte;
é Lazaro esfaimado aos pés do grão festim.
O engenho creador seus dons em vão disparte;
chove-os a Imprensa em vão, dia e noite, e sem fim...

ao Povo nada chega entre tanta abundancia;
em tanta luz immerso, o Povo nada vê;
julga-se livre, e é servo; adulto, e jaz na infancia.
E' que o saber é tudo, e a multidão não lê;

não se aquece ao calor dos animos sublimes;
não se illustra ao fulgor dos genios de eleição;
herda e transmite a inercia, a incuria, o vicio, os crimes;
extranha ao bello e ao bom; sem Deus; sem coração.

Por aspero caminho e sombras espinhosas
vai-se do berço á valla, impia, perdida, só;
horda barbara que enche as nações orgulhosas,
e n'alma pensadora infunde horror e dó.

¡Ah! se algum dia a luz, compenetrando todo
este confuso mar do mundo social,
como as ondas á flor lhe doira, entrasse ao lodo
que ao fundo lhe negreja em profuso estendal,

¡de que perlas sem preço o não vira estrellado,
incognitas agora aos Ceos, ao mundo, a si!
Já que não as colheu para nós o passado,
vamol-as nós tomar, salvemol-as d'ali;

vão de nós ao porvir ser diadema sidério;
demos exemplo e herança ás novas gerações;
nunca mais, ao pisar agreste cemiterio,
possa dizer-se:—«Alem...jaz talvez...um Camões;

«um Gama; um Guttemberg; outro Phydias, ou Castro¹;
«Mont'Alverne²; Papin; Newton;Verdi; Linneu.
«E não foi, não, a morte a que apagou seu astro;
«não chegou a raiar: brotou...despareceu;

«é-lhe epitaphio o musgo, e campa o esquecimento.» —
¡Oh millanaria, oh triste, oh vil desherdação!
Quebre-se de uma vez o infando encantamento:
¡luz! ¡luz a todo o Povo! e as glorias surgirão!:

Justos, sabios, heroes, vejo emergir do nada,
e por elles ao orbe eras de encanto advir;
como da selva nua e da terra escavada
rebenta primavera em vindo o sol a rir.

¹ O primeiro dos esculptores portuguezes distinctos Joaquim Machado de Castro.

² O Padre Frei Francisco de Mont'Alverne, celebre orador sagrado brasileiro.

¡Luz! ¡luz!. A luz fecunda, o que a fadiga lavra;
a luz descobre a terra, e patenteia os Ceos.
Para os olhos carnaes creou-a uma palavra;
uma palavra aos d'alma a despirá dos veos.

Um altar, loiro, gloria, ao genio que a profira.
Tomae vós essa gloria, esse loiro, esse altar,
alma de Imperatriz; a cujo amor se inspira
do mais possante Imperio o genio tutelar.

Vós a ridente aurora, Elle o alto sol fecundo;
vós lhe abri, lhe enflorae, a porta oriental;
Elle, que esparza dia ao tenebroso mundo;
vós direis: — «Nuncia eu fui da festa universal.» —

Mas, Senhora, ¿sei eu se a fervorosa prece
que ousou alçar até vós, vós mesma a entenderéis?
¿conheceis vós o Povo?! ¿o que o Povo padece
ouviam-n-o jamais os ouvidos dos Reis?

Quando em torno ao palacio o Povo se atropella,
como á porta de um templo, a deprecar mercê,
repulsa-o a lisonja, infame sentinella,
e diz: — «Turba a folgar, é tudo que se vê.» —

A Poesia entretanto, audaz como um propheta,
da expulsa turba em nome enviada por Deus,
entra afoita no Paço; a voz que ella interpreta
vem de cima; a verdade é pois nos labios seus;

a verdade, ei-la aqui: da estúpida ignorancia,
monstro que monstros cria, é outro monstro o pae;
monstro, que abraçar finge, e martyrisa a infancia;
Moloch assolador das obras de Adonai.

E' seu nome o rigor. O rigor ignorante,
presumpçoso, impio, atroz; reo, magistrado, algoz;
tornou a escola horrenda á infancia alegre e amante,
e da esterilidade o anáthema lhe impoz.

Tempo é que um braço audaz, remindo a humanidade,
o desterre, e em seu throno assente o ledó amor;
que a infancia seja infancia; o ensino, claridade;
e frutos ao porvir crie o presente em flor.

Mulher, esposa, mãe, Princeza excelsa e pia,
a vós, mais que a ninguem, pertence o nobre ousar;
não deixeis que sem vós se consume a utopia
que rebentou per si, de si se vê medrar,

de praia em praia vai, de cidade em cidade,
humilde missionaria aos sinceros e aos bons,
seduzindo co'os bens, ganhando co'a verdade,
e transpondo, e crescendo, á força de seus dons.

Como tudo que é justo, amante, verdadeiro,
a utopia inda ha pouco, hoje facto real,
algum dia erguerá sobre o universo inteiro
seu pendão de resgate, a luz do seu fanal;

mas tarde; muito tarde; je pobres entretanto
continuarão na mingua! je o rigor a assolar!
je a ignorancia a dormir! je á sombra de seu manto,
quaes vermes em sepulcro, os vícios a abundar!.

Para que a nossa idade o grão vôo desfira
por onde o Eterno a chama, e assombre a que virá,
dos grilhões, com que o erro as plantas lhe opprimira,
deve, quem o poder, libertal-a já já;

podeil-o vós, Senhora, e podeil-o sem custo:
sorri á nova escola; á escola que ama e ri;
chamae-a; que se abrigue ao vosso tecto augusto
como entre filhas mãe, vós mesma a presidi.

¿Quereis mais e melhor?: dae-lhe por tutelares
vossos dois seraphins: Leopoldina, Isabel.
Namorada a puericia encherá vossos lares;
despovoar-se-hão de em torno os atrios da Babel,

as arenas da infancia, as cavernas da esphinge,
o ergástulo onde algoz calca puericia aos pés,
os limbos de terror em que haver luz se finge,
dos piratas a feira, os bancos das galés.

Ao rumor de tal nova, acorrem pensadores,
philanthropos, mães, paes, os crentes, os sem fé,
o zombeteiro estulto, os christãos semeadores,
e os que entrevêm na ideia um sol que inda não é.

E todos, em redor do sonoro enxame,
irão ver e admirar como flores dão mel;
como a luz na manhan faz que se acorde e se ame;
como ao lidar sensato o deleite é fiel;

como no ente humano o corpo, o affecto, a mente,
dotes que Deus uniu, compondo-o trino e um,
cultivando-se a par se ajudam mutuamente,
e a ventura ressaí do seu haver commum.

¡A evidencia triumphá! a voz da humanidade,
e a voz do proprio int'resse, em todos acordou.
¡Hosanna! ¡hosanna a vós, Princezas! ¡nova idade,
de palmas carregada, em meio globo entrou!.

¡Oh terra de Colombol, um navio de esmola
do abysmo te evocou... e aurea brotaste á luz;
por outra régia heroína esmolada uma escola
vai transformar-te em Ceos, terra de Santa Cruz.

E eu, que já uma vez largando o pátrio ninho,
romeiro do progresso, em balde te busquei,
retomarei de novo o undívago caminho,
e irei juntar meu hymno ao seu triumpho; irei

pendar na escola-templo os festões da poesia,
e, novo Simeão, findar a vida em paz.
Onde o homem que se humana afoito invoca o dia,
dizei:—«A Patria é esta; aqui viver me apraz.

«Apraz-me aqui morrer, onde as mães por ventura
«co'os filhos pela mão me hão-de vir visitar;
«saudades esparzir em minha sepultura,
«e dizer:—*Este sim, que soube o que era amar!*.»—

¡Uma escola, ó senhora!, ¡uma só, porém vossa!
uma escola abundante, alegre, maternal;
clara, christan, fecunda; uma escola em que possa
vosso Imperio aprender, e aprender Portugal;

uma escola, que olhando-a o vosso excelso Esposo,
n'ella veja espelhado o vosso coração;
vos sorria, medite, e exclame jubiloso:
—«Abraço-te, ó Progresso! abraça-me, ó Nação.»—

Lisboa
Agosto de 1857

VIII

CARTA A SUA MAJESTADE

O SENHOR DOM PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

Envlando-lhe a precedente Epistola

Senhor — Peço a Vossa Majestade Imperial licença para mandar pôr aos pés da Augusta Ésposa de Vossa Majestade esses pobres versos, testemunho do meu animo agradecido.

A personagens como Vossas Majestades, a quem nada falta, e que não podem crescer, só por dois modos as mercês se retribuem: confessando-as, como eu faço perante o mundo, ou deprecando logo mercês novas, como eu ousou fazer perante Vossas Majestades.

Ha dois annos, Senhor, apenas cá me soou que Vossa Majestade não seria descontente de reconhecer na pratica o Methodo-portuguez, de que a theoria só per si lhe não dava cabal ideia, apresentei-me, sem mais convite, n'essa Côrte; pedi, e alcancei do Governo de Vossa Majestade, authorisação para ahi reger um curso normal. Como o regi, sabe-o

Vossa Majestade, pois me fez a honra de o presenciar; que frutos se poderam ter colhido, sabem-n-o já, por se estarem n'elles saboreando, muitas povoações do Imperio: Pernambuco, Maceió, Bahia, Alagôas, Sergipe, Rio Grande, Piauí, Apodi, Ceará. Todavia, já que a verdade nem a Deus nem aos Reis se ha-de encobrir, o grande beneficio da escola primaria, regenerada segundo o espirito do seculo, os aphorismos da sciencia e os dictames da caridade, continúa a ser para a immensa maioria desperdiçado; lástima não pequena, da qual se o presente se não sabe ainda queixar, muito poderão arguir a esta idade egoista os futuros amigos do genero humano. Senhor, quem exorou a Vossas Majestades em favor de um velho, ¿ como deixaria de interceder em favor de todas as creanças? Se a felicidade de uma só chupana é tanto, ¿ que não será a de todo um Imperio? Feliz Vossa Majestade, que a tem fechada com o sceptro em sua mão imperial. E' por isso que eu aspiro, com tão importunas supplicas, a que Vossa Majestade, vendo experiencias, bem e conscienciosamente feitas sob os seus proprios olhos, se inteire da verdade pela clareza do seu muito juizo; e, reconhecida ella, lhe dê amparo de Tito em seus Estados.

Senhor; a Historia nem sempre ha-de ser inutil. Um homem obscuro, desprezado, escarnecido como visionario, tinha um mundo para dar, e andou-o offerecendo em vão de throno em throno. Logo que um lh'o acceitou, brotou do nada essa America; inteirou-se o planeta com o seu hemispherio mais formoso,

¿E se não fosse aquelle throno? ¿e se aquelle homem tivesse morrido, devorado por dentro pela sua utopia? ¿e se após elle nem o calculo nem o acaso houvessem atinado com essas regiões? ¿Por ter ficado occulta, deixaria a verdade de ser verdade? ¿E se ella mais tarde inesperadamente se patenteasse, não iriam desenterrar o seu martyr do fundo da ignominia, e não o vingariam bem vingado? A instrucção primaria popular, germinal de todas as instrucções, tumescente de todos os futuros, não é menos para o mundo moral, do que o foi a America para o orbe; e é do throno de um principe sabio, juvenil, em terra nova, possante e de ousadias, é do throno de Vossa Majestade, que eu espero já n'esta hora o meu naviosinho de descobridor, e logo depois a protecção da descoberta. Ninguem dirá que a grandeza da causa, apesar da pequenez da sua apparencia, desconvem á grandeza summa do patrono que lhe sollicito; não peço a Vossa Majestade o porvir de uma ideia humanitaria (todas as ideias humanitarias teem certissimo em Deus o seu porvir); peço que esse porvir, quanto possivel fôr, se approxime do presente, que será multiplicar-se o bem.

Senhor! o que eu pude fazer, e que alguns espiritos serios reputam muito, foi pouquissimo, e foi nada, em comparação do que espero ver feito, e bem logrado, por Vossa Majestade.

Se a gratidão dos povos erigisse estatuas proporcionadas aos meritos dos seus bemfeitores, a Vossa Majestade, favorecendo e difundindo com o seu influxo a regeneração

da escola por esses paizes sem limites, não daria sobejo colosso quanto oiro elles reservam nas entranhas.

Guarda e proteja Deus por largos e felicissimos annos a Augusta Pessoa de Vossa Majestade Imperial.

Lisboa, 10 de Agosto de 1857.

De Vossa Majestade Imperial o mais
convicto admirador e agradecido servo

A. F. de Castilho.

IX

CARTA

AOS

PORTUGUEZES RESIDENTES EM PORTO ALEGRE NO IMPERIO DO BRAZIL

Agradecendo-lhes uma rica penna de oiro
por elles offerecida ao autor depois de impetrado o indulto imperial
que na Epistola a pagina 78 se havia sollicitado

Caros patricios e senhores meus: — Em
hora bem estreada enviei eu a minha po-
bre musa aos pés do Throno brasileiro, a
implorar a graça do infeliz velho nosso con-
terraneo.

Como se não fôra bastante o obtel-a tão
completa e incondicionada, tão digna de quem
a outorgou; como se para ventura me não so-
brára o saber que um pae de familias, homem
de bem, condemnado a morte peor que a pro-
pria morte, e encerrado em sepulcro mais
horrendo que o proprio sepulcro, tinha em-
fim ressuscitado, para levar ao meio do luto
do seu tugurio uma paschoa de flores ines-

perada; como se emfim todo este infinito de jubilos que a Providencia me déra a gosar, não fosse excessivo para premiar até actos da mais heroica virtude, quanto mais o singelo cūprimento de um dever de humanidade, que foi tudo quanto em mim houve n'este negocio; viestes vós com a vossa pena de oiro, com as vossas expressões de affecto, mais preciosas que oiro e brilhantes, cobrir-me de uma gloria, que excede todas as ambições do tempo em que eu as tinha, e com a qual todavia o meu coração se entende perfeitamente. E com effeito, ser amado assim lá tão longe por quem nunca nos viu, e collectivamente, não é como se um homem se estivesse ouvindo festejar na posteridade?!

¡Bem hajais, senhores! ¡bem hajais! que no liberalisar-me esta corôa excessiva, talvez creastes um possante incentivo a outros melhores engenhos, para se converterem da poesia individual, egoistica e esteril, para est'outra poesia mais solida, mais ampla, mais nobre, mais productiva, que já quer vir nascendo do consorcio do christianismo antigo com a joven, formosa e amante philosophia social. Muito ha que eu me votei de todo a ella: que o digam as minhas *Estreias poetico-musicaes para o anno de 1853*, rebate de alvorada, a que a nossa mocidade ainda não acordou; e que o digam sobre tudo as obras, muito mais praticas e valiosas que meros cantos, que trago endereçadas já de annos ao desenvolvimento da cultura intellectual do nosso Povo.

Se tinha eu nascido ou não poeta para de-

leitar ouvidos, em boa verdade que o não sei; sei porem, e sinto cá dentro, que me talhára Deus poeta de acção; poeta operario; um dos exploradores da opulenta mina das utopias; um dos fundidores da ideia em facto, a quem o mundo costuma insultar em quanto lidam, e agradecer saudoso depois que morrem.

A familia d'estes artifices, predestinados do futuro, e quasi sempre precitos do presente, é numerosa e variada: uns, extorquem segredos á natureza physica, e os entregam á industria; outros, mutiplicam por novas combinações as forças, os meios, os recursos e os productos da mesma industria; outros, emfim, os menos populares e brilhantes, mas não os menos diligentes, nem os menos prestadios, mergulhámos pelas obscuras profundezas do mundo intellectual e moral, á procura de verdades, que, achadas, colhidas e combinadas, possam um dia actuar em bem e em grande nos destinos essencialmente crescentes da nossa especie.

D'entre estes jornaleiros gratuitos, escolhi eu para minha especialidade a que já o fôra de muitos homens de coração grande: a lapidação da alma pueril, precioso brilhante desaproveitado, desconhecido quasi geralmente, e que, se fosse habilmente faceado para receber de toda a parte a luz, e para todas as partes repercutil-a, infundiria espantos por sua immensa formosura. Desbastar a rudeza originaria por meios suaves e naturaes, fazer da alegria e ligeireza instinctivas na infancia o instrumento da sua propria cultura, alimentando a memoria pela intelli-

gencia, o estudo pelo amor, eis-aqui a minha poesia sem nome, a que eu não rimo nem canto, mas lido e sonho de contínuo; poesia, em cujo centro se inter cruzam umas irradiações vagas de todas as poesias formuladas: da lyrica, fervente de enthusiasmo; da elegiaca, humida de lagrimas affectuosas; da erotica e pastoril, que endoidece de immensa ternura pela amenidade, pela benevolencia, pela paz, pelo verdejar de esperanças diante, á roda, e por cima, de todas as coisas; finalmente da epica, pois que a grande, pois que a summa epopéa da humanidade, que de era a era se desenvolve n'um canto novo, e cujo epilogo ha-de ser o paraizo, tem na sua estrophe de hoje, que lh'a escreveu a mão da Providencia, a abolição do captiveiro e da castração millannaria da alma das creanças. ¡Oh! quando acabarão de entender os homens de engenho, que, se até agora teem podido muito para a gloria pessoal, podem, com ella ou sem ella, muito mais e centuplicadamente, para a felicitação dos seus semelhantes? Oxalá concorra para os desenganar de quanto é melhor o servir que o resplandecer, a recompensa que haveis prodigalisado aos bons desejos. Vejam elles, que se o ter impetrado o resgate de um velho e de uma só familia deu de si tão admiravel corôa, com os esforços que fizerem para melhorar futuros a todas as familias, para felicitarem a todos os velhos com o melhoramento da sua descendencia, a todos os innocentes com o aproveitamento das suas faculdades, ao mundo actual com mais exemplos de rasão e fraternidade, e ao mundo proximo futuro com o

maior legado de homens e mulheres de mais saber e de mais virtude, poderão e deverão esperar, como intermedio entre os galardões da consciencia, que é ante-manhan do Ceo, e os do Ceo, os triumphos terrestres tambem, decretados e conferidos pelos varões como vós, desinvejosos, illustrados, liberaes, e progressivos.

Qualquer que seja porém, meus senhores, o effeito moral da vossa prodigalidade para comigo nos animos dos meus pares e superiores em talento, a carta com que me glorificastes, e a penna que a deveu escrever, enthesoiro-as ambas para meus filhos, pedindo a Deus que á vista de taes documentos se estimulem, como devem, a serem dignos d'este seculo, exactor, cada vez mais severo, de realidades.

Dignae-vos de acceitar os protestos da minha admiração, da minha reverencia e do meu agradecimento e affecto para comvosco.

Ill.^{mos} srs. concidadãos portuguezes residentes em Porto Alegre, no Imperio do Brazil: Antonio Maria do Amaral Ribeiro, dignissimo Consul da Nação Portugueza, Joaquim José de Macedo, F. da Silveira, Manuel José de Carvalho Bastos, Ignacio Pinto da Fonseca, Francisco Pereira da Rocha Paranhos, Francisco José Bello, Joaquim Caetano Pinto, João de Araujo Vianna, Domingos Gonçalves Martins de Oliveira, José Luiz do Valle, João Caetano Ferraz, Antonio Ribeiro da Silva, José Gomes Pereira Bastos, Antonio da Silva Santos Paranhos, Manuel Pinto da Costa Guimarães, A V. Pinto, Jacinto Gomes do Valle Quaresma,

Francisco Ventura Perfeito, Joaquim Teixeira do Valle, Augusto Cesar do Valle, Antonio José Gonçalves Bastos, Antonio José da Silva Guerra, Joaquim Antonio Nunes, José Leite da Fonseca.

Lisboa, 6 de Julho de 1857.

A. F. de Castilho.

X

ADRIANA LECOUVREUR

OPERA EM QUATRO ACTOS

TRADUZIDA DO ITALIANO

DO SNR. ACHILLES DE LAUZIÈRES.

Dedicatória do traductor a Madama Fortunata Tedesco di Franco.

Versos a toda a pressa

I

Sob o que ri, descrê, chora, doideja, lida
sob a cambiante, a escura, a procellosa vida;
por baixo do presente, ingrato, vão, fugaz,
ha duas regiões: na menos funda, jaz
tudo que vida teve; o enxame outr'ora activo,
que errou, zumbiu, soffreu, como este agora vivo.

Em jazigo mais fundo, e mais triste, e mais só,
moram, de longe a longe, os que antes de ir-se ao pó
querem ao bem commum votar-se em sacrificio;
á indiferença, ao odio, oppõem o beneficio;
preparam em secreto a ingratos seus irmãos
as glorias do porvir, obra de suas mãos.

Sob os pés triumphaes de eunucos estadistas,
estes homens de amor, videntes, utopistas,

suam na vasta mina em que Deus os tem nus,
quasi sempre sem pão, quasi nunca sem luz.
Extranhos ao bulicio ephémero dos povos,
de ramal em ramal buscam thesoiros novos;
não de oiro ou pedraria, opulencia vulgar,
mas da eterna verdade; exploram de vagar,
um dia, um mez, um anno, ás vezes toda a vida,
a luminosa ideia, a ideia em vão sumida,
carbunculo vivaz, que o vulgo não prevê;
a ideia mãe do facto, o fecundo *porquê*
d'essas revoluções, que tacitas se formam,
e sem autor nem sangue os seculos tranformam.
Pensando o que ha-de ser, consolam-se do que é;
se a plebe ri, ¿que importa? é séria dentro a fí;
cantam no seu martyrio; aos que lh'o dão, perdôam,
e do posthumo altar co'a fama aos astros vôam.

Um d'estes raros bons, a quem amor prendeu
na catacumba horrenda e gloriosa... sou eu.
Aqui, febre de amar as noites me devora;
de espectros infantis, aves da minha aurora,
não nascidos que um dia hão-de ser mães e paes,
alva turba feliz, em sons angelicaes
me sussurra no ouvido: — «¿A'vante! ¿persevera!
«da noite o dia sai; trabalha, morre, e espera.» —
Trabalho; e a santa ideia, humilde e toda amor,
de que fez meu quinhão n'esta mina o SENHOR,
lapido-a sem cançar, como um real diamante;
guardo-a, zelo-a, defendo-a; ás vezes espumante
como um dragão da Hespéria, em presentindo alguém
que sonhou destruil-a, e arrebatam-a vem.

De tão longa, espontanea e muda obscuridade,
nada ha muito me arranca. As festas da cidade,
¿que fervam lá por cima! ¿abrasem-se ambições!
¿a paz encubra a guerra! ¿embatam-se as facções!;

aqui nem chega um ecco; eu trabalho; e somente
oiço um vago cantar que vem lá do nascente.

Por isso a minha lyra envôlta em seus festões
me dorme ha tanto aos pés: não lassa de canções,
mas sonhando que a aguarda a festa do futuro;
e que um dia o cantor, hoje operario obscuro,
finda que seja a obra, a tomará feliz,
para volver com ella ás glorias juvenis.

II

Mas entre applausos férvidos
;que meiga voz retumba
'té aos recessos intimos
da horrenda catacumba?!

Os eccos alvoroçam-se;
desperta o coração;
cala o porvir. ; Que magica
soltou esta canção?!

Vôlva-se embora a subitas
ás regiões do dia.
;Salve, cantora, symbolo
da eterna melodia!

Fortunata os humanos te chamam,
ó da arte rainha louçan;
;mas como é que no Empyrio te acclamam
teus irmãos, ó dos anjos irman?

Deus sorria, e nasceste, alvo espirito,
dos ethéreos jardins rouxinol;
deu-te a lua o seu raio mais languido,
o seu raio mais vivido o sol.

A' terra Ausonia, á terra dos triumphos,
das deidades, do amor, á noiva Italia,
que a laranjeira em flor e os myrtos c'roam,
cabia pôr-te o berço; outra hospedagem
de menos harmonia,
quem baixava dos Ceos a enjeitaria.

Teus celestes dons nativos,
augmentaram-t'os na infancia
d'esse ar puro alma fragrancia,
mar argenteo, igneos vulcões;
essas glorias do passado,
esses mortos sempre vivos,
esse idioma enfeitado
que enamora os corações.

Escutas, ouves musicas;
pensas, é só poesia;
recordas-te, é magia;
sonhas, é sempre amor.
Já não te admiro: invejo-te,
grão genio encantador.

Das sereias de Parthénope
supponho
no escutar-te ouvir os canticos
em sonho.
;Oh! se o prisco povo itálico
te ouvira
o cantar, que interno oraculo
te inspira;
d'essas nove irmans Piérides
o altar,
a ti só o havia unanime
votar.

III

O' flor do Mincio, ó Mantua; a Roma, inveja
dão teus fados poeticos: Virgilio,
o grande, o que abrangeu no canto augusto
o immenso imperio, os Cesares e os deuses,
chamou-te mãe; por seculos dezoito
descançaste do parto; alfim te assoma
esta filha, outra inveja ao mundo e a Roma.

Diva irman de Virgilio,
tu, que os imos arcanos
da Natureza e da Arte a fundo sondas,
inspirada Sibylla em viço de annos,
dize-me o teu segredo; oh! não m'o escondas.
¿Acaso de tão longe o teu Virgilio
te adivinhava já?, te presentia?
¿eras tu, por nascer, a doce Musa
que lhe inspirava a terna poesia?
Vagam no Elysio (d'elle proprio o soube),
co'as sombras dos que hão tido illustre fama
sombras dos que hão-de têl-a: heroes, heroínas,
sumidos na selvatica espessura

de seus futuros loiros,
a aguardarem os seculos vindoiros.
¿D'essas uma eras tu?, que interdormido
lhe ias verter no ouvido
mysterios de ineffavel sympathia,
quando elle suspirando repetia:
— «Aos deuses lá no Ceo levae-me, ó ventos,
«parte d'estes accents!» —

Sim, sim, apraz-me o crêl-o, entre vós ambos
havia já então, e inda hoje existe,
commercio fraternal: cantavas n'elle,
poetisa elle em ti; eras outr'ora
a sua Musa, elle é teu Phebo agora.

IV

Que digo? á mente vasta,
 para encher-t'a, um Virgilio inda não basta:
 das edades pretéritas evocas
 as femininas sombras memorandas;
 quaes, cingidas de rosas;
 quaes de feraes cyprestes;
 umas, sorrindo amor; outras, chorosas;
 já, furiaes; já, victimas celestes.
 Evócal-as, ressurgem; desapareces;
 já não és tu; és Dona Elvira; és Fides;
 Eleonora, Semiramis, Helena,
 Desdémona, Macbeth, Amina, Sapho,
 Palmira, Catharina, Anna, Delicia,
 Rosina, Abigail, Theodora, Anaide,
 Norma, Rebecca, Longueville, je quantas!
 Todas são tu; és todas;
 renasces, morres, vives, ressuscitas;
 pranto, invejas, horror, ternura, excitas.
 Das mil paixões na arena, arrancas sempre
 os vivos da victoria; a turba attonita
 vê-te mil, e uma só; diversa, a mesma,
 foco de seducções; não te resiste;
 e á déspota das almas
 sente-se altiva em tributar as palmas!

V

¡A'vante~ pois na triumphal carreira,
 de nações em nações, de mundo em mundo,
 nobre filha da Italia!! ensina aos povos
 que inda é Romano o genio da conquista:
 guerreiro outr'ora, em nosso tempo artista.
 A's flammigeras aguias
 os namorados cisnes succederam.
 A's aguias, inda alguém de longe a longe,
 um luso, um Viriato, ousava oppôr-se;

mas a vós, almos genios da harmonia,
 ¿quem vos resistiria?
¡A'vante co'a torrente das victorias!
¡mulher deidade, ávante! ¡Oh! ¡que existencia!
 ¡oh! ¡que digna de inveja!
Ave gentil da primavera amante
vôa de ceo em ceo, de clima em clima,
 acompanha-a constante;
o que é gelo não sabe; e a seus amores
só pende o instavel ninho onde acha flores.

Onde quer que appareceres,
onde sõe o mago canto,
gloria é tudo; é tudo encanto;
tudo em torno é festival.

Faz-se a noite em claro dia;
reinam magicos prazeres;
sobre loiro, entre alegria,
vai teu coche triumphal.

A mulher que é soberana
 põe ufana
uma c'rôa e está feliz;
tu já calcas sob as plantas
 c'rôas tantas...
que de as ver já te sorris.

¡Oh! ¡Ceos! ¡que não possa do canto a magia,
qual dura a poesia, perpetua durar!
¡que a um tempo das artes se gose em mil partes,
e d'esta o universo não possa gosar!!
Brilhou, desaparece, não deixa vestigio;
desfaz-se o prestigio; só fica a saudade.
Mas se eternidade durasse o prodigio,
poderam-n-o os anjos ao mundo invejar.

VI

Tedesco, hoje, entre nós; passados poucos dias...
no theatro, o deserto; as raras melodias,
que nos fazem tremer, bramir e delirar,
vão ter por côro o vento, e por tablado o mar.
;Depois, já n'outro mundo! Após tão amplos mares,
o Brazil, terra de oiro á sombra de palmares,
já te aguará insoffrido, e te apresta os laureis.
;Depois, que de orbe ainda! e a nós, aos teus fieis,
nunca mais volverás; nunca jamais.

VII

Lá quando
lassa de conquistar, ao ocio amigo e brando
te volveres alfim do ninho teu natal;
quando do Mincio á beira, a sombra fraternal
te induza a contemplar do orbe a carta immensa,
mappa da tua gloria, encara o Tejo; e pensa...
pensa que á tua voz, á tua voz tão só,
lyra de tanto muda, esquecida no pó,
vibrou, tremeu, surgiu do fundo de um jazigo,
a tributar-te um hymno, a modular comtigo.
Sim; cantaste *Adriana*; e um ecco portuguez
do fundo d'esta lyra a redisse outra vez;
e depois, a canção que a tua lhe acordára,
a ti a dedicou. Era assim que ante a ara,
no teu antigo Lacio, um devoto pastor
das flores á deidade offertava uma flor.

VIII

Torne ao silencio a lyra; o obreiro á obra ingente,
e a ouvir os vagos sons que veem lá do nascente.

PREAMBULO DO TRADUCTOR

(Na edição do Libretto, de 1858)

Convem antes de tudo assentar já aqui um facto de inquestionavel certeza: esta *Adriana Lecouvreur*, poesia do snr. Achilles de Lauzières, e musica do snr. Eduardo Vera, nada tem que ver, como a alguns se entrefigurou, com outra opera do mesmo titulo, poesia do snr. Leão Fortis, musica do maestro Benvenuti.

Tudo que vamos dizer se prova com os jornaes de Italia. A *Adriana* do snr. Benvenuti foi cantada, com infausto exito, em Milão, no theatro della Cannobiana, no fim de 1857. A do snr. Vera havia-o sido com a mais favoravel acolhença em fins de 56 em Roma, no theatro Argentina, n'esse difficil theatro, para onde Verdi compôz nada menos que o *Trovador* e os *Dois Foscari*.

Isto posto, pôde vir muito nas boas horas, e muito segura de si e de nós, a *Adriana Lecouvreur* do snr. Vera. Não é o intelligente publico de S. Carlos para lhe denegar corôas, quando o intelligente publico da Argentina lh'as offertou. De mais, aqui, assim como Roxane se encarnava em *Lecouvreur*, a propria *Lecouvreur* se identifica em Te-

desco; podemos admirar a um tempo dois bellos genios em um só.

A *Adriana* do nosso amigo Vera breve passará, com a sua nobre intérprete, de Lisboa para o Rio de Janeiro, a carregar-se das suas terceiras palmas; e de lá,

se i poeti han del vero alcun presaggio,
proseguirá longa e ininterrupta carreira de conquistas pelos mundos velho e novo.

Taes são pelo menos as esperanças e as benções do poeta, que a saúda ao seu passar por entre nós.

Sempre se gosta de conhecer um talento que nos visita. Sabereis, pois, que o snr. Eduardo Vera, o proprio que entre nós está pondo em scena a sua opera, é irmão da já afamada cantora Vera Lorini, e filho, como ella, da mui celebre artista alleman Haëser, nascida em Leipsick, esplendor dos theatros lyricos do seu tempo, e que a Italia appellidava (como ainda lhe lembra) *la divina tedesca*. De proposito para ella escreveu Paër a *Griselda* e a *Agnese*. Hoje, septuagenaria, mas com o espirito e o gosto juvenis, anima ainda com os seus conselhos a seus filhos; lá de tão longe, do seio da sua velha Roma, os exforça com os reflexos da sua gloria, velha tambem, mas ainda gloria. Por isso, nada mais delicioso para o coração, do que ouvir estes dois irmãos falarem d'ella; pôrem, todas as suas ufancias, não no que elles fazem, mas no que fazia a que lhes deu com o sangue e com o leite o instincto do bello, com as exhortações e com o exemplo a devoção á arte e o santo fanatismo do estudo.

Solitaria n'aquella terra de glórias, de ruínas, de saudades e talvez de futuros, Madama Vera dá a lembrar as matronas heroicas de outras eras, que armavam por sua mão os nados e creados do seu amor, e os enviavam a conquistar ou morrer, pelejando, em regiões remotas. — «Volta com este, ou volta n'este» — eram as suas ultimas e sublimes despedidas, entregando-lhes o escudo. Hoje as conquistas romanas são incruentas, e nem por isso menos bellas; o coração materno deixado a sós, tem menos cuidados de que se dêa. Tem-n-os todavia, que para isso é materno, e para isso é coração. Para os diminuirem, para os suavisarem á nossa boa Sybilla, as amantes e continuas cartas de seus filhos levam-n-a a assistir em espirito a todos os testemunhos de benevolencia que elles andam pelo mundo grangeando. Assim, viaja com elles; assim, a pobre familia dispersa está sempre junta.

*Dolente, in solitudine ridotta,
ritirata da gli altri, è sol colloro
che le stan lungi, e lor sol vede e sente.*

Cartas d'ella, destilladas de dentro da sua alma, já nós nos deliciámos de as ouvir (os leitores que não forem para affectos podem saltar isto). ¡Que paginas! ¡que exhortações para que a excedam! ¡que sabios conselhos nas coisas da arte! ¡que amavel resignação nos seus sacrificios á gloria de seus filhos!

A' doce e irresistivel autoridade d'aquella mulher memoravel, que mereceu a Paër duas operas, e ao incoercível Hoffmann dois capitu-

los de enthusiasmo, devemos nós a existencia d'esta *Adriana Lecouvreur*. Foi ella que a pediu instante a seu filho; foi para ella principalmente que seu filho a escreveu; é a ella, só a ella, que se comprouve de a dedicar.

Ainda um toque n'este quadro, e nada mais: quando na *Argentina* se executou pela primeira vez esta partitura, ¿sabeis qual foi de tantas scenas que ficaram lembrando a que mais se gravou nos corações? ¿a que não tem de esquecer nunca em Roma? Foi uma que não estava ensaiada, nem escrita, nem prevista de ninguem: a antiga *divina tedesca*, presenciando o triumpho publico de seu filho, corre do camarote ao tablado; refflorir-lhe a primavera, reaccendêra-se-lhe o estio após setenta invernos; mostra-se como nunca ufana, e coberta de lagrimas de alegria, aos descendentes dos seus admiradores de outr'ora; dá ao seu Eduardo n'um abraço de mãe feliz a suprema recompensa. Por entre os numerosos artistas que a cercam attonitos e enternecidos, ha um só, um corista decrepito, que ainda se lembra de a ter visto em scena. O pobre velho, enthusiastado, posto em joelhos, beija-lhe, como filho tambem, as mãos descarnadas, que tantas corôas levantaram ha tantos annos.

Se do nosso trabalho pôde agora caber que digamos alguma coisa, cifral-a-hemos n'isto: que não aspira a louvor; pede indulgencia. Emprehendemol-o, obedecendo aos desejos de um excellente amigo e poeta, o nosso Palmeirim; tivemos para o executar poucos dias, e ainda esses cortados de trabalhos mais sérios e impreteriveis.

Foi o empenho, talvez temerario, temerario decerto, que o poema tivesse em portuguez tantos versos precisamente como no italiano, todos de identica medida, todos de egual accentuação; que os córtes das falas coincidissem cá no verso inteiro, no hemistichio, ou na fracção metrica em que os achavamos no original; que onde havia esdruxulos, ficassem esdruxulos; onde graves, graves, e agudos onde agudos; emfim, que as rimas egualassem ou excedessem ainda em numero ás do texto, comquanto já lá viessem derramadas com mão profusa; por ultimo queriamos, sem nos desviarmos do nosso guia, retocar (se o soubessemos) aqui ou acolá, um ou outro descuido que por acaso lhe enxergassemos, d'aquelles a que a pressa do escrever muitas vezes expõe, e a que todos os entendidos, mórmente os do officio, nem recusam, nem difficultam venia.

... petimusque damusque...

Onde elle, para expressar paixões ou movimentos da alma, repetia por inadvertencia imagens, encarecimentos, expressões, que já d'antes empregára, quizemos nós vêr se, variando como quer que fosse, logravamos disfarçar com as fórmãs externas a identidade do fundo.

Caminhar, e caminhar depressa, e depressa sem muita queda, arrastando tantas cadeias juntas, digâmol-o com sinceridade em abono da nossa individual obstinação, não era empreza muito facil. Todos os que estudaram com certa profundeza, e compa-

rando-as, as duas Linguas, confessam, e não podiam dissimular, vantagens que a italiana leva á nossa: vocabulos elasticos, dilataveis ou contrahiveis *ad libitum*, e ao reclamo do metro; maior abundancia de esdruxulos, e faculdade de converter muitos d'elles em graves, e muitos graves em agudos; menos desinencias em inflexões, e por consequencia mais facilidade em absorpções, sem falarmos em que as palavras d'esse feliz idioma são, por via de regra, mais curtas que as do nosso, segundo já tivemos occasião de demonstrar n'uma pacifica, e logo terminada, discussõesinha literaria com o sr. Vegezzi Ruscalla, habil traductor da *Marilia de Dirceu*.

Pondero aqui tudo isto para que me não recusem a indulgencia que eu disse requeria, e agora accrescentarei que espero afoito, de todos os que tratam isto de Letras e Poesia com amor, sciencia, e consciencia.

Se decidirem esses que de todo me não sahiu baldo o commettimento, pago fico.

Com um pouco mais de desaffôgo menos ruim obra se houvera effectuado; mas para quê, se as d'este genero só duram uma noite? ainda assim n'este pouquinho, mesmo imperfeito como vai, muito me ufanarei se alguém reconhecer, que tambem nós, abaixo dos Italianos, possuimos uma Lingua poetica e musical, uma formosa e guapa Lingua, que, a não ser á d'elles, á de nenhum outro povo cede a palma.

Entretanto todas as nações, até a Dinamarca, teem sua opera nacional; je nós, prodigos e indolentes, a porfiarmos que a não

podemos obter!! ¡Oxalá acudisse a desmentil-os com obras da sua lavra o nosso primeiro dramaturgo, o amigo e collega Mendes Leal!

ARGUMENTO DA OPERA

Mauricio Conde de Saxonia, Marechal General de França, nascido em Dresda aos 19 de Outubro de 1696, e fallecido em Chambord aos 30 de Novembro de 1750, avulta grandioso na historia politica e mñitar d'aquelles tempos. A presente opera, extractada de um drama de Scribe, é miniatura d'esse quadro, que já era elle proprio resumo caprichoso de uma historia tão ampla e memoravel; tem o duplice interesse de nos abranger, com poucas linhas de contornos, um memoravel guerreiro, e uma memoravel artista: Mauricio e Lecouvreur; dois genios, dois triumphadores; elle, pela sciencia e pelas armas; ella, pelo talento e pelos feitiços. Pôr em contacto, em harmonia, em jogo dramatico, o heroe e a heroína, podéra ter sido inspiração feliz da poesia, mas foi obra real do acaso, da fortuna, do amor. Mauricio de Saxonia e Adriana Lecouvreur viram-se, conheceram-se, amaram-se; as duas aureólas mutuaram, confundiram por um momento, os seus resplendores.

O poeta lyrico italiano, cujo sou intérprete, angustiado sem duvida nas estreitezas, no leito de Procustes, d'este genero de composições, deixou por ventura, e deixámos por consequencia tambem nós, algumas partes do enredo menos allumiadas e

distinctas do que aos espectadores conviria. Pareceu-nos portanto não seria desacêrto abrangermos previamente, em poucas linhas, o principal do poema. Eil-o aqui:

O Conde Mauricio de Saxonia (*snr. Neri Baraldi*) que nos seus galanteios usa encobrir-se com o nome de *Arminio*, ama, correspondido, a Adriana Lecouvreur (*snr.^a Tedesco*), celebre actriz da Comedia Franceza; mas Adriana suppõe que o seu Arminio mais não é que um soldado aventureiro d'aquelle famigerado Conde de Saxonia, a quem ella não conhece.

A mulher do Duque de Bouillon (*snr.^a Kaiser*) ama-o tambem, mas conhecendo o pelo proprio, se bem que (jphantasias de namorados!) folga de o tratar pelo mesmo pseudónimo de Arminio.

Nada a principio sabem nem presumem uma da outra as duas rivaes. O Conde frequenta a Adriana, porque lhe quer muito; frequenta a Duqueza porque, pelo valimento d'ella, espera obter de el-Rei de França uns regimentos, com que vá pugnar pelos seus direitos ao throno vago da Curlandia.

O marido da Duqueza (*snr. Celestino*) intercepta uma carta dirigida por esta, com letra disfarçada, ao Conde, a aprazal-o para um colloquio nocturno no seu palacete ou pavilhão das murtas. Entrega-a ao seu confidente Alby (*snr. Bruni*) para que a leve ao Conde; e para se vingar da projectada traição, convida toda a companhia da Comedia Franceza, e outras pessoas, a um banquete no pavilhão das murtas, ao qual deseja que presida, como rainha, Adriana.

Adriana, porém, a quem o amante, havendo-lhe promettido vir no fim do espectáculo para casa d'ella, lhe acaba de fazer da plateia signal de que não pôde cumprir a palavra (effeito já da carta da Duqueza), Adriana recusa-se ao convite do Duque; está maguada e furiosa. O Duque insiste dizendo-lhe que tenciona dar lhe por cavalheiro na festa o Conde Mauricio de Saxonia. Então aceita; haverá assim occasião de prestar um serviço ao seu ingrato, obtendo que o Conde o promova no exercito. Era, sem o saber, implorar o a elle em favor d'elle mesmo. O empenho do Duque, dando um baile no pavilhão das murtas, era colher a esposa e Mauricio no colloquio, e castigar os assim com expol os ao geral desprezo.

A duqueza chega sósinha ao praso dado antes de Mauricio; agasta-se com a tardança, concebe vagos ciumes; Mauricio entra, desculpa-se, mas traz no peito um ramalhetete, prenda de Adriana. A Duqueza lh'o exige; elle, para arredar suspeitas, lh'o entrega, e sabe por sua bocca haver-lhe emfim o Governo concedido, por diligencias d'ella, as tropas que tanto desejava.

O Conde de Saxonia protesta-lhe gratidão; mas amor, que é o a que ella aspira, não lh'o chega a prometter.

N'este comenos o suspeito Duque de Bouillon, que havia tomado todas as providencias para a vingança, mandando rondar o jardim por apaniguados seus, com ordem de não deixarem sahir ninguem, já vem perto com os convidados. A Duqueza aterrada implora do Conde que a defenda. O Conde

fal-a esconder em um quarto contiguo á sala, sai arrebatadamente, afiançando-lhe que voltará para a proteger na evasão.

Pouco depois o Duque, os seus hospedes, Adriana, o Conde, entram na sala. Bouillon apresenta a Mauricio Adriana, e a Adriana Mauricio, designando-lh'o por Conde de Saxonia. Adriana, disfarçando como pôde a maravilha de tão inesperada identidade, diz ao Conde, em voz alta, que vem perante elle interceder em favor de um seu soldado desvalido, e logo, aproveitando-se da confusão dos circumstantes, se aparta d'elles com o seu amante para conversarem mais em secreto. Mauricio, que não tem tempo que perder para salvar a reclusa, nem vê outrem a quem para isso recorra, diz a Adriana que n'aquelle quarto ao pé está occulta uma dama, não amada sua, mas a quem elle deve pôr em salvo; pede o coadjuve n'este difficil empenho. Adriana crê, e promete-lh'o. O Conde sai, para impedir que alguém sobrevenha no entretanto. Adriana abre a porta do quarto, diz á occulta desconhecida que pôde vir sem medo; a Duqueza sai. A sala está ás escuras; não se conhecem; mas no seu curto dialogo descobrem que ambas ardem por Mauricio, que Mauricio é o *Arminio* de ambas. — «Amo-o» — diz a Duqueza: — «E eu sou d'elle amada» — lhe responde a actriz. — «Hei-de-me vingar de ti; hei de te perder.» — E eu de ti vingo-me já: salvo te.» — N'isto veem chegando os da festa; a Duqueza desaparece pela porta falsa que ella mui bem conhece, pois lhe pertence a casa, e que dá para

a rua onde Mauricio a espera, para a acompanhar até a pôr em salvo no palacio.

Quando o Duque entra, com toda a gente e luzes, acham só a Adriana, por quem andavam procurando para o festim; o Duque, havendo percorrido tudo, vem já desenganoado de que as suas suspeitas ácerca da mulher foram sem fundamento. Adriana está na maior perplexidade, sem atinar quem seja aquella que desapareceu, que é sua rival, cuja voz ouviu, mas cujo nome e cujas feições totalmente desconhece.

A Duqueza de Bouillon sahira ferida no amor e lesada no orgulho; anciosa de desaggravar-se, denuncia e faz prender a Mauricio como reo de uma conjuração.

O Duque dá no seu palacio um sarau. Adriana está convidada para ir lá declamar alguns papeis tragicos. A Duqueza e Adriana reconhecem-se uma á outra pela voz; o Duque, que temia na pessoa de Mauricio um perturbador do seu thálamo, annuncia á sociedade achar-se elle na cadeia da Bastilha (ignora ainda que já foi sôlto, sôlto pelos exforços de Adriana). A Duqueza para a apunhalar diz-lhe que Mauricio foi ferido. A presença de Mauricio, que sobrevem, a desmente.

Chega o lance da recitação. A Duqueza, para abater e descoroçoar a sua émula, senta o Conde ao seu proprio lado e pega-lhe na mão, emquanto a artista está em pé, á espera de que lhe designem que papel desejam que ella represente.

—«O monologo de Ariadne desprezada»
—lhe diz intencionalmente a triumphadora.
—«Phedra»—propõe Mauricio. Adriana re-

cita o bello discurso da scena III do acto III da *Phedra* de Racine, com os olhos fitos na sua rival, applicando-lhe cada phrase, crescendo para ella a cada verso, até que, chegando ás palavras:

*Já se gosam do mal, sem que lhes tinja
sombra de pejo ou de vergonha as faces,*

lhe crava no meio da testa o dedo como um ferrete. Desata-se a festa em geral tumulto.

A pobre Adriana, vingada, mas votada tambem á vingança, está em sua casa, só, acompanhada de Michonnet (*snr. Cresci*), o contra-regra do seu theatro, o seu verdadeiro e ardente amigo, o seu mestre, o que sobretudo lhe deplora os amores, por entender que lhe offuscarão a gloria artistica. Chega trazido por um servo sem libré um cofresinho dirigido a Adriana: dentro veem as flôres que ella déra a Mauricio com recommendação de que apenas cessasse de a amar lh'as restituisse. ¿Que mais é preciso para se convencer do seu desamparo? beija-as, arremessa-as ao fogo. Não espera vêr nunca mais o seu ingrato; eil-o que chega; entrou, a despeito da resistencia de Michonnet; implora perdão, protestando o que é verdade: que só a ella ama, que só a ella tem amado, amaldiçoando a sua commum inimiga.

A pérfida, que tirára as flôres a Mauricio, enviára-as em nome d'elle a Adriana, mas impregnadas de tão subtil veneno, que esta ao beijal-as, aspirou a morte. Adriana exhala a vida entre o amor e a amisade.

Pessoas

Actores

- ADRIANA LECOUVREUR, dama do
theatro da Comedia Franceza SNR.^a TEDESCO
A DUQUEZA DE BOUILLON..... SNR.^a KAISER
MAURICIO, Conde de Saxonia, as-
pirante ao throno da Curlan-
dia, e usando nos seus amores
do nome de Arminio..... SNR. NERI-BARALDI
O DUQUE DE BOUILLON (Arthur),
marido da Duqueza SNR. CELESTINO
MICHONNET, contra-regra do thea-
tro da Comedia Franceza e
grande amigo de Adriana SNR. CRESCI
O CAVALLEIRO DE ALBY, confiden-
te do Duque de Bouillon..... SNR. BRUNI
QUINAULT, actor..... N.
Um familiar da Duqueza N.

Senhores—Damas—Actores—Homens de armas apaniguados
do Duque, etc.

A acção passa-se em Paris no anno de 1730.

ACTO I

O theatro representa a galeria (*foyer*) dos actores no theatro de Paris por antonomasia chamado francez. Ao meio de cada uma das paredes lateraes, sua porta: a da direita dá para o theatro; a da esquerda para os camarins dos actores. No topo, porta por onde se vai para a rua. Fogão accezo.

SCENA I

(Actores e actrizes, com seus variados trajos theatraes: uns de comedia, outros de figuras que hão-de entrar na tragedia **Bajazet**. **Quinault** de vizir. **Acomato** joga o xadrez com outro actor. Alguns estão de mirões ao pé do taboleiro; varios aos lados e diante do fogão; este, prova um vestido; *aquelle* passeia; aquell'outros conversam em meia voz, ou estudam os seus papeis. Um toca riço uma campainha e chama.)

Um actor. ¡Michonnet!

Outros Buscae-o; ¿aonde?

nunca pára.

Quinault (*jogando*) Mate ao rei.

(O actor agita outra vez a campainha.)

Outros ¡Grita bem! vê se responde.

O actor ¡Que maldito! ¿onde o acharei?

Côro A Adriana deu-lhe coca;

o theatro anda ao laré;

deixa tudo ir á matroca;

¡quem diria! ¡o Michonnet!!!

¡Será fada essa Adriana?

¡quem viu nunca igual mulher?

já do povo é soberana,

e inda mais vassallos quer.

O actor ¡Michonnet! ¡grita-se, e nada!

¡Michonnet!

SCENA II

Os precedentes, **Michonnet**

- Mich. (acudindo) Cá estou. ¿Que é lá?
 Um ¡O alvaiade!
 Outro ¡A minha espada!
 Outro ¡O punhal!
 Outro Aéreo está.
 Mich. ¿Quem viu nunca tanto grulha! (socegando-os)
 ¡menos bulha! ¡menos bulha!
 quer-se tudo, tudo, tudo;
 Adriana está no estudo.
 Côro A Adriana aqui é tudo.
 Mich. Sim que a ella igual não ha. (Pausa.)
 Tem na voz, e tem nos olhos,
 um não sei que doce encanto,
 que, ou se enfade ou verta pranto,
 sabe as almas captivar.
 Seu olhar vibra eloquencia;
 seu falar seduz, fascina;
 tem no gesto omnipotencia;
 tudo n'ella é triumphar.
 Phydias n'ella outra Erycinna
 nos podia retratar.
 Côro Se a Duclos não é tão bella,
 vence-a em graças a Duclos.
 Mich. A Duclos... seja uma estrella;
 porém sol, existe um só.
 Côro ¿Quem será que tantas c'rôas
 roja aos pés d'esta Adriana?
 Mich. Não n-o sei; sei que é sob'rana
 que ás dos reis podéra honrar.
 Sceptros mil, se eu mil tivesse,
 ás suas plantas os poria;
 sendo eu genio da poesia,
 fôra d'ella o meu cantar;
 Deus, meu Ceo lhe offertaria
 ¿Que são para a coroar;
 quanta flôr a terra cria,
 quanta perola ha no mar?
 Côro Viste o sol, ficaste cego;
 t'arrenego! é de aterrar.

(Ouve-se de dentro a orchestra do theatro annunciar o
 começo da peça)

Côro ¡O signal! ¡cada qual a seu posto!
a plateia já grita e se agita.
¡Apromptar! ¡javiar! ¡toca á scena!
lá nos torna o signal a chamar.
(Saem todos, menos Michonnet)

Michonnet só, depois Adriana

Mich. Ausentaram-se emfim. Não, que nem sonham
quanto é diversa d'elles
esta mulher sublime!

Eu, eu, que a adoro,
talvez sua grandeza eu mesmo ignoro.

¿Quem vem lá? ¿Adriana?
¿que bem lhe fica o trajo de sultana!

(Entra Adriana vestida de Roxane no Bajazet, estudando o seu papel, e sem vêr a Michonnet)

Adr. *Os meus tramas e ardis,* (estudando)
minha traição fatal,
quanto ousei, quanto fiz,
placrat-o uma rival?

[Rival!... não disse isto inda bem. Tomára alguém...

Mich. (adiantando-s^e) **Adriana!** ..

Adr. ;Caro!

Mich. Admirar-te quero. A' fé, mais linda não se viu outra ainda.

Adr. Ah! que se eu fosse
qual t'o finge a amizade,
sómente em lhe agradar punha a vaidade.

Mioh. *¿Agradar-lhe?* então amas ;
 je amor ante a amizade esconde as chammas?

Adr. {Caro amigo!... (confusa)

Mich. (áparte) ¡Ama! ¡ó Deus! ¡está perdida!
(alto) ¡Amas?

Adr. Não amo: adoro; abraço a vida.

Mich. ¿Algum magnate? ¿um Creso?

Adr. Oh! não atinas:

é um pobre; um soldado aventureiro;
segue os pendões do Conde de Saxonia.
Não córo.

Mich. E âmal-o tu?

Adr. (com enthusiasmo) Não amo; adoro.

Vi-o; e das glorias bellicas
o anjo o suppuz brilhante;
pasmei, absorta, estatica,
no vencedor semblante;
e rebentou-me a subitas
este vulcão de amor.

Sem elle o mundo é tumulo;
vida sem elle é morte;
mas um porvir de jubilo
espero obter em sorte:
jurei, jurou, jurámo-nos
juntos os Ceos transpôr!!

Mioh. ¿E a arte? ¿os entusiasticos
applausos estrondosos?

Adr. A gloria, crê-me, a gloria,
não é quem faz ditosos;
gostos perfectos, intimos,
sómente amor os tem.

Mich. ¿Mas virá elle?

Adr. Um frémito
m'o diz cá dentro; vem.

Peno e goso; não te pinto
meu ser novo; o que em mim sinto
nem á phrase humana acode,
nem se póde conceber.
São delicias na agonia;
são tormentos na alegria;
é um não querer mais gloria
que este doce bem querer.

Mich. ¿E hoje ao theatro veio?

Adr. Sim; voltou hoje aqui.

Ha um anno que o não vi.

Mioh. O seu triumpho em cheio
Roxane pois terá.

Adr. Recorde-se Adriana,
que é só Roxane agora;
vais triste; ¿não?

Mioh. ¿Embora!

(Apontando para o lado do theatro)

Além tua gloria está.

(Sai)

SCENA IV

Adriana só, depois Mauricio de Saxonia

Adr. (seguindo com a vista a Michonnet)
 ; Que alma nobre!
 (Tornando em si)
 De amor triumphe em parte
 agora a Arte.
 (Retoma o papel e declama)
*Os meus tramas e ardis,
 minha traição fatal,
 quanto ousei, quanto fiz,
 lucral-o uma rival?*

Maur. (com galanteio, á porta da esquerda)
 ; Uma rival?!
 ; Rivaes para Adriana?
Adr. Arminio meu, julgava-te na sala,
 segundo a tua carta, a amavel nuncia
 do teu fausto regresso.
Maur. (descendo o palco) ; Oh! não podia
 viver já sem te vêr, sem repetir-te
 que só, sem ti, querida,
 me é todo o mundo exilio, e peso a vida.
 ; E tu amas-me ainda?
Adr. (com infantil simpleza, pega-lhe da mão e lh'a põe sobre
 o seu proprio coração)
 Pergunta a este qual o pôz tua vinda.

(Com transporte)
 ; Se te amo? ; ahl tu conhecel-o
 melhor do que eu t'o digo.
 Dois são meus votos unicos:
 viver, morrer, contigo.
 ; Ingrato! ; perguntas-me
 se ardo por ti de amor?
 seja-te d'alma intérprete
 dos olhos meus o ardor.
Maur. Repete a phrase magica;
 redobra-me o delirio;
 dos seraphins as citharas
 cuido escutar no Empyrio.
 Vezes repete innumeradas
 esse *amo* encantador.
 Grande te ha feito a gloria,
 faz-te divina amor.

(Adriana senta-se; Mauricio puxa um tamborete e senta-se aos pés de Adriana)

Adr. (com os olhos n'elle, e toda mimo)

Tu, ser meu, só meu, juraste.

Maur. E inda o juro.

Adr. ;Oh! (sem mentir)

;nunca, nunca, a outra amaste?

Maur. Fala só, só do porvir;
não sei já do meu passado;
foi um tempo em que eu não fui.

Adr. (tirando do seio um ramalhete de flores, dá-o a Mauricio; depois diz:)

Flôres são que amor te ha dado;
findo o amor, m'as restitue.

Maur. (toma-as, beija-as e põe-n-as sobre o coração)
Copias d'ella, ó flôres minhas,
ficar-lhe-heis sempre vizinhas.

(Ouve-se outra vez a musica da orchestra)

Adr. ;Ouve!

Maur. A' sala eu corro; parte;
vou co'o publico admirar-te.

Adr. (olha em derredor e abaixa os olhos)
;E esta noite? ;vêr-nos-hemos?

Maur. Certamente. (Com intimativa)

Adr. ;Ambos a par!
;ambos sós!! nos bens supremos
outro equal não hei-de achar.

;Doce esperança!

;maga alegria!

o Ceo nos ria
constante assim.

Por toda a vida
contigo unida
vou ter um extasi
de amor sem fim.

(Sai Adriana pela porta da direita, Mauricio pela da esquerda)

SCENA V

O Duque de Bouillon, o Cavalleiro de Alby

Dnq. (segue com os olhos a Mauricio, que o não vê; no momento d'este desaparecer, diz:)

Se não me engano, era Mauricio, o Conde,
que ora partiu.

Alb. Sem duvida; na sala
já entra.

Duq. A preço d'oiro houve esta carta,
endereçada a elle:

(Tira do bolso um bilhete e lê)

*Preciso de falar-te. A' meia noite.
No pavilhão dos mirtos. Pressa urgente.
Segredo e amor.—Armanda.*

Alb. ¿Armanda? ¿quem será?

Duq. Conheço o nome;
porém a letra é disfarçada. Ao Conde
envia-me esta carta. ¿Ah! que se eu colho
na rede a falsa, prompta
goso a vingança em sua propria affronta.

(Sai Alby)

Ao azar de um desafio
meu desforço não confio.
Nem recorro á cega sorte,
nem dou morte; opprobrio dou.
Se a inhumana, a fementida,
quer lançar-me infamia ao rosto,
eu na frente envilecida
nodoa eterna impôr-lhe vou.

Alb. Lá dei a carta ao Conde. (Voltando)

Duq. Agora escuta:
Suspeito (¿ideia atroz!) ser da Duqueza
a carta ao Conde. Elle ama-a.
Ao pavilhão dos mirtos
com amigos irei; no esconderijo
de seus torpes amores,
cobriremos de opprobrio os dois traidores.

(Ouve-se no theatro o estrepito das acclamações, das
palmas, e dos bravos)

Duq. ¿Que alarido?!

Alb. Triumpha Adriana;
de Roxane se applaude o valor.

Côro (lá dentro) Viva! viva! da scena a sob'rana
é não menos sob'rana de amor.

SCENA VI

Os precedentes, **Michonnet**, depois fidalgos, actores e actrizes,
e por ultimo **Adriana**

Mich. Sim: da scena só ella é rainha;
move; arrasta; o futuro é já seu.
Todo o povo a applaudir-m'a se apinha;
foi divina; a si propria excedeu.
N'um momento, foi chammas, foi raio;
logo após, sepulcral pallidez;
vinha o pranto, atalhou-lh'o o desmaio;
¡que terror na plateia não fez!
Mas o applauso rebenta outra vez...

(Entra o côro acclamando a Adriana, que vem pallida,
abatida, agitada, e convulsa)

Côr. ¡Viva Adriana!

Adr. (com impaciencia) ¡Oh! ¡calae por piedade!

Mich. ¡Tu que tens?

Adr. (a meia voz) Estou morta, não sei.
¡Um signal de que vir já não ha-de!
¡e eu tão cega que amante o julguei!!

Duq. (em pé no meio do theatro, a todos os circumstantes)
Pretendo, em honra da grande artista,
dar uma festa; sois convidados;
¡vireis, Adriana?

Adr. (com voz muito sumida) Não.

Quin. (áparte) Quer que insista.

Duq. Teremos danças, risos, agrados;
as classes mixtas: nobres e artistas.
Sereis, Adriana, vós a sob'rana;
vosso parceiro, bravo guerreiro:
o joven Conde Mauricio.

Adr. (ao ouvir-lhe o nome, levanta a cabeça, pensa um instante, e exclama resoluta:)

Prompta.

(áparte) Irei ser util ao que me affronta;
por elle ao Conde supplicarei.

Côro ¡Adriana acceita!

Adr. (para o Duque) Faltar não sei.

Côro Nas taças á mesa de espumeo licôr,
na musica accêsa, nos cantos de amor,
¡amemos! ¡gosemos! ¡busquemos folgar!!

(Adriana e Michonnet de um lado; o Duque e Alby do outro, repetem elles tambem o que diz o côro, mas com alegria forçada; depois)

Adr., Mich., Duq., Alb. (áparte)

Aos faustos clamores nem tudo responde;
no meio das flôres a morte se esconde;
convem, ó meu peito, soffrer e calar.

Côro (alto)

Nas taças á mesa, na musica accêsa,
amemos, gosemos, busquemos folgar.

F.M DO ACTO I

ACTO II

Jardim das murtas, pertencente ao Duque de Bouillon. Do lado direito o pavilhão, com uma janella illuminada por dentro. O restante da scena ás escuras.

SCENA I

(Um magote de malfeteores, gente do Duque, atravessa a scena muito a passo, como que a observar e sem querer aer visto)

Côro Manso; manso; quedo;
 ronde-se em segredo;
 note-se o que vai;
 olho áleria; festa
 nunca a vi como esta:
 quem entrou não sai;
 este enigma cança;
 coisa de vingança
 penso que será.
 ;Triste praso dado!
 ;pobre namorado
 se appareces cá!
 Manso; manso; quedo;
 ronde-se em segredo;
 nada escapará.

(Vão-se)

SCENA II

Saleta no interior do pavilhão. A' direita uma janella; á esquerda uma porta. No topo duas portas, uma das quaes disfarçada

(A **Duqueza de Bouillon** está assentada a uma mesinha, e dá de quando em quando mostras de insoffrida. O relógio dá umá hora)

Duq.^a ;Mas não chega! ;uma hora ha já que esperol
 e d'antes... ;que fiel pontualidade!
 da minha mallograda mocidade
 mais um anno lá vai; marcou-o esta hora.

Nem me lembrava; o louco m'o recorda.
 ;E eu a amal-o inda tanto!!! arrisco a fama,
 mil perigos crueis por elle affronto;
 talvez o fementido
 de outra aos pés entretanto arda rendido.

Entre um par fiel e amante
 é cada hora um breve instante,
 que as faz rapidas voar
 crebro e mutuo palpar.
 A quem só padece e chora,
 contém seculos cada hora,
 que os momentos que enche a dôr,
 um a um nos conta amor.

(Vai até á janella, olha para a rua, e volta em grande agitação)

Mas ausentar-me importa;
 podem vir dar commigo;
 por esta occulta porta
 me escaparei sem p'rigo.

(Mostra a porta falsa)

;Ingrato aos meus favores!
 mas eu farei que trema,
 trema dos meus furores.
 Deliro; sou blasphema;
 elle é fiel; virá.
 Volve, ó querido, volve,
 o amor te absolve já.

(Pausa)

Fui dos salões o idolo;
 sabe-lo, ó caro amante.
 Nobres, senhores, principes,
 via a meus pés no pó.
 E'-me hoje o mundo um ermo,
 quando me estás distante;
 povoado eden sem termo,
 se estou contigo só.

SCENA III

A Duqueza, Mauricio

Maur. Duqueza!

Duq.^a Alfim!

Maur. (ajoelhando) Dignae-vos
 o involuntario aggravado
 perdoar generosa ao vosso escravo.

Duq.^a Erguei-vos; ereis reo; bastou-me ouvir-vos,
apagou-se-me a ira,
renasce o amor, o coração me inspira.

Maur. (á parte e muito admirado)
¿Amor?

Duq.^a ¿Flôres trazeis?

(Vendo o ramalhete que Mauricio traz)

Maur. (como acima e dolorosamente) ¡Ceos!

Duq.^a (tirando-lh'as) ¿Destinais-m'as?

Maur. (como acima)
¿Mentir-lhe deverei?

Duq.^a Paga merece
tão fino amor; tomae-a: os regimentos
que haviéis supplicado,
el-Rei vol-os outorga.

Maur. (com alegria) ¿El-Rei?

Duq. ¿Que admira?
amor fez-me eloquente.

Maur. ¡Oh! ¡graças! ¡graças!
marcho, invisto, derrubo,
e ao throno de Curlandia emfim já subo.
Doirada, estrellada, me ri a existencia,
co'a dupla influencia da gloria e do amor.
¡Na frente um diadema! ¡no peito outro peito!
¡ternura e respeito, doçura e esplendor!
¡Ventura! ¡oh! ¡ventura! trançar á mistura
co'os loiros e as gemmas as rosas de amor.

Duq.^a Rival bem terrivel eu propria me hei dado.

Maur. (no auge da perturbação)
¡Rival!

Duq.^a ¡Pois a gloria!

Maur. (socegando-se, á parte Respiro; temi
que já de Adriana lhe houvessem falado;
sou grato á Duqueza; finjamos aqui.

Duq.^a ¿Que pensas?

Maur. Que tudo te devo.

Duq.^a (com expressão de muito affecto) Não é,
não é esse o ponto, só quero a tua fé.

Amor, amor eterno,
juremos mutuamente.
Meu és, és meu sómente;
tua, só tua, eu sou.
Quando na guerra andares,
teu coração me deixa;

em quanto não voltares
em troca o meu te dou.
Maur. Amor, amor eterno
poder votar-te anelo;
se o meu destino é bello,
devêl-o a ti bem sei.
'Té n'este apartamento
d'um ente amavel, terno,
pensando qual me ausento,
já gosos levarei.
Soffre que eu voe á lide;
prompto havei victoria;
colhida que haja a gloria,
lançar-t'a aos pés virei.
Se combater me é dado,
transformo a espada em sceptro;
vês-me ao partir, soldado;
vêr-me-has espectro ou rei.

(Ouvem-se fóra as primeiras notas do côro de convidados que abaixo segue)

Duq.^a ¡Ouves? que atroz cilada!
salva-me; opprobrio assim. . .

Maur. (corre á janella, olha para a rua, e volta ao proscenio apressadamente)

¡A casa está cercada!
¡some-te! ¡espera em mim!

(Obriga a Duqueza a entrar no gabinete da esquerda, e parte arrebatadamente pelo fundo)

SCENA IV

O Duque, todos os convidados, depois **Mauricio**,
e por ultimo **Adriana**

Côro ¡Lauto festim se apresta!
¡á festa! ¡á festa! ¡á festa!
gosar emquanto resta
momento de gosar;
emquanto as ha viçosas,
é rosas apanhar.
¡Danças! ¡cantares!
¡risos! ¡folgares!
¡e viva amor!

(Entra Mauricio.)

Duq. (a Mauricio)
Conde, fausto o amor vos seja;
tudo aqui a amor festeja;
do festejo a soberana,

(Entra Adriana)

que ao seu reino corresponde,
eil-a, a magica Adriana
Lecouvreur.

Apresenta-a a Mauricio

Para Adriana, apresentando-lhe Mauricio

Mauricio, o Conde
de Saxonia.

Maur. e Adr. ¡Ah!

Adr. (baixo para Mauricio) ¡Que traidor!
(alto) Flôr de heroes, vim por madrinha
de um soldado obscuro e pobre,
vêr se em vós acaso obtinha
carea-lhe um protector.

Maur. Falae pois.

Adriana e Mauricio descem ambos ao proscenio, como
que para falarem em segredo, enquanto o Duque e
os convidados ficam passeando e conversando pelo
fundo do theatro. O seguinte dialogo irá rapido, vi-
vissimo, e a meia voz.

Adr. Nascestes nobre;
grande sois.

Maur. Na fé, no amor.

(Aponta para o gabinete) Ouve; ali, ali ha gente;
sim; razão d'estado urgente...

Adr. ¿Mulher?

Maur. Sim.

Adr. (anciosa) ¿Que a mim preferes?

Maur. Nunca.

Adr. ¿Juras?

Maur. Juro.

Adr. (olha-o fitamente; Mauricio não se perturba; Adriana
fica certa da sua innocencia)

E queres...

Maur. Que se evada occultamente;
nada mais.

Adr. (resoluta e nobremente) Salval-a-hei eu.

Maur. D'aqui fóra, protegêl a,
defendêl-a é encargo meu.

Alto e com galanteria affectada

O banquete por nós chama;
a alegria á espera está.

Como continuando a conversação interrompida

São lei rogos de uma dama.

Adr.

Graças.

Os convidados vão sahindo pelo fundo; Adriana, que os seguia, detem-se, como lembrando-se a subitas de alguma coisa, e diz-lhes, descendo o theatro:

Côro

Ide; após vou já.
;Os canticos eccoem!
;espumem vinhos! ;soem
co'o retintin das taças
saudes mil e mil!
;gosar emquanto ás graças
dá campo o humano abril.
;Danças! ;cantares!
;risos! ;folgares!
e viva amor.

Sáem todos pelo fundo, menos Adriana.

SCENA V

Adriana, e depois a **Duqueza**

Adr.

(meditativa)

Prometteu-m'o; estava certa.
Sahireis, senhora, occulta
que ninguem vos ha-de vêr.

(Apaga a luz. Ouve-se então fóra o côro dos malfeteiros do Duque. Corre Adriana á janella e observa-os. Vai-se o côro a pouco e pouco affastando, e vão-se as vozes a esvahir na distancia. Volta Adriana da janella e diz:)

Foi-se a odiosa turba-multa;
não ha tempo que perder.

(Todo o theatro está escuro e silencioso. Vai Adriana bater á porta do gabinete onde está a Duqueza)

Abri; não hajais medo;
fiel vos sou. Depressa;
fugi; tudo ora é quedo;
voae.

Duq.^a (abre a porta e entra em scena tentando com as mãos e devagar)

¿Que dama é essa?
¿d'onde sabeis, senhora,
que em tanto risco estou?

Adr. Sei-o, por quem 'té agora
em nada me enganou.

Duq.^a ¿Arminio? ¿como?! ¿quando?
¿a vós? ¿que predominio!!

Adr. ¿E vós que o estais chamando!
¿com que direito! ¿Arminio!
Portanto o amas.

Duq.^a (com energia) Amo.

Adr. Rival já vos não chamo:
amail-o, e eu fortunada,
sou d'elle amada.

(com orgulho).

Duq.^a ¿Oh! ¿és?
mentes; pouco ha, rendido
o hei tido ante os meus pés.
¿Quem sois?

Adr. ¿E vós?

Duq.^a Eu tinha,
se fosseis rival minha,
poder de aniquilar-vos.

Adr. ¿E eu? ¿eu, sabeis qual tomo
vingança de escutar-vos?

Duq.^a ¿Vingança? ¿vós? ¿e como?

Adr. Perder-me é vosso empenho;
e eu tenho o de salvar-vos.

(Pausa. Uma e outra buscam em vão reconhecer-se nas trevas. Afinal a Duqueza arrebatada com força a mão de Adriana, desce rapidamente ao proscenio, e interrompe no seguinte:)

Duq.^a ¿Temeraria! ¿pensa! ¿oh! pensa
que eu de ti serei vingada;
foi paixão de amor immensa,
odio immenso o meu será;
a soberba inda humilhada
graça em vão me implorará.

Adr. Vae-te; e eu vingo-me já agora:
n'estas mãos tenho a tua fama;
dou-t'a illesa. Ao que me adora
provo n'isto o affecto meu.
No saberes que não te ama
dá principio o inferno teu.

Duq. (lá dentro) ¿Que é da arbitra da festa?
¿onde está? deixou-nos sós.

Duq.^a (áparte) ¡Ceos, do esposo a voz é esta!
¡fujo inulta! ¡oh! ¡dia atroz!

(Procura como póde a porta falsa; achada ella desapparece. Abre-se o fundo, e enche-se o theatro de convidados.)

SCENA VI

Adriana, o Duque, os convidados

Duq. (ao entrar corre o aposento com olhos perscrutadores áparte)

Corri tudo, e nada havia.

Adr. (olhando á roda de si)
¿Sonho? ouvi-a; ¿onde é? ¿que voz!
(O Duque dá a mão a Adriana para a levar ao festim.)

FIM DO ACTO II

ACTO III

Sala festival no palacio do Duque

SCENA I

Senhores e senhoras em trajo de baile. Por entre as columnas do fundo se vêem apparecer e desaparecer os pares da dança

O Duque, a Duqueza e Alby

Oôro Pelas salas de esplendidas galas
leva musica as danças profusas;
cuida achar-se no alcaçar das Musas
quem vê hoje este paço ducal;
hoje o Elysio sonhado é real.
D'esta festa que um principe apresta
se disfruta á porfia a alegria;
mocidade, elegancia e beldade,
são tres graças, tres socias de amor,
que vêm dar ao festejo esplendor.

Duq. (no meio do theatro) Vou dar-vos uma nova,
que ha-de certo causar-vos maravilha:
Maurício de Saxonia é na Bastilha.

Oôro ¿Que ouvi?

Duq.^a (áparte) A accusação surtiu-me effeito:
o indigno a mereceu.

Duq. Presidiu hontem,
de noite, em reunião de conjurados;
uma denuncia o descobriu; comtudo
recrear-nos podemos,
que Adriana Lecouvreur hoje aqui temos.
Ouvir-se-hão versos d'oiro
por sua maga voz A dança, o canto,
á sua espera prosegui no emtanto.

SCENA II

Os precedentes, **Adriana** e **Michonnet**

- Alb.** (como que annunciando-a)
Adriana.
- Côro** ¡O' deusa da artel
cabe a todos admirar-te.
- Adr.** Graças mil a vós, senhoras,
por mercês tão seductoras.
- Duq.^a** (áparte) ¡Ceos! ¡que voz! quasi suspeito;
vou tentar. (alto)
O vosso aspeito
como um sol doira esta sala.
- Adr.** (áparte) ¿Onde ouvi euesta fala?
não seria... (alto)
¡Quanto amavell
- Duq.^a** (affectadamente) D'este jubilo ineffavel
alguem mais gosára accêzo,
se o podéra.
- Adr** ¿Quem?
- Duq.^a** Mauricio
de Saxonia, que está prezo...
(áparte) ¿Não se turba?!
¡Que supplicio!
- Adr.** Foi ferido.
- Duq.^a** (com um grito) ¡Ah!
- Adr.** (áparte) ¡Trahe-se! ¡enfia!
- Duq.^a** ¡Tento!
- Mich.** ¡A si se denuncia!
- Duq.^a** (a meia voz, assustado, para Adriana, que vacilla)
¡Adriana!
- (As duas rivaes trocando um olhar de cólera)
- Duq.^a e Adr.** ¡E' ella!
- Alb.** (que andava perto da porta do fundo, desce apressadamente, e diz em voz alta):
¡O Conde
de Saxonia!
- Adr.** (não podendo ter mão no jubilo convulsivo que se lhe adivinha no feroso do rosto e no rapido dos movimentos)
¡Ah!
- Mich.** (detendo-a) ¡Tento!

Maur. (vem entrando, e ao dar com os olhos em Adriana fica petrificado e exclama:)

¡Oh Ceos!

SCENA III

Os precedentes e **Maurício**

(A **Duqueza** observou a immobildade de **Maurício**. Os actores estão dispostos da maneira seguinte: **Michonnet**, **Adriana**, **Maurício**, a **Duqueza**, o **Duque**, **Alby**.)

TODOS

Adr. ¡Já livre! ¡já salvo! bom Deus, tu me ouviste. Resiste, ó minh'alma, que o lance é tremendo; se a outra idolátra, se é d'outra, eu me rendo; que seja ditoso, feliz morrerem.

Duq.^a Prisões que eu lhe urdira, vós fostes quebradas;
¡baldadas perfidias! ¡denuncia perdida!
amei o, e sem fruto; fui d'outra vencida;
não sei captival-o, perdel-o não sei.

Maur. ¿Qual sorte uma e outra me forja e destina?
ferina a vingança, o amor delirante.
Não temo essa altiva, prefiro esta amantel
mas n'essa qual n'esta ternura encontrei.

Duq. ¿Que genio do abysmo de novo o liberta?
cri certa a bonança, folgava, foi sonho.
N'este homem resurge-me o espectro me-
donho,
por quem já dos zelos o calix traguei.

Mich. ¡Incauta! ¿que fazes? disfarça em teu rosto
o gosto de o vêres; mantem-te serena.
Actriz sê no mundo qual és sobre a scena;
o publico illudes, engana esta grei.

Alb. e o Côro ¡Que estranha mudança se obrou de
repente?
contente era tudo; presenta-se o Conde,
carregam-se os rostos, o riso se esconde;
vai hi grão mysterio; ¿sabeil-o? dizei.

Duq.^a (Pausa; depois de algum tempo chega a Duqueza junto a
Maurício, e diz-lhe resoluta:)

Chegais a tempo, Conde;
ouvireis Adrianna; ella se digna
de ostentar entre nós seu genio raro.

Sentae-vos junto a mim.

(Para Adriana) Adriana, vamos;
todos nós escutamos.

(Dá a mão a Mauricio e fal-o assentar ao pé de si á direita da scena. Tomam todos logares pela sala; Adriana fica-se em pé, e Michonnet tambem)

Adr. (baixo para Michonnet)
¡Que audacia! eu pasmo.

Mich. A simular aprende.

Duq.^a ¿Escolheste?

Adr. Que escolha o Conde.

Duq.^a (com ironia insultuosa) ¿Apraz-vos.
uma scena de Ariadne desprezada?

Adr. (áparte)
¡De mais o insulto? eu não resisto.

Mich. (baixo) Cala;
és alvo ás attenções de toda a sala.

Maur. Phedra escolho.

Adr. Pois bem; vá Phedra.

Côro Oiçâmos.

(Grande pausa. Adriana medita. Começa depois a declamar com uma agitação febril, fitando o olhar na Duqueza e em Mauricio, os seguintes versos de Racine. A Duqueza ri com ostentação.

Adr. (declamando)
«¡Justo Ceo! ¡que fiz eu! verei (não tarda)
«o meu consorte, e a par com elle o filho;
«do meu impuro amor a testemunha,
«notará com que fronte ousou mostrar-me
«ante seu pae. Os olhos meus por força
«que hão-de ter pranto, e o coração suspiros;
«suspiros, pranto, que elle insulta. ¿E pensas
«que elle haja de occultar-lhe a minha insa-
nia?
«¿contra seu pae, seu rei, traições consinta?
«¿e este horror que eu lhe infundo emfim
disfarce?
«Se o tentasse era em vão. Conheço a fundo
«sua perfidia. Ai não; não sou como essas,
«que de affeitas ao crime e ao fingimento,
«já se gosam do mal, sem que lhes tinja
«sombra de pejo ou de vergonha as faces.»

(Adriana, que a pouco e pouco se foi avizinhandos da Duqueza, a final aponta para ella, e allucinada lhe põe o dedo mostrador no meio da testa. Levantam-se todos atterracos de tanta ousadia.)

- Duq.^a Pranto não, não me basta ao que has feito;
 não ha pranto que tal desaggrave.
 Monstro, monstro, esse barbaro peito
 dará sangue que a affronta me lave,
 e no arranco final te hei-de ouvir
 contra ti maldições proferir.
- Adr. Brama, brama, depreca vingança;
 eu de ti já me sinto vingada.
 Vae, troveja, revolve-te, cansa,
 que eu, feliz, não desejo mais nada.
 Vive; debes a affronta curtir,
 que eu te soube na fronte esculpir.
- Duq, Alby e o Côro
 ¡Insensatal ¡insensatal ¿que furia
 te arrojou a tão barbaro insulto?
 ¿De tão nova e tão horrida injuria
 qual motivo em teu seio era occulto?
 D'entre nós dá-te pressa em fugir,
 que o { seu } raio não tarda em cahir.
 { meu }
- Maur. ¡Que celeuma! deponde essa ira;
 sois injustos suppondo-a culpada.
 ¿Quem não sabe que o genio delira?
 foi delirio do genio e mais nada.
 Se não teve intenção de ferir.
 fôra injusto o querel-a punir.
- Mich. ¡Desgraçada! ¿que has feito? ¿que has dito?
 provocaste-lhe a infrene inclemencia.
 De vinganças tremendas és fito;
 ¿quem do raio resiste á violencia?!
 Se não queres á dor succumbir,
 vem commigo; partâmos; fugir.

ACTO IV

Camara de dormir em casa de Adriana

SCENA I

(**Michonnet** entra, olha para dentro da cortina, levanta-a, vê-se o leito em que **Adriana** está deitada)

Mioh. ¡Cansaçol ¡dorme emfim! ¡Quanto soffria
ella, que por salvall-o ha dado a honra,
que se culpou dizendo que era o Conde
amante seu feliz, e o tinha em casa,
quando entre os conjurados o suppunham!!
As que de amor se jactam,
mal sabem o que sente
um peito nobre, como o d'ella ardente.
¡Ail! ¡que amar foi seu amar!
¡Ail! ¡que amar que esperdiçou!
E elle, ao anjo, anjo sem par,
elle, o vil, não a adorou.
¡Ai! tão moço e tão cruel,
¡ai! tão lindo e sem amor,
a doçura ha pago em fel;
dão-lhe gloria, off'rece a dôr.

(Adriana em sonhos repete as palavras da scena IV do acto I)

Adr. «Vou ter um extasi
«de amor sem fim.»

Mich. Amor até nos sonhos!
 Ó funesta illusão!... Lá se levanta.
 (Levantou-se Adriana e veio lentamente descendo o
 theatro)

Adr. ¿Onde estou eu? ;foi sonho! esvaeceu-se,
qual o amor.

Mich. **Adriana!**

Adr. Velando-me estiveste; ¡oh! dize, amigo, ¿veio alguém procurar-me?

- Mich.** (entristecido) ¡Inda esperanças!
- Adr.** ¿Esperar eu?! ¡eu d'elle! ¡eu d'um perjuro!
- ¡eu, de quem preferia
a mim, que só o hei salvo, a que o trahia!?
- (com vehemencia)
- Não; não o amo.
- Mich.** (com alegria) ¡O' jubilo!
- Adr.** (como acima) Desprezo-o
quanto o adorei.
- Mich.** Tua rival me assusta;
feristel-a, e de morte.
- Adr.** ¡Oh! sim! ¡de morte!
- ¡o aspecto soberbão, com que transporte
o não mostrei! sentia
que a estava a apunhalar; que me vingava;
e em tão justas sevicias,
o coração nadava-me em delicias.
- (Apparece de subito á porta um creado sem librê; Michonnet recebe-lhe das mãos uma caixinha com um
escrito em cima, em que se diz que é para Adriana
Lecouvreur; parte o creado)
- Adr.** ¿D'onde vem?
- Mich.** (lendo) Vem do Conde Mauricio
de Saxonia.
- Adr.** (pondo-se em pé de repente)
¡Ceol dá-me.
- Mich.** ¡E não amas!...
- (Adriana quer abrir a caixa, mas de commovida não
póde)
- Adr.** Treme a mão; fria estou; ¡que supplicio!
não me atrevo...
- Mich.** Abro eu, se o reclamas.
- Adr.** Deixa; vae-te. (com impaciencia)
- (Abre a caixa, olha para dentro, e solta um grito)
- ¡Ah! ¡cruel!
- Mich.** ¿Que te manda?
- Adr.** ¡Morte infandal
- Mich.** São flores, bem vês.
- Adr.** ¡Ail cravou-me o punhal d'esta vez. (Grande pausa)
- (Para Michonnet) Só me deixa.
- Mich.** ¿N'esse estado?
- Adr.** Vae-te.
- Mich.** ¡O' Deus! ¡valor lhe influe!
- (Sai Michonnet)

SCENA II

(Adriana só. Lança-se para cima de uma cadeira, toma as flores, contempla-as, e as beija.)

Fica absorta em pensamentos maguados, repetindo as palavras do acto I.)

«Fores são que amor te ha dado:

«findo o amor, m'as restitue.»

Era assim que eu lhe dizia,
quando amor me promettia.

Inda foram seus amores
mais ephémeros que as flores.

(Pausa)

Lindas nuncias de desejos
que a beijar-vos segredei,
fostes mais que flores: beijos
que eu lhe enviava, e que lhe eu dei.
Vence a amor a iniqua sorte;
repulsou-vos o cruel:
nuncias pois da minha morte,
¡vinde! ¡vinde! eu sou fiel.

(Beija-as muitas vezes com arrebatamento, depois atira-as ao lume)

SCENA ULTIMA

Michonnet, Mauricio, e Adriana

Mich. (de dentro) Não entraís.

Maur. Inutil fôra.

Adr. A voz d'elle... (animando-se)

(Mauricio entra a pesar de Michonnet, que intenta deter-lhe os passos)

Maur. (lançando-se aos braços de Adriana)

¡Adriana!

Adr. ¡Arminio!

¿que fiz eu? (afastando-se como arrependida)

Maur. ¡Já te possuo!

Adr. Vae-te! ¡foge! ¡enganador!

Maur. Rogo humilde ás tuas plantas
o perdão de offensas tantas.
Já rival não tens; deixei-a:
essa indigna, amaldiçoei-a
Accusou-me por vingar-se;
confessou-m'o sem disfarce.
Mão porém de ignoto amigo
me soltou.

- Mich.** O arcano eu digo:
quem vos deu liberdade,
foi este anjo; e que se enfade;
foi este anjo terreal;
e por paga, uma rival...
- Adr.** Cala...
- Mich.** ;Oh! ;não! calar não sei.
- Maur.** Quanto amor cabe em meu peito,
todo em ti o empregarei.
- And.** (em assomo de alegria)
;Ceos! ;amada! ;amada! ;amada!
acabou-se o meu martyrio;
coroadada estou no Empyrio;
já é meu, já sua eu sou.
;Resurgiu-me d'entre as cinzas
esta voz enamorada!
;Sim! ;amada! ;amada! ;amada!
não é sonho; a ouvir-lh'o estou.
- (Adriana vacilla, leva as mãos á testa, e se perturba)
- Maur.** ;Tu vacillas?
- Mich.** ;Tu desmaias?
- Adr.** E' do jubilo; é transporte;
a alegria não dá morte.
;Mas as flores a que vem?
;Quaes?
- Maur.** As minhas; comprehendo;
nuncias são de amor tambem.
- Maur.** ;Que diz ella?
- Adr.** Sinto o peito
vaso estreito a tanto bem.
- Maur.** D'essas flores fui roubado. (vacillando)
- Mich.** Mas enviastes-lh'as; ;não?
- Maur.** Não.
- Mostra-as.** (com anciedade)
- Adr.** (com um grito de dor)
;Ai!
- Maur.** ;Convulsa! !
- Adr.** (começando a delirar) Ar! não se aspira... (affrontada)
;Vós quem sois? ;que ceos tão tristes!
;quem devo eu salvar?
- Maur.** Delira.
- Adr.** (como acima) ;Nós rivaes? fazeis-lhe insulto;
sois-lhe amante, e eu sou-lhe amada.
- Maur.** Dei-te amor, sagro-te culto;
Meu perdão fez-te adorada.

Mich.

¿O perdão? aí, Conde, é tarde!
só de Deus perdão se aguarde:

vêde-a... expira... (com um soluço)

Maur.

(desesperadamente)

¡Não! ¡soccorro!

Adr.

¡Morro!... ¡vivo!... ¡a tua eu sou!!!

(fita os olhos no espaço e delira)

¡Vê que apinhado publico!

¡escuta-o! ¡que impaciencia!

do estro o fogo magico

me infunde ignota essencia.

Sou Phedra, Phedra, a misera,

que venho amor penar.

Farei por mãos innumeradas

o applauso trovejar.

¡Olha ao pé d'elle a adultera

rival! ¡que orgulho fero!

Cravar-lhe eterno oppro' rio

na indigna fronte eu quero;

n'aquella fronte pallida

que ignora o que é pudor.

¡Phedra! ¡confunde-a! mata-m'a

de opprobrio e de terror.

(Adriana succumbe, e cai sobre uma cadeira)

Maur.

¡Cara Adriana! ¡escuta-me!

¡vê-me a teus pés! ¡sou eu!

Mich.

¡Adriana!

Aqui, no intimo,

vai fogo! Arminio é meu.

Maur.

Teu para sempre.

Mich.

É tarde.

Maur.

¿Não me conheces? ¡Olha-me!

tornas-me, ó Ceos! covarde.

Adr.

(abraça-se com Mauricio; depois vendo Michonnet, que também chora, estende-lhe affectuosamente a mão e diz:)

Morro entre amante e amigo:

benvido o fado meu.

(Para Michonnet) ¡Amigo!

(Para Mauricio) ¡Arminio! amais-me?

¿és inda meu?

Maur.

Sómente.

Adr.

Posso morrer contente.

¡até aos Ceos! (Expira)

Mich.

(afogado em lagrimas)

Morreu.

XI

LETREIRO

POSTO POR BAIXO DE UM RETRATO

DE

M.^{ME} FORTUNATA TEDESCO

PRIMA-DONNA DO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

Assim a admirarás, posteridade,
e já dos loiros posthumos cingida;
mas nós, ouvindo-a, e no esplendor da vida,
entrevemos na gloria uma deidade.

Lisboa
19 de Fevereiro de 1859.

XII

A' CANTORA ERSILIA AGOSTINI

EXECUTANDO O PAPEL

DE

JULIETA

NA

OPERA I CAPULETI E MONTECHI

No Real Theatro de S. Carlos de Lisboa,
na noite do seu beneficio

SONETO

De Romeu e Julieta ao memorando fado,
no amor e no infortunio exemplos sobrehumanos,
devia-se um cantor gigante e coroado;
foi Shakespeare, o rei dos tragicos britannos.

Para roubar-lhe á lyra o cantico inspirado,
seu fogo, sua dor, seus intimos arcanos,
foi preciso um Romani, um genio aviventado
de todo o immenso ardor dos ceos italianos.

Eis duplice tropheo, de glorias opulento.
Acresce, por que excelso esplenda a toda a parte,
a Romani, um Bellini; ao portento, um portento.

¡Mas eis portento novo, ó Natureza! ó Arte!
para c'rôa a Bellini, e c'rôa ao monumento,
reune Ersilia os dons, que o Ceo por mil reparte.

Lisboa

18 de Abril de 1853.

XIII

A' PRIMA-DONNA MARGARIDA BERNARDI

NO SEU BENEFICIO

NO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

—«Feliz»—exclama Sapho ao som da aónia lyra,
lá sob os ceos da Grecia, entre os mirtaes em flor;
Sapho, a sacerdotisa e victima do amor;
Sapho, que ante a belleza extatica delira:

«¡Feliz, mais que feliz, igual aos immortaes,
«quem defronte de ti se pasce na ventura
«de ouvir-te a maga voz, de ver-te a formosura,
«de espreitar-te um sorrir nos labios virginaes!

«¡Que insólito alvoroço invade os meus sentidos!
«suo; tremo; ardo; gélo; esmaio; vou morrer;
«foi-se a voz; perco a luz; já nada posso ver,
«nada ouvir; o que ouvi só enche estes ouvidos.»—

¡Resurge, Sapho! ¡oh! ¡sae do equoreo mausoleo,
que os fogos te abysmou, e brotára Acydalia!
de teu grego portento hoje triumphá Italia.
¡Vem ver Bernardi, vem, accorre ao luso ceo!

Vem cingida, ó gentil, de rosas e cipreste;
de Corinna, ao passar, furta á campá um laurel.
Sombra immortal, do bello ao culto inda fiel,
entra onde um povo adora assombro tão celeste;

lança-lhe o loiro aos pés sobre as grinaldas mil
de que lhe forma throno acceso enthusiasmo;
olha-a fita; ouve-a attenta; unirás pasmo a pasmo,
e outra vez morrerás por nune tão gentil.

Lisboa

8 de Abril de 1858

XIV

DESPEDIDA

CANTADA

PELA

PRIMA-DONNA MARGARIDA BERNARDI

AO

Publico Lisbonense no Real Theatro de S. Carlos

MUSICA DE SANTOS PINTO

Hora solemne é esta, hora de luto
na existencia da artista. Eu, que sem pena
troquei de Italia os ceos por ceos de Lysia,
e aqui, por vós, já tinha
segunda Italia, e nova patria minha;
hoje, avesinha errante,
caprichoso tufão me arranca e leva.
¡Cantava tão ditosa ao Tejo amante!...
je ora vou suspirar-me ao frio Neva!
Meu derradeiro canto,
se m'o permite o pranto,
dou-vol-o como cisne á despedida.
Amaveis Portuguezes,
com vans ficções vos commovi mil vezes
mas dor, hoje real, me ennoita a vida.

Portuguez coração qual me aqui pulsa,
qual tu m'o has feito, ó inclita cidade,
é só n'este poetico idioma,
doce como o de Roma,
que devia expressar sua anciedade.

Mas o affecto em balde anhela,
se atormenta, se desvela;
vossa Lingua opíma e bella,
não, não tem com que o pintar.

¡Oh! ¡engano-me! Só n'ella,
n'ella só, se diz *saudade*;
flor de amarga suavidade,
que hei-de eterna conservar.

Lisboa
27 de Maio de 1858.

XV

DESPEDIDA AO PUBLICO LISBONENSE

CANTADA

POR

PIETRO NERI-BARALDI

NO

REAL THEATRO DE S. CARLOS

MUSICA DE SANTOS PINTO

Pela ultima vez, congresso amigo,
ousou vir ante vós. Meu fado errante
de novo me arremessa a longes plagas.

N'este amargoso instante,
em que já todo o peito
as futuras saudades me consomem,
despareceu o artista, existe o homem.

Mal presume que o homem no artista
entranhado, immutavel, exista,
quem seu falso destino invejar.

Chega, e foge; sem patria, sem lares,
dá prazeres, devora pezares;
canta ás vezes com a alma a chorar.

Da minha bella Italia eu sequestrado,
bella sim, minha não: ¡misera Italia!
(como hão-de os filhos teus chamar-te sua?)
sequestrado da Italia,
gosal-a aqui suppunha: eram seus ares,
em que as plantas de amor florescem livres;
seu mar, em que se espelha o ceo mais puro;
quasi o mesmo falar, sonoro, ameno;
á musica, á poesia, ao bello, ao nobre,
o mesmo accezo culto; eguaes extremos
na divina amisade;
e de mais, o que é tudo, a Liberdade.

¡Que de bens, a que esta hora
me vem barbara pôr termo!
N'um edên sonhei té agora,
vou n'um ermo despertar.

De taes bens sómente levo
a amisade em nós tão fida;
gloria e dor, que ao fim da vida
me ha-de inteira acompanhar.

Lisboa
19 de Março de 1859

XVI

DESPEDIDA

Posta com o retrato do Autor

NO ALBUM

DA

PRIMA-DONNA DO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

M.^{me} MARIETTA GAZZANIGA MALASPINA

¡E vais partir! ¡E partirás contente
d'onde tinhas um throno e adoradores!
¡E nunca mais a Italia do Occidente
poderá pôr-te aos pés as suas flores!

¡Por que vieste a nós, mulher deidade,
dúplice musa da tragedia e canto,
se, fascinados de teu mago encanto,
nos votavas tão cedo á soledade?

Mas ausenta-te embora; um vão queixume
não te agoire o alvorôço da partida.
O mar, de Venus berço, a tem por nume;
ridente mar te leve adormecida.

D'auras de Lysia o suspiroso bafo,
rescendente aos mirtaes, ao loiro, ás rosas,
por sobre ondas gentis harmoniosas
cedo te vólva á patria, Ausonia Sapho.

Pae, mãe, irmans, um filho, já seus braços
te alongam cubiçosos de apertar-te;
nem a gloria no ceo de taes abraços
te póde já lembrar; ;oh! ;parte! ;parte!

;Que hora d'ouro te espera! A Italia bella,
que deixáras escrava, áchal a erguida;
fez dos grilhões espada; o sol da vida
entre filhos heroes reluz sobre ella.

Não mais cantes ficções na eterna lyra,
prole da Ausonia; os seus prodigios canta;
teu filho será livre; o amor te inspira;
a novos ceos de gloria te levanta.

Cresce orgulhosa; crescerá teu filho,
maior que seus avós, á patria grato;
mostra-lhe então no meu fiel retrato
quem vos cantou no Tejo: o teu Castilho.

Lisboa
23 de Março de 1861.

XVII

FELICITAÇÃO

DA

COMPANHIA LYRICA ITALIANA

DO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

AO

COMPOSITOR PORTUGUEZ MIGONE

PELA SUA OPERA

SAN-PIERO

SONETO

Bem que do orbe o sceptro inda é Romano,
e arte e amor lh'o sustenta em nossos dias,
côro Ausonio cultor das harmonias
laureis te enastra, ó genio Lusitano.

Se ao leve Gallo, ao boreal Germano,
exaltâmos as patrias melodias,
tu, que na Italia occidental as crias,
és caro em dôbro ao genio Italiano.

Se ha peito onde teu canto hoje não vibre,
diga: «Sou gelo»; e se o não louva: «Invejo.»
Sobre nós tua gloria as azas libre.

Vae, triumphas, applaudimos-te sem pejo.
Sob aguias foi contrario ao Tejo o Tibre;
são irmãos sob o cisne o Tibre e o Tejo:

Lisboa—1852.

XVIII

OS PORTEIROS

DO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

AOS

FREQUENTADORES DAS PLATEIAS

Nós, os miseros porteiros
d'este Theatro Real,
de damas e cavalheiros
assembêa festival,

somos como as mahometanas,
que, segundo o alcorão diz,
sem entrar nos ceos espreitam
seus maridos co'as huris.

Sempre ás portas, mas exclusos,
n'estas noites glaciaes,
em quanto folgais lá dentro
scismâmos cá fóra aos ais.

¡Vós a applaudir as cantoras,
e da arte as maravilhas!
¡nós a pensar nas tristezas
da mãe, da mulher, das filhas!

Entraís e saíeis contentes,
 (Deus vos mantenha as venturas),
 e encontrais-nos sempre immoveis,
 solitarios, ás escuras.

Mas pois nasce esse Menino
 que a toda a terra allumia,
 a nós, que estamos *por portas*,
 dae um raio de alegria.

Lisboa
 Natal de 1860.

XIX

MONOLOGO

PARA SER RECITADO

PELA

ACTRIZ EMILIA DAS NEVES E SOUSA

N'UMA PROJECTADA FESTA THEATRAL

EM BENEFICIO

DA

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Havia muito que a insigne artista curtia profundas saudades, exclusiva do seu querido Theatro Normal. Imaginára-se com esta reaparição restitui-la á sua carreira de triumphos; foi mais uma esperança frustrada.

Os versos, que ella já tinha decorado para aquella santa festa de caridade, vão aqui textualmente reproduzidos da sua biographia na *Revista Contemporanea* do mez de Agosto de 1860.

I

O Theatro é do mundo espelho immenso e vago.

Quando o illumina o genio, assim como n'um lago se miram sob o sol o bosque, o monte, o ceo, o real no ideal se funde; o tenue veo da esplendida ficção realça a realidade.

Cada um se entrevê no quadro Humanidade;
e onde só procurou prazer ou commoção,
colhe entre chôro ou riso a prósida lição.

¡Salve, ó Theatro! ¡salve! Eu te amo; eu te contemplo
tão escola do *bom*, como do *bello* és templo.

¡Oh! se te amo, Theatro! ¡Oh! ¡se me ufano em ti!
Quasi ao sahir do berço, hora que a todos ri,
e em que a virtudes mil todas suppre a innocencia,
a filha da ignorancia, a mãe da imprevidencia;
pobre virgem, alegre e santa, como vós,
como todas o hão sido aos annos onze. . . atroz,
atroz destino encontro em frente á flórea estrada.
(¡Quem previra, oh! meu Deus, tão barbara cilada!)
Luto sem conhecel-o; o seu poder fatal
me prostra, me arreбата. A nudez glacial,
o desamparo, a fome (¡a fome, ¡oh! padeci-a!)
fizeram noite horrenda a aurora do meu dia.

No fundo de um abysmo ia afogar-me... Então
um anjo de conforto eis que me estende a mão,
arranca-me do pégo, e n'alma espavorida
me repõe fé, virtude, exforço, amor da vida.

¡Que asylo recolheu a naufraga feliz?
¡Um piedoso mosteiro? ¡uns paços senhoris?
o Theatro; a mansão profana e desprezada,
onde as artes irmans convivem, d'onde brada
lições ao povo a historia, e exemplos a moral,
mas que, util, enflorada, alegre, triumphal,
sob o anáthema jaz das eras de barbária,
que a mulher torna almeia, e torna o homem pária.

Acceitei o refugio; o opprobrio honroso; o pão;
o trabalho que salva. E disse ao coração:

— «Sê bom, qual Deus te ha feito : » — e á minh'alma :—

«Descobre
«que o vil foi teu destino, e tua essencia é nobre.
«O amor de um povo inteiro é grande; põe o ardor
«das tuas ambições em merecer-lhe o amor;
«(talvez o alcançarás), immola-lhe no estudo
«noites, dias, prazer, annos floridos, tudo;
«neóphita da Arte, agora o teu dever
«é n'ella, para ella, e d'ella só viver.» —

E o que me impuz, cumpri-o. A vós, sensiveis almas,
prouve a dedicação: cobristes-me de palmas;
animastes-me o exforço; e do exforço, talvez,
algum talento emfim, graças a vós, se fez;
proclamastes-me actriz; ousei sonhar a gloria,
ordenei-me ganhal-a. ¡Esperança illusoria!:
de grau em grau subida, ao tempo de avultar
ministra da arte, ó Genio, em teu sublime altar,
o ceo azul troveja... assombro-me do raio...
leva-me um turbilhão... fóra do templo cáio...
¡Pasma! e vejo (¡oh! ¡terror!) fechados seus portões.

Chorei. Sacerdotisa exclusiva das funcções,
fóra do antigo asylo, oppressa da saudade,
co'a gloria murcha em flor, e a muda obscuridade
a ameaçar-me o porvir... chorei; parti... Calae;
a ninguem accuseis; aos fados o imputae.
Em toda a parte, e sempre, aos genios abrazados
no enthusiasmo do bello, hão sido hostis os fados.

Tantos annos de exilio em meu torrão natal
inda me não teem gasto o amor, o amor fatal
que ao Theatro me attrai, que os ocios me envenena,
e só me dá viver, folgar, florir, na scena;
na scena, lares meus, meu vergel, meu abril;
na scena onde as paixões dão extasi febril,

o ser se multiplica, a alma cresce, e os delirios nos fazem disfrutar a gloria entre os martyrios.

II

¡Oh! ¡se te amo, Theatro! ¡oh! ¡se te devo amor!
Quanto sou, foi teu don, meu bello salvador,
theatro, capitolio, escola, asylo, mundo.
Se vélo, penso em ti; se durmo, o somno fundo
ás penas da saudade os gosos substitue;
então, qual foste, és meu; eu, tua sou, qual fui;
sonho ver apinhada a luminosa sala,
vibrar aos gestos meus, tremer á minha fala;
e, como outr'ora, então, logo ali, tambem eu
aos seus brados vibrar, tremer no applauso seu.

Do sonhado triumpho em que morrer devia,
acordo... e recomeço as saudades do dia.
Da aurora á noite assim, do escuro ao sol que sai,
inutil, semi-morta, a vida se me esvai.

Por isso, quando escuto a voz da humanidade
invocar no infortunio a meiga caridade,
corro; acudo voando ao theatral festim;
(do que eu propria soffri, se fez piedade em mim);
e assim como Isabel trocava em frescas rosas
no regaço bemdito esmolos preciosas,
ajudada por vós, peitos sensiveis, bons,
as flores da Poesia as troco em aureos dons;
aureos dons, a que o Ceo benções dará; ¡que digol:
vós sois os que esmolais, eu, sou a que mendigo;
eu, da infancia que implora, eu, sou a humilde voz;
mas a mão do Senhor, que se abre e dá... sois vós.

III

Por cidades e campo outr'ora, ao perto, ao longe,
envôlto em seu borel, encanecido monge,
co'o pardo saco ao hombro, as sandalias nos pés,
nas mãos bordão nodoso, ao sol crestada a tez,
impassível á injúria, ao sol, ao vento, ás chuvas,
pedia, extranho á terra, os seitis das viúvas,
do colono a paveia, e do pobre os reaes;
depois, abria o saco, e mosteiros Reaes
lhe pulavam de dentro, aos seculos assombro.

Hoje, em vez do ermitão, pés nus e saco ao hombro;
actor que já no drama o seu papel perfez,
disse o Autor á mulher: — «Agora, a vossa vez,
«sexo amor, sexo mãe: dae novo curso á esmola:
«o convento cahiu; que se alevante a escola.»

IV

Finda a estação gelada, a bosque e monte nus,
progresso eterno, o sol faz de calor e luz
verduras, esperança, aromas, graças, flores,
musicas mil no ar, nos peitos mil amores;
e nos ninhos á sombra, e no flóreo matiz,
e nos chãos de esmeralda, em tudo, já prediz
que vem lá o verão; que d'esses mudos ovos
vão pulular, fugir, sem conto, alaídos povos;
que é messe de oiro a relva; um pomo cada flor;
cada fragrancia um favo. ; Hosana ao Creador!
;ao Progressista Summo! ;ao Prodigioso Eterno!
que no mundo moral, como no mundo externo,
ao pensamento e ao sol impoz a mesma lei:
— *A'vante! ávante sempre! em fogo, em luz crescei;*
«sólva-se o rude inverno em rica primavera;
«para o bem, para mim, se avance de era em era.»—

E cada interior, cada vez mais a abrir
á fé, dos Ceos reflexo, e aurora do porvir,
de suave piedade a mais e mais se inunda,
aroma que o embalsama, e polen que o fecunda.

Parabens, sexo meu, mil parabens nos dou.
Hoje, de ser mulher, ufana, ufana estou.

Para os homens, o fôro, a industria, o parlamento,
a força, a espada, a gloria, o estrondo, o movimento;
a escola é nossa; é nosso o quinhão que mais val;
a escola é da mulher, desde que é maternal,
desde que chama, attrai, com pródigo carinho,
desde que, em vez de jaula horrenda, é claro ninho,
fôfo, tépido, flóreo, abundante de grãos
pingues, doces ao gosto, apetitosos, sãos.
A escola, ha pouco inferno, inferno de innocentes,
sim hoje é ceo, e é nossa. Os fados recrescentes
da humanidade em marcha á conquista da luz,
cedo confirmarão ao sexo nosso o jus
de ser mãe té ao fim, de ultimar com deleite
a amamentação d'alma aos que nutriu co'o leite.

V

¡Oh! ¡se a tivesseis visto, a escola, como eu vi,
a escola que ora nasce, a escola que ama e ri,
a escola claridade e cantos, como a aurora!
Damas que me escutais, ¡se a visseis! ¡se algum'hora,
attrahidas ali pelo ecco do prazer,
dos frutos pelo aroma, a chegardes a ver,
tanta attenção na infancia encher-vos-ha de pasmo,
de enlevo o seu progresso, o amor de enthusiasmo;
e exclamareis, como eu, a chorar e a sorrir:
—«¡Salve, ó berço, em que dorme a gloria do porvir!»

E todas, todas vós, como outras tantas fadas,
lhe fadareis que medre; e as Horas mais doiradas,
com azas de alvo azul, o olhar jorrando luz,
dóceis á benção vossa acudirão a flux;
e todas, todas vós, direis a todas ellas:

— «Tomae, tomae nosso oiro, ó fugitivas bellas;
«Horas, mães do progresso, Horas, que ao globo eguaes,
«de occaso a oriente, e sempre, e sem cançar, voais;
«ajuntae ao nosso oiro os nossos diamantes,
«resplendores sem fogo em seios palpitantes;
«e d'esta pedraria, e d'estes vãos metaes,
«surperfluos á belleza, e tanta vez fataes,
«de tudo isto, e de nós, que somos á innocencia
«o calor da vontade, a luz da intelligencia,
«da arvore da vida a raiz, seiba, e flor,
«componde para a terra um novo Edén de amor.»

E as Horas apressando o vôo alvoroçadas,
fieis á intimação de tão possantes fadas,
correrão a cortina á scena do porvir.
Deus do alto a contempla entre Anjos a applaudir.

VI

¡Oh! ¡do divino drama acto novo e sublime!
¡Surge electrico sol! O error, o vicio, o crime,
sombras da noite d'alma, e a inercia odiosa e van
vão fugindo ao crescer da esplendida manhan.

A mulher toma ao collo a nova humanidade;
duas vezes lhe é mãe; mais que mãe: divindade;
co'o seu halito amante apressa-lhe a rasão,
dá-lhe o instincto do justo, e do nobre a ambição;
a todos o dever como o direito é sacro;
brilha nume o que fôra apenas simulacro:
a Liberdade; o Povo adora as proprias leis;

os Reis são cidadãos; os cidadãos são Reis;
em todos resplandece a dignidade humana;
equilibrio feliz eleva, exforça, irmana.
Todos estão em tudo, e tudo em cada um;
communs o bem e o mal, como a vida é commum;
a sciencia geral, geraes as artes bellas,
vivificante o ar que expira d'ella e d'ellas.

VII

¡Mas ahl... ¿previ? ¿sonhei?... ¿a idade de oiro, ó Deus,
ter-nol-a-has tu guardado entre os arcanos teus?!
Delirio; os Ceos, são Ceos, e o nosso mundo é mundo.

Sim; mas o bem, de bens cada vez mais fecundo,
em sua evolução cresceu de avós a paes,
de paes a filhos cresce, e ha-de ir perenne a mais.

Progresso creador, tal crença em ti é nova;
creastel-a tu mesmo; e ella o teu ser comprova.
¡Fé santa! ¡fé sublime! ¡inspiradora fé!
pintas o que ha-de ser co'a viveza do que é;
estendes no ideal os terminos do certo;
das distancias os graos destroys; é tudo perto;
mais que perto: é presente; abraça-se; é vivaz;
gosa-se; a alma cresceu; crê em si, ousa, faz;
consegue tudo. A fé, que transportava os montes,
cria mundos no mundo ampliando os horizontes.
Por ti, ante o querer tudo possivel é,
fé santa, fé sublime, inspiradora fé.

¡Mal haja a mente escura, o coração covarde,
que te repulsa a luz, que aos raios teus não arde,
e frio, escuro, immoto, á corrente se oppõe,
que de espumas o cospe, e férvida o transpõe!
Fique-se; encrave os pés no abysmo eternamente.

Nós, ondas verde-azues, sigâmos na corrente
lá para as regiões d'onde um vago arrebol
augura a terra e Ceo mais Deus em maior sol.
Rolemos murmurando o hymno sem fim de amores;
de cima o sôpro vem que nos roja entre flores;
rolemos; do Supremo a providente mão
foi que abriu nosso leito, alveo sondado em vão,
mysterioso, ascendente, errante na apparencia,
mas sempre a progredir; ¡rolemos! ¡Resistencia
quem poderia oppôl-a ao impeto caudal?

VIII

¡Mas sabeis vós qual seja o grupo sideral
que n'esta hora do mundo attrai esta corrente,
a marchéta de luz suave e refulgente?
Essa constellação, feliz, terna, gentil,
mulheres, soil-a vós. O horóscopo infantil
que em puericia ditosa adita a adolescencia,
dobra ao adulto a força, ás cans dobra a sciencia,
(¡que outrem podéra sel-o?) ó damas, vós o sois.

Sexo meu, parabens, ¡gloria a vós! ¡marchae pois!
¡Sois vós menos que o monge? elle ante a humanidade
teve um prestigio: a fé; vós tende a caridade.
Caridade é o amor em fórma feminil.

IX

¡Quem resistiu jámais á supplica infantil
de creanças sem lar, sem pae, sem pão, sem veste,
que, alta noite de inverno, á chuva, ao vento agreste,
descalças, Deus na voz, e lá dentro nem Deus,
apegadas á mãe, seguem co'os choros seus
o peão distrahido, o coche luminoso,
que vão da op'ra á ceia, ou do amor ao repouso?

Não ha tão ferreo peito, onde uns eccos sequer não vibre aquella angustia; e seio de mulher... nenhum, juro, nenhum, que em dó se não desfaça.

Mas taes scenas do drama infindo da desgraça não são o drama todo: as creanças sem pão, que entrevedes e ouvis prantear na escuridão, vagam de longe a longe, expressam co'o lamento só a dor que lhes traz cada aspero momento: a dor physica, o frio, a fome. Inda ha peor: o mal que se não vê, nem se queixa, é maior.

A escuridão da mente a quem faltou cultura mata em germen a vida. Em vão á creatura se pergunta depois:—«¿Onde é teu Creador?!
«¿E's sua imagem, tu, tu, alma sem fulgor,
«peito sem coração, movimento sem alvo,
«verme de instinctos vis?! A luz te houvera salvo...
«perdeste te; e se o mundo avaro te esqueceu,
«pereces bem vingado: o mundo te perdeu.»

Mulheres, ¡eia! ¡ávante! anjos da santa esmolã, vosso foi sempre o berço, e é berço augusto a escola.

XX

MORETO

TRADUÇÃO DE UM POEMA ATTRIBUIDO A VIRGILIO

OFFERECIDA

AO

EX.^{mo} CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ D'AVILA

¿Apeteceis conhecer o que era o *moretum*? Era um conduto rusticissimo dos antigos Romanos; só por isso é que ritualmente o apresentavam nos banquetes de Cybelle na Capital do mundo, e nos dias do seu maximo esplendor. Temos á mão com que vos satisfazer a curiosidade; desafiar-vos o appetite, não diremos. Era o *moretum* confeição para nós hoje em dia antipathica em tanto auge, que nos obriga a exclamar, como Horacio contra o alho: *O' brutos estomagos dos lavradores. E alhada* seria de feito a mais acertada traducção de *moretum*; *agliata* lhe chamam os Italianos.

¿Por que será que, tendo sobrevivido aos regações romanos tão diminutas noticias da sua arte culinaria, e da sua conservaria, não despicienda apesar da falta do assucar, se nos conservou inteira, completa, e mais que minuciosa, a receita de uma comida tão vil-lan? Aos banquetes opíparos dos salios, por-

ta fechada; para um almoço de *moretum* na choça de um hortelão da antiga Napoles, entrada franca.

Não só havemos de comer em espirito o *moretum*, unico modo por que nos parece tragavel, mas até havemos de assistir á apanha dos seus ingredientes, e á sua circumstanciada manipulação.

A's ceias pontificaes só assistiriam voluptuarios, a quem pouco se dava da cosinha e seus arcanos, uma vez que as iguarias chegassem aos triclinios merecedoras de que as precedessem flautistas, e as acompanhassem como em triumpho mimos e psaltrias; mas pelo casalejo de Sínilo passou um poeta; namorou-o a amenidade da horta, que, no seu tanto, nem jardins de Alcínoo lhe davam de rosto; entrou (viria de Roma ou iria para Roma); tudo que o interior do tugurio lhe descobriu do viver laborioso e simples de um solitario, contente e feliz com tão pouco, o induziu a reflectir com amor, se lhe não suscitou boas invejas. N'essa hora, comparando caladamente os faustos e os estrondos da Capital do mundo com a profunda paz de tal vivenda, onde por sentinella bastava o gallo, para muralhas um canavial, e por escravaria um par de novilhos e uma preta, temperou por força a sua poesia com uma philosophia sempre velha, mas para elle então como que nova: a philosophia, que em estylo aphorismatico de sábios da Grecia ensina a contentar com pouco, e a sonegar a existencia aos olhados da inveja e aos vaivens da fortuna.

¿ Como se chamava esse poeta? ninguem

hoje o sabe ao certo para o affirmar; crêem uns, que fosse Aulo Septimio Sereno, contemporaneo de Vespasiano, nado na Africa romana, e creado em Roma; autor de poemets campestres, *Opuscula ruralia*, de que só duram fragmentos; outros suppõem que ao grego Parthenio, ou mestre ou amigo de Virgilio, pertenceu originariamente esta exercitação, trasladada a poesia latina pelo alumno; outros teem que fosse o autor Virgilio mesmo.

Os eruditos que o disputem se lhes dá cubiça; o que eu sei é que este poema, se bem conheço o meu amigo Virgilio, é todo conforme aos gostos nativos do Theócrito, Hesíodo, e Homero romano.

Não me alleguem por argumento em contrario o não haver n'estes versos, nem a altiloquia heroica, nem o didactico sóbrio e ornamentado, nem o pastoril, delicado, engenhoso, mas simples. Cada genero literario tem lá as suas leis peculiares.

Descriptas servare vices operumque colores.

Virgilio, pelo seu optimo senso, bem o sabia, e optimamente o manifestava, em tudo que sahia do seu calamo para o papiro, ou do seu estylo para as tabellas. As suas tres grandes obras, cada uma prima e primorosa na especie a que pertence, só n'isso se irmanam umas com as outras; no demais seria difficil comparal-as; o que se pôde dizer considerando-as, é que tiveram o mesmo pae, e que o pae era um formoso genio; as feições, as maneiras, os gostos e os primores d'aquellas tres irmans, tão diver-

samente dotadas e educadas, tanto se extremam entre si, que *Bucolica*, *Georgica*, *Eneida*, são tres individuos poeticos tão impossiveis de confundir, como os assumptos em que se exercem: o ocio dos pegureiros, a actividade dos lavradores, as proezas dos heroes.

São como as tres Graças, que todas resumbram no rosto, nos ademanes, na suavidade, a sua origem celeste, mas que certamente haviam de ter indoles, dominios, e influxos demarcados e privativos.

Se considerarmos o *moretum* só pelo vulto, de longe e de passagem, parecer-nos-ha pouco mais que uma receita em verso, escrita, segundo a suspeita de um nosso amigo muito douto, por alguma cozinheira curiosa e letrada d'aquelles tempos. Mas, se, mais attentos, o espreitarmos bem por dentro, enxergal-o hemos recheado de pequenas bellezas a fugir, que não deixam de ter o seu *quid* virgiliano. Estános lembrando aquelle cepo de quasi informe escultura, que symbolisava as Graças; adoravam-n-o os Gregos; não pela exterioridade, senão porque, logo que se abria, se descortinava enxameado de um sem conto de graçasinhas, qual a qual mais linda e primorosa. E' lêl-o reflexivamente. ¡Com que industria não vão ali semeados, com um descriptivo de coisas triviaes, minucioso em verdade, mas intencionalmente minucioso, e de não leve merito por parte da exacção, da clareza e do seu remoto de dois mil annos; com que industria, repetimos, não vão ali semeados toques de moral, de philosophia, de saudade, e de amor á Natureza, quaes ao Mantuano cahiam sempre sem se sentir !

Nos campos de Andes, aldeóla convisinha a Mantua, nascêra e se creára Virgílio. Se a ventura, sob o aspecto de desgraça, o conduziu depois á Capital do mundo; se o seu genio lhe franqueou os palacios de Mecenas e de Cesar; se ahi conviveu com os primeiros homens do grande seculo; se os seus versos eram admirados na côrte e applaudidos nos theatros; se o povo parava para o ver nas ruas, e nas reuniões festivas dos espectaculos saudava o seu apparecimento como de principe; se a munificencia imperial lhe liberalisou com que haver vivenda luxuosa no ostentoso bairro das Esquilias, contigua aos jardins de Mecenas, nunca, jural-o-hiamos, em meio de tão levantadas magnificencias, se lhe desluziram do espirito affectuoso as memorias d'aquellas amenissimas pobreza de sua creação; a *Eneida* mesma n'ello manifesta a cada passo. ¿Que versos ha ahi n'esse opulento inventario das grandiosidades romanas, chamado *Eneida*, que nós releiamos com mais satisfação, e com mais satisfação podessem ter sido escritos pelo autor, que os relativos ao viver semi-silvestre de el-Rei Evandro? ¿Como tudo aquillo é campesino! ¿como se está bem n'aquelles paços-choupana, entre arvores incultas, sem guardas pretorianas, nem outras alvoradas senão as dos passarinhos! ¿E onde nos põe elle todas essas nativas simplezas, tão descançadas, tão sonoras e tão fragrantas? no proprio torrão onde as está celebrando mil e trezentos annos depois, quando os bosques e os pastios são ruas, foros, templos, theatros, banhos, e palacios!

Estas contraposições da opulencia contemporanea com os primórdios selvaticos, namoravam a todos os poetas do seculo cesáreo; é abrir Ovidio ao acaso nos *Fastos*.

Mas o cōtraste só por si não continha toda a rasão de se elles voltarem tão complacentes e a miude para essas reminiscencias de outras eras. Das suas memorias biographicas se depreheende quanto o ocio amenissimo dos campos, poesia já feita pela propria Natureza, os seduzia e os inspirava. Ovidio rusticava de muito boa mente; por elle mesmo o sabemos; ¿poderia Virgilio deixar de o fazer?

Diz Juvenal que Virgilio, se não houvera sido rico e disfrutado as commodidades da vida, não teria sahido tamanho poeta. O nosso Garção diz o contrario a proposito de Camões:

«Não escreve *Lusiadas* quem janta
em toalhas de Flandres, quem estuda
em camarins forrados de damasco.»

Nem um nem outro tem rasão, parecendo ambos tel-a; o que é certo é que, se Virgilio enriqueceu, e poetava a sua *Eneida* em casarias suas muito nobres, no bairro das Esquilias, com boa livraria, paineis e servos, e provavelmente carruagem e cadeirinha, as *Eglogas*, a *Georgica*, e muitos outros dos seus poemetos enfeitados, e muitas descrições e comparações das mais famosas, profusamente semeadas na mesma *Eneida*, trouxeram origem dos primeiros annos da sua vida, dos tempos em que era pobre, morava na aldeia, e vivia familiarmente com a Natu-

reza campestre. As hortas dos *Símilos* muitas vezes lhe haviam de lembrar em casa de Mecenas e no palacio do Imperador.

Da *Georgica* se crê haver sido apprehendida por conselho de Mecenas, para ver se pela Poesia os Romanos se voltavam um tanto para o amor da Agricultura, delicias dos seus antepassados. Se assim foi, excellente era o intuito, porque o trato da terra corria então em grande desamparo; triste resultado da espoliação de tantas propriedades ruraes em favor das tropas; da diminuição de braços consumidos pelas guerras; dos habitos luxuosos, introduzidos pela opulencia das conquistas; e emfim dos latifundios, que mantinham sob o dominio esteril de poucos, solo que houvera alimentado a innumeraveis. Boa politica foi portanto essa de Mecenas, se elle a aventou, e bem discreta a escôlha que de Virgilio fez para lh'a realisar; mas, como o supposto se não prova, inclinamo nos antes a deixar toda a honra da iniciativa ao proprio poeta; e não empregámos bem a palavra *honra*; foi só o seu pendor natural o que sem nenhum exforço para ali o conduziu, como em qualquer idade nos repastamos por instincto nas lembranças da nossa infancia.

Ou áquella ideia de Mecenas, ou a esta que lhe nós antepomos, podemos tambem em parte attribuir a anterior publicação das *Bucolicas*; collecção de alguns poemas curtos, e de natureza pelo demais arcadica, compostos por Virgilio. O poeta, chamando *Eglogas* a esta collecção, o que nos dá a ideia de *escolha*, despediria d'ella, pelas reputar mais fracas, outras suas composições de indole

muito análoga; n'esse refugo se comprehenderia o *Moretum*, o *Hortulus*, a *Copa*, e o *Culex*; opusculos que teem entre si uma grande fraternidade de espirito.

Quanto á *Copa*, não é de certo para desdenhar a opinião de Philarète Chasles, que teima e bate fé em como é virgiliano aquelle brinco. Pelo que respeita ao *Culex*, Marcial mesmo o dá sem controversia por virgiliano, com reconhecer-lhe menos quilates:

*Protinus Italiam concepit, et arma virumque,
Qui modo culicem flevrat ore rudi...*

Já alguém, querendo vir commigo a bom concerto sobre a paternidade do *Moretum*, me disse, que, se de Virgilio era, aos seus primeiros annos se devia attribuir, e adscreever-se ás suas ainda balbuciantes tentativas, mais de metrificador descritivo que de poeta. Com toda a minha consciencia repulso como injusta a affronta da concessão. Acho eu mais provavel que o *Moretum* fosse escrito no seu luxo de Roma, do que ao sahir da sua infancia rustica; porque, se elle tivesse debaixo dos olhos os objectos que no poema se descrevem, e não collocados na distancia que os torna artisticos, não seria tentado a miudeal-os por tal arte. Dizia Rousseau, que para bem falar da liberdade lhe conviria estar na Bastilha. N'esta parte todos nós temos o nosso tanto quanto de Rousseau.

Seria facil approximar a muitos dos versos do *Moretum* muitos outros do autor que lhe suppomos; mas contentâmo-nos de apontar, para que se note, aquella admiravel comparação que o poeta nos faz de Vulca-

no, madrugando para ir fabricar o escudo de *Enéas*, com a mãe de famílias, pobre, virtuosa e vigilante. Esta comparação, simples e formosa como uma parábola bíblica, é repassada da sensibilidade melancólica e semi-christã do nosso inimitável poeta.

Eil-a aqui:

Inde ubi prima quies, medio jam noctis abactæ
Curriculo, expulerat somnum; quum femina primum,
Cui tolerare colo vitam tenuique minerva
Impositum cinerem et sopitos suscitât ignes,
Noctem addens operi, famulasque ad lumina longo
Exercet penso, castum ut servare cubile
Conjugis, et possit parvos educere natos,
Haud secus, etc.

Para os que se não podem regalar com a leitura de tão finos versos, aqui lh'os damos traduzidos pelo bom do João Franco Barreto; é um panno de raz pelo avesso; mas paciencia, que o não ha melhor para elles:

«Assim como a mulher a quem agrada
passar co'a roca, ou com tear a vida,
que se levanta mui de madrugada,
e esperta a cinza e flamma amortecida,
acrescentando á obra a socegada
noite, e á luz da luzerna apercebida
em um longo fiar, cuidosa e afflictâ
as famulas occupa e exercita,
para que guardar possa castamente
o leito e cama do marido amado,
e os seus pequenos filhos alimente
que ambas as coisas lhe dão gran cuidado.»

Pergunto aos que poderam ler devidamente aquelles versos latinos: ¿esta cuidada mãe de famílias não será irman legítima do Símilo do *Moretum*? Porém insistirá talvez alguém: ¿onde ha ahi por cima de todo

este perpetuo descrever do *Moretum*, coisa que se assimilhe á idealidade, sem a qual se não concebe nem poesia nem Virgilio? Onde! em tudo ou quasi tudo, quando se queira e saiba ler sem prevenção adversa; mórmente cá tão longe e tão tarde. Vista faz fé. Ahi vai o *Moretum* com a sua quasi servil traducção em alexandrino de rimas alternadas.

I

Dez horas ha que é noite; a alada sentinella d'entre a bruma invernosa o dia emfim revela.

Símilo, de horta escassa o rustico abegão, em seu grabato acorda; o frio agudo em vão lhe aconselha que jaza, embora o gallo cante; a luz que já lá vem lhe diz que se alevante; que ao diario sustento é forçoso acudir. Remancha... mas surgiu.

Co'os olhos de dormir vai tacteando o escuro; acha o lar; palpa, e sente morder lhe do borralho a occulta braza ardente. Despendura a candeia; inclina-a devagar para o débil clarão que resurgiu no lar; toma a espeitadeira; e co'a fronte pendida puxa, approxima, accende, a estopa da torcida. A poder de soprar reanima o fogo; já co'a fogueira vivaz rindo a cozinha está. Guardando a luz co'a mão contra o vento protervo, chega ao seu celleirinho; abre-o. e entra; um acervo não mui alto, de trigo, ali por terra jaz. Toma d'elle a porção que julga ser assás, a libras dezasseis no pezo equivalente. Ao moinho de mão caminha em continente.

Pregada na parede está junto da mó uma prateleirinha, ordenada tão só para lhe ter a luz emquanto móe. Desnuda os braços; avental, deu-lh'o cabra felpuda; inda a cauda lá pende; ergue-a, e com ella o pó varre mui bem de dentro e em derredor da mó.

Escasqueado o engenho, eis dá principio á lida,
entre direita e esquerda irmãmente partida;
que a moagem sonora occupa ambas as mãos:
a direita, a girar; a esquerda, a dar os grãos.
O rodar se aferventa; a pedra do moinho
vôa cada vez mais em alvo remoinho;
do grão que entrou doirado álbida chuva sai.
Se a dextra cança, a irman presto suppril-a vai.
Ajudam-se uma á outra, e zombam da fadiga.

Só, calado, e lidando, é mau; venha a cantiga,
a campestre cantiga herdada já de avós,
tão d'elle e tão de molde á sua agreste voz.
Canta. ¿Onde ha hi canceira em meio a taes cantares?

II

Outro fôlego vivo inda ha porém nos lares:
Cybale; entra a chamal-a; é tempo de se erguer;
Cybale, do casal e do seu pobre haver
a serva guardadora. A pinta não engana;
quem n'ella os olhos põe, diz logo: és africana.
Lan, por cabello; o beijo, inchado; escura a tez;
no peito ampla extensão; nos seio: flaccidez;
o ventre comprimido; a perna sem grossura;
o calcanhar gretado; a planta enorme e dura.

Torna a chamal-a; chega; ordena-lhe ao fogão
metter lenha, pôr agua ao lume.

A rotação
já deu fim á tarefa; agora a mão ligeira
lança todo o moído á concava peneira,
e sacode-a, e sacode-a, até que a sêmea vil
pule extreme ao de cima; em baixo, a flor subtil,
da farinha fugida á nuvem grossa e leve,
poisa, se alastra, alveja em cumulos de neve.
Em liza tábua a ajunta, a amontôa mui bem;
infunde-lhe porção d'agua que ao lume tem;
mistura, volve, amassa, endurece, redobra
as abas para o centro; emquanto adianta a obra,
vai na massa lançando em conta o vitreo sal.
Amassou, tende.

E' prompto o pão, don cereal
disco achatado e amplo, em quadros dividido.

Já o lar do fogão, por Cybale varrido,
chamando a bôla está; prompto ali a introduz;
por cima um testo põe. Sobre o testo reluz
de áscuas em abundancia esplendida larada.
Cumpram Vulcano e Vesta a parte que lhe é dada,
que a Símilo entretanto incumbe outro mister.
Não lhe basta haver pão; tambem conduto quer.

Não tem na chaminé suspensos ao fumeiro
salgado lombo, ou pás de javali caseiro,
com que a seu parco ventre opímas glorias dê;
o que em cordão de esparto enfiado ali se vê,
é só redondo queijo, e um mólhinho pendente
de endro secco e sem côr, mas inda rescendente.
;Fraca? pitança aquella, a quem tão prompto esmoe!
de algures ha-de vir remedio ao nosso heroe;
vem, e não vem de longe.

III

Ao rés da choupaninha
fica a pequena horta, a próvida vizinha,
com vimes por tapume, e seu cannavial
que offerta annual um córte e rebenta annual.

Não é amplo o torrão; porém no bem disposto,
no crear tudo e bom, a todos dá de rosto.
Nada fallece ali do que ao pobre convem;
;que digo? o proprio rico ali mil vezes vem
buscar com que acrescente os dons na lauta meza;
se é pobreza, á riqueza acode esta pobreza.

;Taes frutos provirão do grande despender?
;ohl não; trabalho e regra é que dão tanto haver;
se vem fechado de agua um dia em que não possa
alongar-se do lar, perder de vista a choça;
se vem outro de festa; em summa: se, depois
que a lavoira acabou, dá folga a arado e bois,
é todo horta e mais horta; esse trato campestre
não tem devoto equal, nem mais insigne mestre.

Sabe como ninguem dispôr em seu lugar
cada planta diversa; as leis do semear;
a arte de conduzir de canteiro em canteiro
pelos vítreos canaes um fluido rigueiro.

! Como lhe medra a couve entre essa fresquidão!
! como a acelga se alastra! oh! ! como a pulos vão
as labças medrando! je alem a malva ufana!
je aqui toda viçosa a ênula campana!
je a cherivia! ja cebola! ja formosa cruel
dormideira, que mata, e confeitada em mel
se a torraram primeiro é bello postre! je a alface,
que entre lautos festins mostra sem pejo a face!
je a abóbora bojuda, o monstro vegetal
que onde nasceu, poisou em somno perennal!

! Com tanta profusão quem é que se regala?
o povo; ao fazendeiro, o gosto de creal-a
lhe basta; homem tão sóbrio ainda não nasceu.
Cada nundina vai d'este grangeio seu
os frutos, como ouriço elle proprio avergado,
leval-os á cidade, expól-os no mercado,
d'onde, acabada a venda, ao seu casal feliz
volve, quente de bolsa e leve de cerviz.

Se traz carne do açougue, é rara vez na vida;
qualquer coisa lhe basta e sobra por comida:
a cebola vermelha, o picante agrião,
a roda do alho porro, o almeirão e o rinchão,
o rinchão que do amor excita ás igneas festas.

IV

Cogitando talvez alguma coisa d'estas,
entrou na horta pois; direito aos alhos vai;
co'os dedos fossa a terra; um, dois, mais dois extrai;
de aipo uns raminhos colhe, arruda e mais coentro.
Regressa para casa; e apenas está dentro,
senta-se ao vasto lume, e pede á serva o gral.
Cebolas pela; em torno alastra-se o estendal
das camisas subtis que enjeita; emfim já franco
apparece lustroso o bôlbo interno branco;
em agua o banha, e o lança ao marmóreo pilão.
Deita sal, deita queijo a que inda unidas vão
novas codeas de sal, um queijo ressequido;
e ajunta áquillo tudo as hervas que ha trazido.
Entre as coxas co'a sestra o fato submetteu;
co'a mão do gral a dextra exerce o labor seu;
móe os alhos primeiro, e logo de mistura
tudo mais que apanhou se esmaga, se tritura;

funde os sumos n'um sumo, as côres n'uma côr;
alva não, que se oppõe das hervas o verdor;
mas verde tambem não, que das hervas o verde
do queijo co'a brancura o ser nativo perde.

Os cheiros egualmente eram tantos, são um:
acre, importuno, acerbo, asperrimo fortun,
que as largas ventas lhe enche e o faz torcer a cara.

A quebra do jejum sai-lhe ao nariz bem cara;
choram-lhe os olhos; raiva, e enxugando-os co'a mão
contra o fumo sem culpa exhala a indignação.

Pouco resta a fazer; já tudo é massa branda,
e em menos leve giro a mão do gral já anda.
Instilla o de Minerva aurífero licor
co'um golpe de vinagre, e torna a sotopôr
pela ultima vez o polme rescendente
ao macio girar da clava contundente.

Concluiu, raspa o gral co'os dedos; junta, e põe
tudo n'um monte, o alisa, o vulto lhe compõe
na costumada fórma e co'o sabido aspecto
do que entre os aldeões tem nome de Moreto.

Cybale, sempre attenta ao que a seu cargo tem,
saca o pão do borralho, apresentar-lh'o vem.
Lava o rustico as mãos primeiro que li'o tome,
e recebe-o folgando; agora é rir da fome;
já para todo o dia á farta se proveu.

Pois se desjejuou, toca ao trabalho seu.
De botas e sombreiro emfim sai da cabana.

Os bezerros, que ao lado esmoem na arribana,
dobram á dura canga a callosa cerviz:
são horas de ir lavar.

Vê-los lá vão servis,
antes dóceis, á voz do seu agreste amigo,
revolver esse chão, que espera o loiro trigo.

Lisboa
Julho de 1860

Obras completas de A. F. de Castilho

- 3 — Cartas de Ecco e Narcizo, verso.
- 4-5 — Felicidade pela agricultura, 2 vols.
- 6-7 — A primavera, verso, 2 vols.
- 8 a 15 — Vivos e mortos, apreciações morais, literarias e artisticas, 8 vols.
- 16 a 18 — Escavações poeticas, versos, 3 vols.
- 19-20 — O presbyterio da montanha, prosa, 2 vols.
- 21-22 — O outomno, verso, 2 vols.
- 27-28 — Novas Escavações poeticas, verso, 2 vols.
- 29 a 32 — Theatro, Camões, drama e notas, 4 vols.
- 33 — Theatro, Canáce, tragedia original.
- 34 — Theatro, Um anjo da pele do diabo — O casamento de oiro, comedias.
- 35 — Theatro, Aristodemo, tragedia. A volta inesperada farça
- 36 — Theatro, A festa do amor filial. A filha para casar, comedias.
- 37-38 — Palestras religiosas e consolações, prosa e verso, 2 vols.
- 39 a 45 — Casos do meu tempo, prosa, 7 vols.
- 46 — Estrelas poeticas para o ano de 1853, verso.
- 47 a 50 — Télas literarias, prosa, 4 vols.
- 51 — Os ciumes do bardo, As flores, e a confissão de Amelia, verso.
- 52-53 — Mil e um misterios, romance dos romances, 2 vols.
- 54 — A noite do castelo, poema.
- 55 — Tributo portuguez á memoria do Libertador, prosa.
- 58 a 60 — Novas télas literarias, prosa e verso, 3 vols.
- 61 a 63 — Methodo Portuguez de Leitura. Directorio do mesmo, 3 vols.
- 64-65 — Castilho pintado por êle proprio. As escolas dos asilos de Infancia desvalida, 2 vols.
- 66 — Felicidade pela instrução.
- 67 — Ajuste de contas.
- 68-69 — Noções rudimentares para uso das escolas, 2 vols.
- 70 a 72 — Resposta aos novissimos Impugnadores do Methodo portuguez, 3 vols.
- 73 a 75 — Tratado de Mnemónica, 3 vols.
- 76 — Ou eu ou eles, e Tosquia de um camelo.
- 77 a 80 — Cartas, 4 vols.